

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**ELISA CASÇÃO FERREIRA**

**Teorias da conspiração e narrativas de política externa: análise do discurso do chanceler  
Ernesto Araújo e da mídia alternativa brasileira (2019-2021)**

São Paulo

2023

**ELISA CASÇÃO FERREIRA**

**Teorias da conspiração e narrativas de política externa: análise do discurso do chanceler  
Ernesto Araújo e da mídia alternativa brasileira (2019-2021)**

**Versão corrigida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Pereira Loureiro.

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Seção Técnica de Biblioteca  
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Ferreira, Elisa Cascão

Teorias da conspiração e narrativas de política externa: análise do discurso do chanceler Ernesto Araújo e da mídia alternativa brasileira (2019-2021) Elisa Cascão Ferreira ; orientador: Felipe Pereira Loureiro. -- São Paulo, 2023.  
135 p.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

1. Ernesto Araújo 2. Governo Bolsonaro 3. Extrema direita 4. Política externa  
5. Teorias da conspiração I. Loureiro, Felipe Pereira, orient. II. Título.

CDD – 327.81

Responsável: Maria Marta Nascimento - CRB-8/6200

## **Agradecimentos**

Desde o início da minha graduação em Relações Internacionais, eu tinha o sonho de me tornar mestre depois de finalizar a graduação. No início, nem eu sabia explicar direito porque tinha esse sonho. Hoje, caminhando para a finalização desta trajetória, entendo perfeitamente o que me fez chegar até aqui, mas principalmente quem foram as pessoas que tornaram a realização do meu mestrado um sonho possível. Sei também o quanto devo agradecer a quem esteve ao meu lado, direta ou indiretamente. Apesar de não conseguir colocar nominalmente todos que fizeram parte desta conquista aqui, citarei alguns indispensáveis.

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Felipe Pereira Loureiro, que me guiou em todos os momentos, sempre me dando coragem de encarar os desafios que a pesquisa exige. Agradeço especialmente por ter permitido que eu me desenvolvesse como pesquisadora, enquanto buscava sempre a realização de uma pesquisa de excelência. Não tenho palavras para demonstrar o quanto sou grata por ter tido a oportunidade de ser orientada por um profissional tão competente e dedicado. Muito obrigada.

Agradeço também aos meus familiares, principalmente meus pais, Márcia e Tuite. Obrigada pela paciência com minhas ausências, pela dedicação em entender minha pesquisa e pelo incentivo de ir sempre mais longe. Sei o quanto vocês batalharam para que hoje eu pudesse me dedicar aos meus sonhos. Serei eternamente grata por tudo que vocês fizeram e ainda fazem por mim.

Às minhas amigas Victoria e Gabriella, que estão comigo desde o início da graduação. Obrigada por sempre se fazerem presentes e, principalmente, por sonharem tão alto quanto eu. Agradeço também à Heloisa, por fazer parte dos meus planos e por apoiar aqueles que eu traço sozinha. Às minhas amigas de longa data, que me conhecem desde a infância e me aguentaram de lá até aqui, mesmo falando sem parar sobre teorias da conspiração e política externa. Por fim, agradeço também aos meus amigos do Instituto de Relações Internacionais da USP, pela amizade, pelos apontamentos e pela presença, contrariando os desafios de ter feito o mestrado durante uma pandemia.

Agradeço ao Gabriel, que foi meu apoio desde o início do processo seletivo até o dia do depósito da dissertação. Obrigada por me escutar, me encorajar e ser meu maior

incentivador. Obrigada por sonhar junto os sonhos que antes eram só meus e por estar sempre do meu lado.

Por fim, agradeço à Universidade de São Paulo e ao Instituto de Relações Internacionais, pela oportunidade de ter aprendido com profissionais tão qualificados em todos os âmbitos. Agradeço pelo acolhimento que me foi dado e pela oportunidade de realizar minha pesquisa.

## RESUMO

Esta dissertação analisará se teorias da conspiração foram utilizadas como justificativas para ações de política externa tomadas durante o governo Jair Bolsonaro (2018-2022). Utilizaremos como caso de estudo a gestão do ministro Ernesto Araújo como Ministro das Relações Exteriores entre janeiro de 2019 e março de 2021. Para tal, compreenderemos se pode ser identificada a lógica de significação de teorias da conspiração, com base na teoria semiótica das teorias da conspiração, no discurso de Araújo. Almejamos, também, verificar se as mesmas teorias da conspiração estariam presentes em canais de comunicação alternativos de apoiadores do presidente Bolsonaro, sendo ressignificadas e disseminadas à população. Tendo como base a literatura sobre política externa populista de extrema direita, estudos sobre uso e difusão de teorias da conspiração, e a partir de uma perspectiva teórica de análise semiótica, examinaremos, em particular, o chamado “globalismo” – uma das principais teorias conspiratórias mobilizadas por Araújo enquanto chanceler –, com ênfase em quatro instrumentos globalistas principais, tal como entendidos por Araújo, a saber: ideologia de gênero, climatismo, *oikophobia* (medo do próprio lar/nação), e a política do medicamento correto. Espera-se que a pesquisa contribua para esclarecer melhor como teorias da conspiração são utilizadas para justificar ações de política externa em países governados por políticos populistas de extrema direita, bem como de que forma a disseminação dessas teorias junto à sociedade contribui para o enfraquecimento da democracia, coesionando e energizando uma base de seguidores.

**Palavras-chave:** Ernesto Araújo, Governo Bolsonaro, Extrema direita, Política externa, Teorias da conspiração

## ABSTRACT

This thesis will analyze whether conspiracy theories were used as justifications for foreign policy actions taken during Jair Bolsonaro's government (2018-2022). We will use as a case study the term of Minister Ernesto Araújo as Minister of Foreign Affairs, between January 2019 and March 2021. To do so, we will analyze whether the logic signification of conspiracy theories can be identified, based on the semiotic theory of theories of the conspiracy, in Araújo's speech. We also aim to verify whether the conspiracy theories would be present in alternative communication channels that support President Bolsonaro, being re-signified and disseminated to the general population. Based on the literature on far-right populist foreign policy, studies on the use and dissemination of conspiracy theories, and from a theoretical perspective of semiotic analysis, we will examine, in particular, the so-called "globalism" – one of the main conspiracy theories mobilized by Araújo as chancellor –, with an emphasis on four main globalist instruments, as understood by Araújo, namely: gender ideology, climatism, *oikophobia* (fear of one's own home/nation) and medical correctness. We hope that the research will contribute to better clarifying how conspiracy theories are used to justify foreign policy actions in countries governed by far-right populist politicians, as well as how the dissemination of these theories within society contributes to the weakening of democracy and energizing a base of ideological followers in society.

**Keywords:** Ernesto Araújo, Bolsonaro's government, Far-right, Foreign policy, Conspiracy theories

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS .....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE SIGLAS .....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO, POLÍTICA EXTERNA E ANÁLISE SEMIÓTICA DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.1 INTRODUÇÃO .....	18
<b>1.2. TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E POLÍTICA EXTERNA DE EXTREMA DIREITA .....</b>	<b>19</b>
1.2.1 TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: DEFINIÇÕES E CONCEITOS.....	19
1.2.2 ESTUDOS SEMIÓTICOS DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO .....	26
<b>1.3. CONCLUSÕES PRELIMINARES .....</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO II – O USO DE TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO COMO JUSTIFICATIVA PARA AÇÕES DE POLÍTICA EXTERNA NA GESTÃO ARAÚJO.....</b>	<b>36</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	36
<b>2.2. AÇÕES DE POLÍTICA EXTERNA NA GESTÃO ARAÚJO DO GOVERNO BOLSONARO .....</b>	<b>37</b>
2.2.1 O CONTEXTO POLÍTICO DA GESTÃO BOLSONARO .....	37
2.2.2 A ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA E AS PRINCIPAIS AÇÕES DA GESTÃO BOLSONARO .....	39
2.2.3 A LÓGICA DE SIGNIFICAÇÃO DA TEORIA DA CONSPIRAÇÃO GLOBALISTA... ..	47
<b>2.3. CONCLUSÕES PRELIMINARES .....</b>	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO III – A DISSEMINAÇÃO DE TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO POR CANAIS DE COMUNICAÇÃO .....</b>	<b>59</b>
3.1. INTRODUÇÃO .....	59
<b>3.2. METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>60</b>
3.2.1 CONSTRUÇÃO DO ARQUIVO .....	60
3.2.2 JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA DOS CANAIS ANALISADOS.....	61
3.2.3 METODOLOGIA QUALITATIVA DE ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SELECIONADAS .....	67
<b>3.3. ANÁLISE QUANTITATIVA DAS NOTÍCIAS ANALISADAS .....</b>	<b>70</b>
3.3.1 ANÁLISE GERAL .....	70
3.3.2. ANÁLISE DOS JORNAIS .....	73



<b>3.4. ANÁLISE QUALITATIVA DAS NOTÍCIAS .....</b>	<b>76</b>
<b>3.4.1 IDEOLOGIA DE GÊNERO .....</b>	<b>76</b>
<b>3.4.2. AMBIENTALISMO OU CLIMATISMO .....</b>	<b>82</b>
<b>3.4.3. CRÍTICAS À MÍDIA .....</b>	<b>86</b>
<b>3.4.4 SANITARIAMENTE CORRETO.....</b>	<b>90</b>
<b>3.4.5 NOMINALISMO.....</b>	<b>97</b>
<b>3.4.6 GLOBALISMO .....</b>	<b>101</b>
<b>3.5. CONCLUSÕES PRELIMINARES .....</b>	<b>113</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>115</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perguntas de pesquisa.....	p. 64
Tabela 2 – Notícias selecionadas e arquivadas por código e por jornal .....	p. 65
Tabela 3 – Número de notícias com e sem TC, apontando para TC e porcentagem total de TC.....	p. 67
Tabela 4 – tipo de teorias da conspiração presentes nos jornais.....	p. 70
Tabela 5 – número de notícias por vertente .....	p. 71

## LISTA DE SIGLAS

CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COVID-19	Coronavírus 2019
CPAC	Conferência de ação Política Conservadora
CPMI	Comissão Parlamentar Mista de Inquérito
CRE	Comissão de Relações Exteriores
EUA	Estados Unidos da América
FUNAG	Fundação Alexandre de Gusmão
GRPCOM	Grupo Paranaense de Comunicação
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
TC	Teorias da conspiração

## INTRODUÇÃO

Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil em novembro de 2018, tendo como slogan de campanha a frase “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Como ministro das Relações Exteriores, Bolsonaro nomeou, primeiramente, Ernesto Araújo, conhecido por ter proximidade com o autointitulado filósofo Olavo de Carvalho, o “guru do bolsonarismo” (SARAIVA, SILVA, 2019, p.118), e por acreditar na importância da luta contra a “Nova Ordem Global”, definida por Carvalho e por Araújo como “globalismo”. A estratégia de Ernesto Araújo na condução da política externa brasileira foi reconhecida, segundo Fabrício Chagas-Bastos e Marcela Franzoni (2019), como uma tentativa sistemática de dismantlar o que foi construído no Brasil nas últimas duas décadas, sendo apontada como causadora de graves prejuízos à imagem e legitimidade brasileiras no exterior (DEUTSCHE WELLE, 2021).

A gestão de Ernesto Araújo também foi caracterizada por ex-chanceleres e ministros dos governos Collor, Itamar, FHC, Lula, Dilma e Temer como marcada pela sujeição a Washington e por ter produzido isolamento global ao Brasil (DUCIADE, 2020). Durante sua gestão como ministro, Araújo utilizou em diferentes discursos a justificativa de necessidade de luta contra o globalismo como principal motivação para as ações de política externa tomadas pelo governo Bolsonaro. Nesta dissertação, argumentamos que a suposta existência do globalismo é uma teoria da conspiração (TV). Desse modo, almejamos compreender como essa teoria da conspiração foi mobilizada retoricamente pelo ministro no período em que esteve à frente do Itamaraty, tendo como base teórica a análise semiótica das teorias da conspiração. Desejamos, também, verificar se a mesma lógica de significação presente no discurso de Araújo foi ressignificada e disseminada em canais de comunicação que se posicionam como alternativos e pró-Bolsonaro.

Para atingir nosso primeiro objetivo de pesquisa - compreender a construção da lógica de significação de teorias da conspiração usadas como justificativas para ações de política externa tomadas durante a gestão de Ernesto Araújo no Itamaraty -, faremos primeiramente a análise aprofundada do que seriam teorias da conspiração, como elas se relacionam com governos de extrema direita e qual é a sua lógica de significação. Utilizaremos a revisão da literatura sobre teorias da conspiração e a teoria semiótica das teorias da conspiração para atingir esse objetivo.

Posteriormente, determinaremos as ações de política externa mais relevantes tomadas durante a gestão de Ernesto Araújo, para que possamos analisar as justificativas que Araújo usou em seu discurso. Almejamos compreender se há construção da lógica de significação de teorias da conspiração nesse discurso, afirmando ou negando que teorias da conspiração foram utilizadas como justificativas para ações de política externa tomadas durante o período em que Araújo esteve à frente do Itamaraty. Para tal, utilizaremos principalmente discursos e textos oficiais de Araújo publicados pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), reunidos em duas coletâneas intituladas “A Nova Política Externa Brasileira: seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores” e “Política externa: soberania, democracia e liberdade”. Faremos uso também de outros discursos feitos pelo ex-ministro em *lives* e eventos.

Para atingir nosso segundo objetivo de pesquisa - compreender se a lógica de significação de teorias da conspiração estaria presente também em canais de comunicação online que se posicionam como alternativos e apoiadores do presidente Bolsonaro -, estabeleceremos quatro canais de comunicação que se posicionam como alternativos e pró-governo Bolsonaro para que possamos analisar as notícias neles publicadas. Assim, construiremos um arquivo de notícias publicadas nos canais no período em que Araújo foi ministro das Relações Exteriores, de forma a determinar se a lógica de significação de teorias da conspiração construída no discurso de Araújo estaria presente também nesses canais de comunicação.

Com esse objetivo em mente, selecionamos quatro canais de comunicação que se posicionaram abertamente como apoiadores do presidente Bolsonaro: Mídia Sem Máscara, Gazeta do Povo, Brasil Sem Medo e Jornal da Cidade Online. Para a seleção, levamos em conta aspectos importantes para a pesquisa desenvolvida. Primeiramente, elegemos canais que veiculam suas notícias e editoriais de forma *online*, objetivando facilitar nosso acesso ao conteúdo publicado. Em segundo lugar, selecionamos canais que possuíssem número significativo de acessos mensais, tendo o objetivo de analisar notícias que seriam amplamente acessadas pela população.

Consideramos diferenças essenciais entre os canais selecionados para a análise realizada. Os canais Jornal da Cidade Online e Gazeta do Povo se posicionam como veículos de notícias gerais, com 27 milhões e 55 milhões de acessos mensais respectivamente (no momento da pesquisa, em novembro de 2022) (SIMILAR WEB, 2022). Os canais Mídia Sem Máscara e Brasil Sem Medo, por outro lado, se autointitulam jornais que fazem contraposição à “mídia *mainstream*”

e, apesar de terem menos acessos mensais que os dois primeiros (538 mil e 2 milhões, respectivamente) (SIMILAR WEB, 2022), surgiram a partir do movimento “Mídia Sem Máscara”, orquestrado pelo guru do Bolsonarismo, Olavo de Carvalho. Assim, apesar das notícias veiculadas nesses canais terem menos difusão entre a população, consideramos que a análise de seu conteúdo será importante para a compreensão de possíveis teorias da conspiração que estariam presentes nos canais e nos discursos de Araújo.

De forma a atingir esses objetivos, a dissertação será dividida em três capítulos. No primeiro, discutiremos o que são as teorias da conspiração e como funciona a sua lógica de significação, construída pelas significações mitológica e descritiva. Analisaremos também as conexões entre governos de extrema direita e o uso de teorias da conspiração como estratégia política. No segundo capítulo, analisaremos as ações de política externa tomadas durante a gestão de Ernesto Araújo no Itamaraty, bem como a construção de discurso que justificou as ações tomadas. Almejamos, nesse capítulo, demonstrar se houve construção da lógica de significação de teorias da conspiração no discurso do então ministro. Por fim, no capítulo três, teremos como foco a análise de notícias publicadas em canais de comunicação considerados alternativos e apoiadores do governo Bolsonaro, de forma a compreender se a mesma lógica de significação de teorias da conspiração presente no discurso de Araújo estaria também nos textos publicados nos canais.

Para compreensão das motivações pela escolha do tema e dos objetivos que desejamos alcançar com nosso trabalho, é importante que contextualizemos a pesquisa. Para isso, falaremos, brevemente, das motivações que guiaram a liderança de Ernesto Araújo no Itamaraty.

Segundo Araújo (2020), a política externa do governo Bolsonaro, sob sua liderança, pode ser definida pela busca de quatro eixos: o da democracia, o da transformação econômica e do desenvolvimento, o da soberania e o dos valores. Para ele (2020; p.127-128), esses quatro eixos seriam conjugados por meio de um conceito unificador: o da liberdade. Assim, sua gestão no Itamaraty seria marcada pelo esforço em “libertar” o povo brasileiro da ameaça por ele denominada de “globalismo”, o qual, segundo o próprio Araújo (2019), seria um movimento “maléfico e anti-humano” caracterizado pelo “esvaziamento de valores e pela ausência de Deus” (ARAÚJO, 2019, p.279). Insere-se dentro desse conceito, na conceitualização do ex-ministro, o chamado nominalismo, que seria a “elevação de determinados conceitos a um caráter absoluto que não se liga à realidade”, representado, entre outros, pela “ideologia de gênero”; pelo “ecologismo” – a

“ecologia transformada em ideologia” –; e ainda por uma suposta manipulação de conceitos como o de direitos humanos pelo “politicamente correto” (ARAÚJO, 2019, p.100).

Araújo (2019) aponta Bolsonaro como responsável pela luta em favor da libertação do país e contra a suposta ordem global; coloca-se ainda como admirador de países como Israel, Estados Unidos, Itália e Hungria, que representariam a luta contra a *oikofobia* – isto é, o medo do próprio lar, da própria nação (ARAÚJO, 2019). Essa visão de Araújo, elencando os campos acima apontados, foi resumida em seu discurso na cerimônia de formatura do Instituto Rio Branco de 2020:

Tachar os conservadores de ideológicos é a epítome da prática marxista-leninista: “chame-os do que você é, acuse-os do que você faz”. O grande complexo marxista-isentista cria ideologias todos os dias, ou seja, agarra pedaços da realidade sempre complexa e cambiante e os transforma em sistemas de elocução fechados, que não admitem questionamentos. Assim, tomam o meio ambiente e as preocupações legítimas com esse tema e o transformam em ambientalismo. Tomam a mudança climática e a transformam em climatismo. Tomam a ciência e a transformam em cientificismo. Tomam a iluminação e a transformam em iluminismo. Tomam as instituições multilaterais que podem ser muito úteis para a coordenação entre as nações e as transformam em multilateralismo, a doutrina de que tudo tem que ser resolvido por instâncias superiores aos países. Tomam uma doença causada por um vírus, a COVID, e a transformam, ou tentam transformá-la, num gigantesco aparato prescritivo destinado a reformatar e controlar todas as relações sociais e econômicas do planeta. O “covidismo”, chamemos assim (...). A mídia, infelizmente, faz parte desse esquema ao selecionar, manipular e inventar a informação (ARAÚJO, 2020, p. 511).

Araújo, baseando-se nessas crenças, realizou mudanças na orientação tradicional de política externa do Brasil (CASARÕES, FARIAS, 2019). Estudiosos consideram que essa estratégia teria sido feita para que a política externa refletisse disputas domésticas (SARAIVA, ALBUQUERQUE, 2022). Foi considerada, por ex-chanceleres e ministros, como tendo gerado graves prejuízos à imagem externa do país (DUCHIADE, 2021).

É possível elencar, entre os diversos pontos de mudança na orientação de política externa brasileira no período, quatro focos principais: a postura adotada com relação à Venezuela; o tratamento dos Direitos Humanos e questões de gênero; a posição sobre meio ambiente; e a postura com relação à pandemia de COVID-19. Por fim, apontamos também a crítica a grandes canais de mídia e a exaltação de canais alternativos, elencados como supostas “fontes confiáveis” para os apoiadores do governo. Araújo – legitimado e impulsionado por Bolsonaro – teve importante papel para a efetivação desse redirecionamento, tendo sido comumente justificado pela mobilização de teorias da conspiração.

Elencando os principais argumentos trazidos nas quatro áreas discutidas, podemos apontar, conforme discutido por Felipe Loureiro (2023, p.18), as principais teorias da conspiração que justificam as ações de política externa do governo Bolsonaro. Estas são definidas em termos ideológicos no sentido de haver uma tentativa por parte dos comunistas de estabelecer uma dominação mundial – atualmente em sua fase “globalista” –, baseada em pilares “nominalistas”, a saber: a ideologia de gênero, o climatismo, a *oikophobia* (medo do próprio lar, entendida como nação), e o “medicamente correto” – que faz um jogo com a expressão “politicamente correto”. A junção desses quatro pilares formaria a base do chamado “globalismo”, que deve ser combatido e contra o qual o Itamaraty foi amplamente mobilizado como forma de justificar diversas ações de política externa durante a gestão Araújo.

Partimos da premissa de que essas referidas bases ideológicas se alicerçam em teorias da conspiração – seguindo aqui definição de Joseph Uscinski (2020, p.2). Teorias da conspiração, conforme o autor, consistiriam na explicação de eventos presentes, passados ou futuros a partir de circunstâncias que remetem a uma conspiração como causa primária. Envolvem, também, as intenções e ações de pessoas poderosas de forma que ameaçam regras básicas e provocam fraudes. Por isso, teorias conspiratórias fazem partes de ideias políticas acusatórias, necessariamente contradizendo proclamações de autoridades epistemológicas, as “pessoas responsáveis pela disseminação da verdade”, segundo Uscinski (2020, p. 2); ou seja, estudiosos, cientistas, a academia - aqueles que estudam os fenômenos para comprová-los ou refutá-los (USCINSKI, 2020, p.2).

A base estrutural das teorias da conspiração usadas como justificativa para ações de política externa do governo Bolsonaro é a existência do “globalismo”, definido por Araújo como um “sistema de pensamento e anti-pensamento” (ARAÚJO, 2019, p. 125); um processo pelo qual a ideologia marxista teria penetrado a globalização para implementar sua agenda (ARAÚJO, 2019, p. 126). Assim, para Araújo, justifica-se a necessidade de lutar contra esse inimigo por meio da busca pela nação, pela família, pela vida e pela humanidade em sua dignidade de criatura (ARAÚJO, 2019), de onde deriva a justificativa para suas ações de política externa.

Apesar do desenvolvimento de pesquisa sobre a política externa do governo Bolsonaro, a análise sobre como suas ações são justificadas por teorias da conspiração é ainda incipiente na academia, tendo sido aprofundada principalmente nos trabalhos desenvolvidos por Felipe Loureiro



(2023) e Feliciano Guimarães *et.al.* (2023). Há, necessidade, ainda, de compreensão da forma pela qual as teorias da conspiração seriam disseminadas por meios de comunicação alternativos, atingindo as bases de apoiadores do governo.

O foco analítico no discurso de Araújo se justifica pela frequência com que ele verbalizou teorias da conspiração durante sua atuação como maior representante da política externa do país, abaixo apenas do presidente da República. Objetivamos analisar como teorias conspiratórias foram retoricamente mobilizadas pelo ministro e como essas foram e vem sendo ressignificadas, ampliadas e transmitidas para uma maior camada da população por meios de comunicação alternativos. Destacamos, nessa questão, a construção feita principalmente por Araújo da mídia “*mainstream*” como não confiável, indicando canais de comunicação alternativos seriam a “mídia de verdade” para o ministro (ARAÚJO, 2020).

A importância da presente pesquisa se baseia principalmente nas potenciais consequências da utilização de teorias conspiratórias como justificativas para a ação de política externa e seus impactos para a democracia. Parte-se da hipótese de que o bolsonarismo se utiliza dessa estratégia para energizar e coesionar suas bases políticas domesticamente, assim, concessões políticas feitas pelo presidente no plano doméstico tendem a ser compensadas com radicalismos retóricos no âmbito de política externa.

Mesmo que a pesquisa não tenha como objetivo entender de que modo essas teorias são recepcionadas por apoiadores do presidente, considera-se que estudos científicos sobre como teorias da conspiração justificam ações de política externa e como elas são disseminadas por canais de comunicação alternativos na sociedade são um passo fundamental para se refletir sobre o papel maior de mobilização e energização que teorias da conspiração desempenham no bolsonarismo. Espera-se ainda que nosso trabalho contribua para futuros estudos sobre a relação de políticos de extrema direita, teorias da conspiração e política externa, utilizando o Brasil como estudo de caso.

# CAPÍTULO I – TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO, POLÍTICA EXTERNA E ANÁLISE SEMIÓTICA DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

## 1.1 INTRODUÇÃO

O governo de Jair Messias Bolsonaro teve início em janeiro de 2019 e fim em dezembro de 2022, cumprindo o mandato completo de quatro anos. Já em novembro de 2018, após ter vencido as eleições contra o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad, Bolsonaro anunciou a nomeação de Ernesto Araújo como Ministro das Relações Exteriores (MAZUI *et. al.*, 2018). Diplomata de carreira, Araújo era conhecido principalmente por sua proximidade com Olavo de Carvalho, que o teria indicado para Bolsonaro (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Durante sua gestão, Araújo evocou diferentes vezes a necessidade de combate ao “globalismo” como justificativa para as ações de política externa.

Neste trabalho, argumentamos que a justificativa usada por Araújo é baseada em uma teoria da conspiração: a que indica a existência desse suposto “globalismo”. Será nosso objetivo compreender a lógica de significação do discurso de Araújo por meio da análise semiótica das teorias da conspiração. Buscaremos, primeiramente, compreender como foram desenvolvidas justificativas de política externa que utilizaram como base TCs. Posteriormente, analisaremos se essas teorias estariam presentes também em canais de comunicação considerados alternativos e apoiadores do presidente Bolsonaro, estudando sua lógica de significação.

Para atingir os referidos objetivos de pesquisa, utilizaremos como perspectiva a teoria semiótica. Especificamente, estudaremos a lógica de significação das teorias da conspiração por meio do uso da semiótica cultural. Para tal, será necessário, primeiramente, analisar o que seriam as teorias da conspiração, para posteriormente explicarmos por que a análise semiótica seria adequada para estudá-las. No presente capítulo, discutiremos a definição e o estudo de teorias da conspiração, a ligação das TCs com governos de extrema-direita e, por fim, a metodologia de análise semiótica das teorias da conspiração. Primeiramente, apresentamos a metodologia seguida pelo trabalho com base em uma perspectiva semiótica.

## 1.2. TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E POLÍTICA EXTERNA DE EXTREMA DIREITA

### 1.2.1 TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Para compreender o que são as teorias da conspiração, precisamos primeiramente definir o que consideramos uma “conspiração”. Segundo Joseph Uscinski (2020, p. 24), as conspirações envolveriam um pequeno grupo de indivíduos agindo em segredo para benefício próprio, contra o bem comum. Já as teorias da conspiração apontam a causa primária de eventos passados, presentes ou futuros como ocasionada por uma conspiração. Assim, justamente por envolverem pessoas poderosas, são inerentemente políticas. Além disso, elas discursam sobre eventos não comprovados por comunidades epistemológicas (USCINSKI, 2020, p. 24). Caso uma teoria da conspiração seja comprovada, como foi o caso de Watergate nos Estados Unidos (COX, 1975), ela passa a ser entendida somente como uma conspiração. Por fim, ainda segundo Uscinski (2020), um fator importante na caracterização das TCs é que elas não são falseáveis. Para aqueles que creem nelas, o fato de que não existem evidências válidas para comprová-las somente demonstraria que os conspiradores seriam muito bons em esconder seus traços – impossibilitando sua falseabilidade (USCINSKI, 2020, p. 27).

Tendo entendido a definição de “conspiração” e de TCs, é importante destacar que as teorias da conspiração podem surgir e serem disseminadas a partir de quaisquer grandes acontecimentos, tais como ataques terroristas, eleições ou até desastres naturais, sendo geralmente associadas a momentos de crise (LEE, 2020; MELLELY, 2020). Há diferentes TCs que buscam explicar fatores diversos, como é demonstrado na enciclopédia de Peter Knight (2003), que versa sobre TCs que discutem desde conspirações anticomunistas e anticristãs até supostas explicações sobre a morte de John F. Kennedy e de Malcom X, por exemplo (KNIGHT, 2003).

Com isso, compreendemos que as conspirações são amplas e diversas, não sendo exclusivas a um certo período histórico (USCINSKI, 2020). Também não são exclusivas a um único grupo, e diferentes atores podem ser apontados como parte de conspirações (USCINSKI, 2020, p. 5). Por fim, elas não são mais disseminadas ou acreditadas por membros de espectros políticos específicos, como esquerda ou direita. Porém, cada lado tende a acreditar em teorias diferentes, as quais geralmente acusam o lado oposto (USCINSKI, 2020, p. 13). Como discutido por Julien Giry e Pranvera Tika (2020), “nenhuma ideologia, partido, classe social, gênero, em

resumo, ninguém está imune a crer em teorias da conspiração em virtude de sua natureza ou de sua educação” (GIRY, TIKÁ, 2020, p. 111).

Embora não haja predominância de crença em TCs de acordo com o espectro político ao qual se pertence, Loureiro (2023) destaca que há diferenças significativas na forma com que devemos lidar com as TCs disseminadas pela extrema esquerda e pela extrema direita, já que aquelas que apontam os conspiradores como o “imperialismo” ou o “capitalismo”, geralmente presentes em movimentos de extrema esquerda, tendem a ter maior comprovação empírica. Conforme discutido por Loureiro (2023):

(...) In the case of Brazil, for instance, the US involvement in the country’s 1964 military coup was definitely part of a conspiracy whose successful outcome depended, in a large extent, on US support. In fact, the US involvement in Latin America, particularly during the Cold War, is full of examples of conspiracy theories that later have been proved to be true, such were the cases of the pro-US coups in Guatemala in 1954 and in Chile in 1973; the several secret subversion attempts against Cuba after the 1959 Revolution; the support for the anti-Sandinistas in Nicaragua after the 1979 Revolution; and the more recent underground destabilizing attempts against Hugo Chavez’s and Nicolás Maduro’s Venezuela (Rabe 2015; Smilde 2020). This is one of the key reasons why I believe conspiracy theories that put ‘imperialism’, or even ‘capitalism’, as the main ‘Conspiratorial Other’ – frequent in far-left movements and regimes – have to be dealt differently when compared to the most common conspiracy theories of the far right, whose empirical backing is far less compelling, not to say inexistent. This is not to say that the far left is immune to baseless conspiracy theories (LOUREIRO, 2023, p. 7)

Levaremos em consideração a diferenciação em questão no nosso estudo, que tem foco em TCs disseminadas pela extrema-direita brasileira.

Apesar de as teorias da conspiração poderem ser criadas por qualquer um, bem como serem acreditadas por qualquer pessoa, é importante destacar que há diferentes tipos de atores que as disseminam. Giry (2014) e Giry e Tika (2020) destacam que haveria cinco categorias de atores: os líderes ou empreendedores conspiratórios; os cidadãos detetives (pessoas comuns que promovem a busca por explicações por meio de teorias da conspiração sobre eventos específicos); os cidadãos comuns que disseminam teorias da conspiração por meio de vídeos, conteúdo ou discursos na internet e, por fim, os crentes (aqueles que consomem as teorias) e os “*debunkers*”, responsáveis por denunciarem ou até ridicularizarem as teorias da conspiração (GIRY, TIKÁ, 2020, p.112).

Para fins da pesquisa aqui desenvolvida, daremos destaque aos empreendedores conspiratórios – os quais podem produzir ou endossar reivindicações ou narrativas conspiratórias como sendo a visão de mundo correta a ser seguida (GIRY, TIKÁ, 2020, p.112). Além disso, esses empreendedores têm capacidade, em razão da posição institucional, política ou econômica que

ocupam, de produzir narrativas conspiratórias com significativo impacto na sociedade (GIRY, TIKKA, 2020, p. 111). Observamos que, justamente pela posição que ocupou na gestão Bolsonaro, o ministro Ernesto Araújo pode ser considerado um empreendedor conspiratório. Ressaltamos que isso não significa que Araújo tenha sido necessariamente o criador das teorias da conspiração que dissemina, nem que ele tenha sido o único membro da gestão de Bolsonaro que as utilizou como justificativa para suas ações. Argumentamos somente que, em razão de sua posição institucional, torna-se importante compreender e analisar seu discurso, bem como a lógica de significação criada em suas justificativas para ações de política externa.

Destacamos, também, que as pesquisas sobre teorias da conspiração têm concluído que a internet é um ambiente fértil para sua proliferação. Estudos empíricos e teóricos, como os de Joseph Uscinski (2020), Simona Stano (2020; 2016), Julius Erdmann (2016), Mari-Liis Madisson (2016), Mattia Thibault (2016) e Massimo Leone (2016) se concentraram no papel das mídias digitais para a proliferação de ideias conspiratórias. Madisson (2014) resume o papel que a internet tende a desempenhar:

The Internet as a paragon of mass culture is exemplary from the perspective of the spread of conspiracy theories, since it encompasses all of the above levels of creating conspiracy theories, as well as official and unofficial channels of information, and the active feedback from the audience. In a situation where some sort of mysterious organizations are discussed, to a greater or lesser extent, in political rhetoric, popular science, manifestations of alternative cultures and various artistic texts, it is unsurprising that it will also be reflected in the postings of so-called common people. The Internet is the ideal medium for the spread of conspiracy theories precisely because current topics are being discussed and there are plenty of opportunities for making connections between them; moreover, seldom do the authors have to bear the responsibility for their opinions (MADISSON, 2014, p. 282).

Tendo em mente a importância da internet para as TCs, desenvolveremos o estudo da lógica de significação das teorias da conspiração presentes em canais de comunicação considerados alternativos e pró-Bolsonaro. No terceiro capítulo da dissertação, discutiremos nossas escolhas para alcançar esse objetivo. Consideramos que, assim como o ex-ministro Araújo, esses canais são empreendedores conspiratórios, já que produzem ou endossam reivindicações ou narrativas conspiratórias. A partir do entendimento da lógica de significação usada nesses ambientes, almejamos compreender se as narrativas presentes nos canais correspondem àquelas disseminadas por Araújo.

Salientamos que justamente pela diversidade das teorias da conspiração e pela dificuldade em comprovar sua veracidade, consideramos que o aspecto mais importante a ser analisado nas teorias aqui estudadas não será se elas fazem alegações verdadeiras ou falsas – já que esse papel deverá ser feito pela ampla revisão da comunidade epistemológica em questão. Ademais, não teremos o objetivo de apontar quem foram os criadores do discurso elencado ou quais seriam as motivações para que eles o façam. Nosso foco será a compreensão de como é construída a sua lógica de significação, entendendo-as como narrativas políticas, já que elas são parte importante da política mundial, conforme discutido por Tim Aistroke e Roland Bleiker (2018):

The point here is that conspiracies are common and endemic in world politics. Conspiracies are involved in the rise and fall of governments and the ebb and flow of great power diplomacy; conspiracies have triggered wars and helped shape the ensuing peace; and conspiracies remain a crucial aspect of the most pressing contemporary security issues including, notably, terrorism and the manifold covert responses to it (AISTROPE, BLEIKER, 2018, p. 168).

Os autores argumentam que não devemos tratar as TCs como necessariamente conectadas à paranoia e à falta de percepção, ou como parte inerente da cultura política, mas sim como narrativas que estão intrinsecamente ligadas a relações de poder e a ações de política externa (AISTROPE; BLEIKER, 2018, p. 166). Além disso, sua legitimidade está conectada à posição política que o autor que a propaga possui e, com isso, elas são legitimadas ou deslegitimadas em contextos políticos específicos, dentro de hierarquias de autoridade (AISTROPE, BLEIKER, 2018, p. 177). Desse modo, estudá-las como narrativas em contextos de política externa se torna essencial, indicando como os atores políticos as propagam em contextos específicos.

Compreendendo a centralidade das conspirações para a política, discutiremos seu desenvolvimento como campo de pesquisa. Na Ciência Política, considera-se que o trabalho pioneiro de Richard Hofstadter (1967) teria iniciado o estudo das teorias da conspiração. A partir da década de 1960, sua análise ganhou proeminência entre psicólogos (BLANUSA; HRISTOV, 2020) e filósofos (RAIKKA; RITOLA, 2020), tendo como foco majoritariamente casos estadunidenses e europeus. Desde então, diferentes temas de estudo surgiram, como a relatividade da verdade em teorias da conspiração (DECHEV, 2019) e sua estigmatização desde os anos 1950 (THALMANN, 2019); os traços sociais-cognitivos que geram a crença em teorias conspiratórias (PROOIJEN *et. al.*, 2020); e como as TCs se espalham (BANGERTER *et. al.*, 2020). No campo da Ciência Política, há um importante desenvolvimento sobre a conexão entre o populismo de

extrema direita e as teorias da conspiração, principalmente feito por Eirikur Bergmann (2018) e Eirikur Bergmann e Michael Butter (2020).

Utilizando a definição de populismo desenvolvida por Cas Mudde e Cristóbal Kaltwasser (2017), Bergmann e Butter (2020) revisam a produção teórica sobre as conexões entre populismo e o uso de teorias da conspiração. Apesar de haver críticas na literatura especializada sobre o uso do termo populismo justamente devido a sua ampla abrangência, os autores utilizam uma definição específica. O populismo é caracterizado por eles como uma ideologia “*thin-centered*” (ou seja, que está relacionada a outras para funcionar), considerando a sociedade como separada entre dois campos homogêneos e antagônicos - as “pessoas puras” e a “elite corrupta” – sob argumento de que a política deveria ser uma expressão da vontade geral do povo (MUDDE, KALTWASSER, 2017, p.6).

Complementando essa teorização, Dwayne Woods (2014) argumenta que as diferentes abordagens sobre o que seria o populismo convergem em quatro elementos base: a existência de dois grupos, de pessoas e da elite; seu antagonismo; a celebração da soberania popular e a glorificação moral do povo e crítica à elite (WOODS, 2014, p.11). Assim sendo, Bergmann e Butter (2020) argumentam que os movimentos populistas geralmente são organizados ao redor de figuras de liderança carismática, sendo esse líder o possível salvador do povo e que supostamente sabe o que o povo desejaria (BERGMANN; BUTTER, 2020, p. 332).

Os autores utilizam a perspectiva de Ruth Wodak (2015) para tratar especificamente do populismo de direita, que possuiria conteúdos específicos. Conforme resumido por Bergmann e Butter (2020):

However, as Ruth Wodak (2015) argues, right-wing populism is not only a form of rhetoric, it also contains specific and identifiable contents. Both style and substance are thus interlinked in populist politics. The fear that they instil is of a specific kind. It consists of several core aspects, one being the fear of losing jobs to immigrants and of migrants undermining the welfare state to the detriment of the unable and elderly amongst the native population. Furthermore, the rhetoric usually points to the increasing powerlessness of the nation-state in protecting the intranational public. It warns against the erosion of values and the demise of traditions and the native culture. Frequently, it detects conspiracies at the bottom of these negative developments (BERGMANN E BUTTER, 2020, p. 332).

Em resumo, os autores (2020) indicam que a literatura sobre as conexões entre a retórica populista e as teorias da conspiração aponta que ambos possuem em comum uma visão do mundo que postula um conflito entre bem e mal, o povo e a elite (HAUWAERT, 2012); a desconfiança

nas elites como fator mais decisivo (CASTANHO SILVA *et. al.*, 2017; OLIVER; RAHN, 2016); e que ambos negariam a complexidade da realidade política (MOFFIT, 2016). Assim, apesar de Bergmann (2018) ter postulado anteriormente que a característica mais marcante no discurso de partidos políticos populistas tende a ser as teorias da conspiração, Bergmann e Butter (2020) indicam que a discussão teórica sobre suas conexões específicas é ainda incipiente e deve ser mais amplamente estudada.

Outros autores, como Karin Priester (2012) e Ruth Wodak (2015), argumentam que as teorias da conspiração são inerentes ao populismo de direita, sendo parte essencial dele. Nesse sentido, Richard Saull *et. al* (2015) apontam que as TCs vem sendo historicamente mobilizadas como parte da estratégia política de grupos e regimes de extrema direita. Conforme Saull *et. al* (2015; p. 4), o apelo de movimentos e lideranças de extrema direita junto à sociedade tende a se estabelecer por meio de símbolos que retificam e fetichizam qualidades particulares e atributos associados à identidade cultural de um povo, contrapondo-os, muitas vezes, a inimigos, ao diferente; em suma, ao “outro”.

Na perspectiva dos autores (2015), essas seriam as bases da articulação do que eles denominam como “política como conspiração” de grupos e lideranças de extrema direita, sendo que, no caso de populismos de extrema direita, o sujeito responsável pelas conspirações tende a ser localizado em “elites”, vistas como supostamente desligadas das preocupações nativistas do povo e baseadas na influência corruptora de posições ideológicas cosmopolitas (CHRYSSOGELOS, 2017; MOFFITT, 2016; MUDDE, 2017). Os políticos de extrema direita justificam, assim, a necessidade de reconfiguração da sociedade política, de forma a “limpar” tais influências corruptoras do corpo social – o que envolve também ações no âmbito da política externa.

Como se pode ver, há pontos de conexão importantes entre o conceito de populismo e teorias conspiratórias. Estudiosos salientam que, na retórica populista, tem-se o pressuposto de que o poder deve sempre emanar do “povo”, não das “elites”. Assim, a voz de cidadãos comuns é vista como a única forma legítima de governança (NORRIS, INGLEHART, 2019). Esse tipo de perspectiva é facilmente encontrável nas manifestações do ex-chanceler Ernesto Araújo, como teremos oportunidade de explorar no próximo capítulo.



Autores também enfatizam que há ainda, por parte de lideranças e grupos populistas, uma tendência a se reduzir a complexidade de estruturas sociais, políticas e econômicas, o que viabiliza uma comunicação direta, objetiva e, muitas vezes, excessivamente simplista junto ao dito “povo”. Esse tipo de simplificação pode se dar por meio da construção de bodes expiatórios ligados a teorias da conspiração, direcionando a causalidade (culpa) de fenômenos complexos a fatores facilmente comunicáveis – mesmo que claramente errados, quando não absurdos (WODAK, 2015; MULLER, 2016; PELINKA, 2018; OSTIGUY; PANIZZA; MOFFITT, 2016; VERBEEK; ZASLOVE, 2015).

Em conclusão, conforme trazido anteriormente, na perspectiva de Wodak (2015) o populismo de direita não seria apenas uma expressão retórica, mas também uma forma política que geraria conteúdo particulares. O estilo e a substância populistas falam sobre medos específicos, como no caso do alerta, comumente feito por políticos populistas de direita, sobre o perigo do fim de valores tradicionais e da cultura do “povo” nativo (WODAK, 2015). Frequentemente, as conspirações estão no centro desses aspectos vistos como negativos, já que oferecem uma explicação simples e direta sobre como elites supostamente agem contra os interesses do povo (SAKWA, 2012). As conspirações tendem a constituir, assim, um elemento importante dos discursos e da ideologia populista (BERGAMNN, 2018). Segundo Jan-Werner Müller (2016), as teorias da conspiração estão enraizadas e emergem da própria lógica populista.

Compreendendo o que são teorias da conspiração e que elas geralmente são utilizadas em discursos populistas de extrema direita, discutiremos o porquê de seu estudo ser relevante. Analisando as TCs no geral, segundo Uscinski (2020), analisá-las é importante já que, caso seja verificado que elas versam sobre eventos verdadeiros, tornando-se assim uma conspiração, o público geral deverá ter ciência de seu acontecimento e seus perpetuadores deverão ser julgados e punidos. Caso elas não se provem verdadeiras, elas podem gerar maior transparência, já que incentivariam a checagem de fatos. A questão mais importante, porém, é que independente de sua veracidade, elas são responsáveis por ações individuais e coletivas que podem ser perigosas se relacionadas a visões completamente desconectadas da realidade (USCINSKI, 2020, p. 7).

Além dos fatores apontados por Uscinski (2020), Daniel Jolley *et.al.* (2021) fazem uma revisão a respeito das consequências das teorias da conspiração para a política. Os apontamentos vão desde a argumentação de que a crença em TC aumenta a apatia e o preconceito, a perda da

vontade de votar ou de doar para partidos políticos (USCINSKI; PARENT, 2014), até à falta de confiança em instituições (MARI *et. al.* 2017). Assim, TCs contribuem para a difusão da suspeita e até da erosão da confiança necessária entre a sociedade e as autoridades, causando, assim, perigo ao sistema democrático (JOLLEY *et. al.*; 2021, p. 235). Segundo Jolley *et. al.* (2021), as TCs podem impactar negativamente a vida de pessoas em diferentes áreas, incluindo seu trabalho, suas escolhas médicas e seu o engajamento político (JOLLEY *et. al.*, 2021, p. 237). Outro aspecto importante trazido por Jolley *et. al.* (2021) é a capacidade que as teorias da conspiração têm de levarem à inação ou ao desalinhamento com as descobertas científicas. Isso é visto, por exemplo, na negação da existência do aquecimento global (ver DOUGLAS, SUTTON, 2015) e na rejeição à vacinação (JOLLEY; DOUGLAS, 2014), as quais acarretam consequências para a sociedade em geral.

Apesar da importância desse estudo e das possíveis consequências do uso de teorias da conspiração para a política, a análise de teorias da conspiração no discurso político é ainda incipiente, principalmente com relação à análise do Sul Global. Compreender como essas são disseminadas e utilizadas como justificativas de política externa por um ministro de relações exteriores brasileiro poderá contribuir para o desenvolvimento desse campo de pesquisa, bem como para melhor entender as consequências que o uso de TCs gerou e ainda gera na sociedade brasileira.

## 1.2.2 ESTUDOS SEMIÓTICOS DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Tendo entendido a definição de teorias da conspiração utilizada neste estudo, bem como a importância de sua análise, partiremos para a explicação de como a semiótica cultural será utilizada para atingir nossos objetivos de pesquisa. Para iniciar a discussão, exporemos brevemente como se desenvolveu o campo de estudo da semiótica cultural, destacando a conceituação de Ferdinand de Saussure. Posteriormente, analisaremos as contribuições de Yuri Lotman com foco no conceito de texto-código, o qual foi a fundamental para o desenvolvimento da teoria semiótica das teorias da conspiração cunhada por Mari-Liis Madisson e Massimo Leone *et. al.*, que será a base teórico-metodológica deste trabalho. Analisaremos, pela perspectiva dos autores, as definições de

significação descritiva e mitológica. Assim, iniciamos a discussão com uma breve revisão sobre o estudo semiótico.

De acordo com a revisão de Leone *et. al.* (2020), a semiótica se desenvolveu como uma disciplina independente a partir dos anos 1950, tendo como objeto de estudo os signos (ou símbolos), as relações simbólicas e seus processos. Como definido por um dos pioneiros do campo, Umberto Eco, “a semiótica se preocupa com tudo que pode ser identificado como um signo. Um signo é tudo que pode ser tomado como um substituto significativo para outra coisa” (ECO, 1979, p. 7).

O estudo dos signos, porém, não foi iniciado no século XX. Segundo Halina Yakin e Andreas Totu (2014), ele surgiu há mais de dois mil anos, com a análise de filósofos gregos; durante os tempos medievais, a discussão foi continuada pelos estoicos; e, no século XVIII, o termo “semiótica” teria surgido, ganhando proeminência no século XX. A partir desse século, no que é chamado de “semiótica moderna”, dois principais estudos foram considerados proeminentes: a semiótica de Charles Sanders Peirce e a semiologia de Ferdinand de Saussure (LEONE *et. al.*, 2020).

Em resumo, Yakin e Totu (2014, p.5) caracterizam a teoria de Saussure como baseada no pensamento dicotômico: um signo consistiria em dois componentes focais – o significante e o significado. A relação entre os dois seria o sistema de significação. Já Peirce tem foco tridimensional, classificando o signo entre três aspectos: o signo, o objeto a que ele se refere, e o intérprete. Neste estudo, teremos como base o pensamento dicotômico desenvolvido por Saussure, já que esse é utilizado por Yuri Lotman, fundador da escola de pensamento de Tartu-Moscow, o qual desenvolveu os conceitos base da teoria semiótica das teorias da conspiração a ser utilizada nesse estudo.

Lotman (2001), tendo como base a teoria de Saussure do signo, argumenta pela necessidade de entendimento de que a linguagem se desenvolve em um espaço semiótico que permite a interação entre diferentes linguagens. Fora desse espaço, não existiria comunicação possível. Assim, um dos principais propósitos da teoria semiótica seria analisar o sucesso e as falhas da comunicação, compreendendo a interação entre os signos (LOTMAN, 2001, p. 125).

O conceito de semiologia de Saussure, segundo Leone *et. al.* (2020), também considera o signo como um arbitrário intrassistêmico correlacionado entre o significante (por exemplo, a palavra “conspiração”) e o significado (a conspiração como uma ideia ou um conceito mental). O significado do signo emerge das relações sistemáticas que ele desempenha com outros símbolos e com regras associadas a eles. Por exemplo, o significado da palavra ‘conspiração’ depende de como ela se relaciona com outras palavras em um mesmo sistema, ou seja, do seu significado dentro daquele sistema específico (LEONE *et. al.*, 2020, p. 44).

Compreendendo que as teorias da conspiração são sempre mediadas por signos que interagem entre si e que dependem de seu significado em um sistema específico, podemos considerar que as teorias da conspiração são inerentemente um fenômeno semiótico (LEONE *et. al.*, 2020). Segundo Leone *et. al.*, sua criação de significados é amplamente baseada na busca por signos secretos de conspiração e na demonstração da significação desses (LEONE *et. al.*, 2020, p.44). Pela perspectiva semiótica, a teoria da conspiração seria uma representação que explica uma série de eventos pela postulação de que uma conspiração seria sua causa, ou seja, que “eventos são vistos como o resultado de um grupo de pessoas agindo em segredo para um fim maléfico” (BIRCHALL, 2006, p. 216).

É importante destacar que, apesar da perspectiva semiótica esclarecer que existe uma construção de significados apontando motivações maléficas de um grupo específico, a escolha pela análise das teorias da conspiração por meio dessa perspectiva significa que não buscaremos apontar quais atores estão certos ou errados ou quem está criando a conspiração. Seu propósito, segundo Leone (2016), é indicar as condições discursivas que encorajam a proliferação do pensamento conspiratório, o que também será objetivo do presente trabalho. Não nos concentraremos, portanto, em como as conspirações podem ser maléficas ou benéficas à sociedade, mas sim nos processos específicos de construção de significados relacionados às teorias da conspiração – buscando identificar a existência ou não desses significados no discurso de política externa utilizado para justificar ações concretas durante a gestão de Ernesto Araújo no Itamaraty. Por fim, almejaremos também o entendimento desses processos em canais de notícias alternativos.

Utilizando a semiótica cultural como base teórica-metodológica, é importante levar em consideração o contexto em que as teorias da conspiração são disseminadas. Segundo Leone *et. al.* (2020), essas são alimentadas pelo medo causado por mudanças sociais e culturais. Portanto,

na sociedade contemporânea, a recorrência das teorias da conspiração poderia ser causada pelas crises sociais e culturais que gerariam medo na população.

A escola de pensamento de Tartu-Moscow desenvolve a compreensão da semiótica das teorias da conspiração justamente em relação ao medo causado por essas crises sociais (LEONE *et. al.*, 2020, p. 45). Esse medo, porém, não parte necessariamente de um acontecimento real, conforme discutido pelos autores em: “From the semiotic point of view, fear does not result from an actual horrifying event/object but from the fact that some elements of reality are interpreted as fearful omens and warning signs” (LEONE *et. Al.*, 2020, p.45). Em resumo, os autores consideram que a dinâmica do medo é inerentemente semiótica (LEONE *et. al.*, 2020, p. 45). O objeto de medo é então construído por códigos semióticos que desenvolveriam uma visão que cada pessoa possui de si mesma e do mundo ao seu redor em teorias conspiratórias (LOTMAN, 1998). Esses códigos servem como modelos de criação de significados, sendo originados na memória cultural e necessário para a construção de tendências ou eventos como supostos perigos, conectando-os a questões históricas ou cenários futuros perigosos (LEONE *et. al.*, 2021, p. 45). Esses fatores determinam a semiose das TCs e sua forma é resumida por Leone *et. al* (2021) em:

Conspiracy theories do not show their nature in what they say, but in how they say it, in the specific rhetoric that they adopt in order to communicate an aura of secrecy, create a symbolic elite, and reproduce the separation between insiders and outsiders. Here, according to Leone (2017), lies the main role of semiotics: Singling out the rhetorical and argumentative lines through which conspiracy theories are created and maintained in the social imaginary (LEONE ET AL., 2021, p. 46).

Compreendemos, desse modo, o principal papel da semiótica das teorias da conspiração como a determinação das linhas retóricas e argumentativas pelas quais as TCs são criadas e mantidas, levando em conta que elas tendem a ser alimentadas pelo medo em momentos de crise social e econômica. Madisson (2014), Madisson e Ventsel (2021) e Leone *et.al.* (2020) consideram esses conceitos para o desenvolvimento de seu esquema metodológico, o qual será utilizado neste trabalho.

Para a compreensão do esquema metodológico utilizado por Madisson (2014), Madisson e Ventsel (2021) e Leone *et. al.* (2020), é necessário que relembremos características essenciais das teorias da conspiração. Primeiramente, devemos levar em conta que as TCs tendem a ser disseminadas em uma atmosfera de suspeita e medo, que pode ser causada por eventos diversos, como desastres naturais (como terremotos ou tsunamis) ou eventos políticos (crises políticas,

*impeachments*, períodos eleitorais etc.) (MADISSON, 2014). Segundo Leone *et. al.* (2020), em uma atmosfera de medo, as teorias da conspiração funcionam como modelos de criação de significado que têm origem na memória cultural. Eles constroem uma narrativa sobre um tipo de perigo, conectando-o com processos que já aconteceram e que ainda vão acontecer (LEONE *et. al.*, 2020, p. 45).

Outro fator importante, segundo Madisson (2014) é considerar que a internet é um ambiente favorável para a disseminação de teorias da conspiração, já que ela permite que conexões sejam feitas entre tópicos muito diferentes entre si, possuindo capacidade de alcance global (MADISSON, 2014, p. 281). Na pesquisa aqui desenvolvida, consideramos o período analisado como um contexto político de crise que gerou uma atmosfera de medo na população brasileira. Ademais, os canais de comunicação analisados publicam suas notícias e editoriais na internet. Essas características favorecem, então, a disseminação de teorias da conspiração.

É importante relembrar também que as teorias da conspiração buscam “expor” um suposto plano maléfico (a conspiração), arquitetado por inimigos com o objetivo de prejudicar o bem-comum. Assim, há o entendimento do mundo como binário, dividido entre as pessoas boas (aqueles que lutam contra a conspiração) e pessoas más (aqueles que arquitetam ou contribuem para a conspiração). As pessoas que acreditam em teorias da conspiração se consideram como parte das pessoas boas, que teriam descoberto esse plano maléfico e estariam lutando contra ele.

Tendo em mente essas características base das teorias da conspiração, podemos compreender o *framework* metodológico utilizado por Madisson (2014), Madisson e Ventsel (2021) e Leone *et. al.* (2020), com base na explicação desenvolvida por Madisson (2014). Levando em conta os estudos de Yuri Lotman (1998) de semiótica cultural, a autora constrói seu *framework* teórico com o objetivo de compreensão da lógica de significação semiótica das teorias da conspiração. Para tal, se baseia nos conceitos de significação mitológica e descritiva, bem como no entendimento do que Lotman denomina de texto-código.

Madisson (2014, p. 286) explica que Lotman (1999, p. 114) considera que, em atmosferas de medo e desconfiança, a população tende a acreditar mais em explicações mitológicas do que nas explicações lógicas para compreender o acontecimento de eventos que parecem confusos. Com isso, emerge a consciência mitológica, caracterizada pelo foco na ordem sacral contida em um meta-texto trans cultural. O que é considerada essa “ordem sacral” é a compreensão da existência

de um mal que estaria buscando prejudicar a população no geral, o qual é reconhecido em diferentes eventos (MADISSON, 2014, p. 287). Nas teorias da conspiração, segundo Madisson (2014), “não é identificado um possível mal por trás de eventos, mas sim que o que acontece é a representação do mal, o mesmo mal que já causou problemas antes” (MADISSON, 2014, p. 287, tradução nossa). Aqueles que acreditam nas teorias da conspiração percebem todos os eventos como críticos, vendo em todos eles, segundo a autora, “os símbolos de uma batalha entre bem e mal” (MADISSON, 2014, p. 287, tradução nossa).

Em resumo, a significação mitológica, que tende a emergir em períodos de crise e medo, identifica diferentes eventos como tendo sido causados por um mesmo mal. Esse seria o meta-texto sacral das teorias da conspiração: o apontamento de que o mundo é dividido entre o bem e o mal. Sua lógica não percebe coincidências, mas sim “considera que diferentes eventos seriam causados por uma mesma causa originária – o mal” (MADISSON, 2014, p. 297, tradução nossa).

Para exemplificar tal consideração, imaginemos o contexto de crise política no período eleitoral de 2018, no qual Jair Bolsonaro era candidato. Em setembro, um mês antes do primeiro turno das eleições, Bolsonaro levou uma facada durante um ato de campanha em Juiz de Fora. Naquele contexto, segundo Paolo Demuru (2021), “Bolsonaro, seus filhos e seus seguidores insinuaram muitas vezes que o atentado havia sido preparado “pela esquerda” com o fim de impedir seu sucesso na eleição” (DEMURU, 2021, p.5). Dessa forma, buscaram trazer uma explicação que conectava o acontecido (a facada) a um suposto plano maléfico, arquitetado por “inimigos” (a esquerda). Com isso, ignoraram o que foi declarado na investigação criminal do caso, que atestou que o agressor de Bolsonaro deveria ser considerado inimputável por sua condição mental (ALBERTO, 2019). Propuseram, por outro lado, uma explicação mitológica do atentado que “exporia” um suposto plano maléfico contra o então candidato.

Como ocorrido na situação descrita, segundo Leone *et. al.*, nas situações de medo ou desconfiança decorrentes de crises, pode-se criar uma consciência mitológica, a partir da qual diferentes eventos são percebidos como conectados a uma mesma causa originária: o mal. Assim, constrói-se a significação mitológica das teorias da conspiração. O mundo passa a ser percebido como dividido entre bem (as pessoas que lutam contra as conspirações) e mal (aqueles responsáveis pelas conspirações). Para aqueles que acreditam nas conspirações e, portanto, acreditam fazer parte do grupo do “bem”, todos os eventos seriam explicados pela ação do grupo

do “mal”. Esse grupo maléfico torna-se, então, totalmente oposto ao grupo do bem, sendo considerado por Madisson (2014) como uma representação do “*non-own*”, ou seja, “não-próprio”, ou a representação de tudo que o grupo do “bem” não deseja ser. Nas palavras de Lotman (2007): “os adversários que ameaçam a natureza da ordem da cultura foram demonizados ao ponto que qualquer tentativa de os entender é excluída” (LOTMAN, 2007, p.55, tradução nossa).

Justamente por causa dessa mitologização dos eventos, compreendemos que nas teorias da conspiração não existe espaço para coincidências, já que todos os eventos seriam causados pelo mal, como tratado por Madisson (2014) em “a causa originária é o reconhecimento do bem e do mal, e o pensamento mitológico nunca percebe os problemas como acidentes, mas sim como manifestações da maldade, cujo propósito é a destruição final” (MADISSON, 2014, p. 289).

Tendo entendido esse processo de mitologização característico das teorias da conspiração, a autora apresenta outro tipo de significação que também faz parte da lógica semiótica das TCs: a significação descritiva. Esse tipo de significação se constrói pela apresentação de diferentes argumentos de causa e efeito, de cronologia e de lógica que “exporiam” a existência da conspiração, descrevendo como e porque a conspiração aconteceria (MADISSON, 2014). São apresentados, então, os supostos pontos de conexão entre diferentes eventos e atores, os quais “explicariam” a existência do plano maléfico.

Para compreender como essa significação é construída, voltemos ao exemplo da facada sofrida por Bolsonaro em Juiz de Fora em setembro de 2018. A significação mitológica está presente no apontamento de que a facada faria parte de um plano maléfico arquitetado pela esquerda para prejudicar a candidatura de Bolsonaro, contrariando o que foi estabelecido nas investigações do caso. A significação descritiva, por outro lado, seria responsável pela explicação dos supostos “fatores” que “comprovariam” que a facada faria mesmo parte de um plano da esquerda. Fazem parte dessa significação diferentes tipos de explicação, como o apontamento de fatos cronológicos, dados estatísticos e “fontes confiáveis” que “atestariam” a existência do plano em questão. No caso da facada sofrida por Bolsonaro, ele e seus filhos buscaram “explicar” que o atentado seria ligado a esquerda pela insinuação de que seu agressor teria sido filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) (DIMENSTEIN, 2019). Esse fator, entre outros, “explicaria”, para eles, que o atentado teria sido feito pela esquerda, que buscava o prejudicar, sendo então parte da significação descritiva dessa teoria da conspiração.



Há ainda, na significação descritiva, uma tentativa de caracterização do “inimigo”, ou seja, aqueles responsáveis pela construção do plano maléfico em questão, como um grupo extremamente bem organizado, tendo domínio de todos os setores da sociedade. Ele seria, na teoria da conspiração, uma representação perfeita do mal. Para Madisson (2014), esse tipo de caracterização do inimigo é entendida como “*anti-own*”, ou seja, o grupo de inimigos representa o completo contrário ao grupo do bem (MADISSON, 2014).

Em um primeiro momento, tendo entendido a significação mitológica e a significação descritiva, sua interação dentro de um mesmo sistema de significação pode parecer contraditória, já que a significação mitológica trata de explicações não lógicas de que existiria em curso um plano maléfico, enquanto a significação descritiva busca construir os motivos “lógicos” que levariam à “comprovação” desse mesmo plano. A interação entre essas duas significações contraditórias é explicada por Madisson (2014) pelo conceito de texto-código, desenvolvido por Lotman (1998). Segundo Madisson (2014), p. 293), “o texto-código une em um texto unitário elementos que, pela perspectiva de um chamado *outsider*, seriam desconectados”, ou seja, nas teorias da conspiração, a significação mitológica (que trata dos mitos, representados pelo mal) se une à significação descritiva (que trata dos elementos lógicos que explicariam a conspiração). Desse modo, segundo a autora, “diferentes eventos são observados como mitológicos, sendo sua causa originária também mitológica (o mal)” (MADISSON, 2014, p. 294), ao mesmo tempo em que são “explicados” de forma descritiva ou lógica. Em resumo, para a autora:

Conspiracy theory is a code-text whose text (message) is: this (whatever unpleasant event) is a conspiracy. The code-text of conspiracy theory narrates a story about evil lurking behind events (mythological type of signification), whereas its parts, such as outlining the specificity of the enemy, the connections of a particular event with other events, the particular group of victims, etc., can encompass very different paradigms (descriptive type of signification). (...) cognitively speaking, the various paradigms contained within the conspiracy theory code-text are all subordinated to the one and the same idea of evil (MADISSON, 2014, p. 297).

Compreendendo o conceito de texto-código e seus elementos, consideramos as teorias conspiratórias como estratégias narrativas, ou seja, o “meio pelo qual atores políticos buscam construir significados compartilhados do passado, presente e futuro da política internacional para moldar o comportamento de atores internacionais e domésticos” (MISKIMMON *et. al.* 2013, p. 6). Desse modo, argumentamos a importância do estudo dos elementos (significação descritiva e mitológica) que a constituem como um texto-código, criando significados em contextos

específicos. Neste estudo, os contextos específicos a serem utilizados serão o discurso de política externa e as notícias em canais de comunicação na internet.

### **1.3. CONCLUSÕES PRELIMINARES**

O primeiro capítulo buscou estabelecer as bases teóricas e conceituais que serão utilizadas para o estudo da lógica de significação de teorias da conspiração. Optamos por utilizar essa base teórica pois almejamos verificar, com este trabalho, se e até que ponto o ex-ministro Ernesto Araújo utilizou argumentos baseados em teorias da conspiração para justificar ações de política externa durante sua gestão como chanceler brasileiro. Além disso, essa base teórica permitirá que identifiquemos se esses argumentos também estão presentes em canais de comunicação alternativos e pró-Bolsonaro. Esperamos que, a partir da leitura do capítulo, fiquem esclarecidas as motivações para o uso da teoria semiótica das teorias da conspiração para atingir nossos objetivos de pesquisa.

A partir da ampla revisão da literatura especializada, destacamos a conceituação de conspiração e teoria da conspiração desenvolvida por Uscinski (2020), a qual será utilizada neste trabalho. Compreendendo sua definição, ressaltamos os riscos do uso de teorias da conspiração na política, principalmente pela possibilidade de enfraquecimento da democracia e da confiança da população na política. Apesar de haver amplo desenvolvimento do campo de pesquisa em outras regiões, o entendimento do uso de teorias da conspiração na política sul-americana e especificamente na política brasileira é ainda incipiente, o que torna ainda mais urgente o estudo da temática.

Ademais, destacamos a importância do estudo da conexão entre o uso de teorias da conspiração e o discurso populista de extrema direita. Concluimos que esse tipo de discurso, em contextos de crise nos quais a população sente medo, tende a apontar inimigos específicos que devem ser combatidos. Esse tipo de narrativa pode radicalizar a população, pondo em risco a democracia. Nos próximos capítulos, analisaremos se são descritos inimigos específicos no discurso de Araújo.

Por fim, explicamos a importância do estudo semiótico das teorias da conspiração como metodologia para a análise da lógica de significação das TCs. Os conceitos de texto-código e de significação descritiva e mitológica permitirão que apontemos se a lógica de teorias da conspiração

esteve presente nas justificativas utilizadas pelo chanceler Araújo para ações de política externa, servindo como base para o entendimento das possíveis consequências desse uso para a política brasileira e mundial.

Apesar da pesquisa sobre teorias da conspiração ter ganhado destaque principalmente nos últimos dez anos, seu estudo em países do Sul-Global é ainda incipiente. Além disso, argumentamos que analisá-la é essencial para o entendimento de suas consequências. Almejamos, nos próximos capítulos, contribuir para o campo de pesquisa.

## CAPÍTULO II – O USO DE TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO COMO JUSTIFICATIVA PARA AÇÕES DE POLÍTICA EXTERNA NA GESTÃO ARAÚJO

### 2.1 INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo tivemos como objetivo central a compreensão do que seriam as teorias da conspiração, como sua lógica de significação é construída e porque seu uso é intrinsecamente político, muitas vezes ligado ao discurso de extrema direita. Neste capítulo, nosso propósito será demonstrar se o ministro Ernesto Araújo utilizou teorias da conspiração como justificativas para ações de política externa tomadas durante sua gestão no Itamaraty, entre janeiro de 2019 e março de 2021, compreendendo a lógica de significação de seu discurso.

Para tal, analisaremos, primeiramente, as principais ações de política externa realizadas durante a gestão do ministro Araújo no governo Bolsonaro. Posteriormente, faremos a análise textual de duas coletâneas publicadas pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) entre 2019 e 2020. Essas reúnem 120 textos, discursos e entrevistas concedidas por Araújo durante sua gestão, sendo intituladas “A Nova Política Externa Brasileira” (ARAÚJO, 2019) e “Política Externa: soberania, democracia e liberdade” (ARAÚJO, 2020). Sua análise será necessária para a compreensão da lógica de significação utilizada no discurso do ministro para justificar as ações tomadas pelo ministério.

Compreendemos que a estratégia e as ações tomadas na política externa brasileira são complexas, não sendo realizadas com base somente nas escolhas ou vontades de um ator específico. Sabemos, também, que o Itamaraty não toma decisões de forma independente, sendo necessária a correspondência com outros órgãos e com a presidência do país nesse processo. Desse modo, não argumentamos que Araújo teria sido o único responsável pelas ações tomadas durante sua gestão, nem que suas decisões partiriam somente dele. Ademais, não temos interesse na compreensão do nível de influência que Araújo teria individualmente nas decisões de política externa. Nos preocupamos, porém, em demonstrar se o chanceler, que ocupa o cargo mais importante em temas de política externa abaixo do presidente do país, teria utilizado teorias da conspiração em seu discurso para justificar ações tomadas na sua gestão. Justificamos a importância da análise pelos riscos que o uso de teorias da conspiração no discurso político pode

apresentar à democracia. Argumentamos que, a partir da posição que Araújo ocupou, o estudo do que ele defendia como base para sua estratégia de política externa é importante. Assim, de modo a atingir nossos objetivos de pesquisa, iniciaremos o capítulo com a revisão da literatura sobre a política externa desenvolvida no governo Bolsonaro. Posteriormente, faremos a análise do discurso do ministro Araújo, buscando apontar se há nele a construção da lógica de significação das teorias da conspiração.

## 2.2. AÇÕES DE POLÍTICA EXTERNA NA GESTÃO ARAÚJO DO GOVERNO BOLSONARO

### 2.2.1 O CONTEXTO POLÍTICO DA GESTÃO BOLSONARO

A análise de política externa, como estudo da política externa de governos específicos (SALOMÓN, PINHEIRO, 2014), exige que compreendamos o contexto político em que esses estão inseridos. Tratando do governo de Jair Bolsonaro, será importante a compreensão da circunstância de crise política em que ele foi eleito, além dos processos que antecederam sua eleição. Iniciaremos nossa discussão pela contextualização de sua eleição.

Conforme Wendy Hunter e Thimoty Power (2019), é possível compreender a ascensão e eleição de Bolsonaro considerando que grande parte da população associava a crise econômica que o Brasil enfrentou em 2013 e os esquemas de corrupção descobertos pela Lava-Jato ao Partido dos Trabalhadores. Ademais, a figura de Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores que disputou o cargo com Bolsonaro após o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ter indeferido a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (TSE, 2018), não teria o mesmo peso na campanha do que Lula, já que, para os autores, o apoio a Lula (lulismo) era muito maior do que o apoio ao seu partido (petismo) (HUNTER, POWER, 2019, p.69).

Levando em conta esse contexto, é importante destacar também pelo que o candidato Bolsonaro era conhecido à época. Bolsonaro, apesar de ter feito parte da política brasileira como deputado federal de 1991 a 2015, se posicionou como um candidato *outsider* na campanha presidencial em 2018. À época, ele era conhecido principalmente por falas polêmicas e violentas, como quando disse em tribuna na Câmara dos Deputados que não estupraria a deputada Maria do

Rosário porque ela não mereceria (CALGARO, 2014) e quando exaltou um torturador em seu voto a favor do impeachment de Rousseff (RBA, 2016), entre diversas outras.

Sua campanha se baseou grandemente na defesa da luta contra a corrupção, que seria representada pelo Partido dos Trabalhadores (LOPES et. al, 2020), segundo o então candidato. Em termos de política externa, durante a campanha, Bolsonaro sinalizou que tiraria o Brasil da Organização das Nações Unidas (NETTO, 2018) e do Acordo do Clima de Paris (GAIER, 2018), além de apontar uma possível alteração da embaixada brasileira de Tel-Aviv para Jerusalém (KRESCH, 2018). Suas sinalizações, porém, não foram cumpridas durante seu mandato, conforme analisado por Loureiro (2022). Assim, Bolsonaro indicava um horizonte de política externa contrário ao multilateralismo e às suas instituições, orientado por princípios religiosos e pelo nacionalismo (CASARÕES, FARIAS, 2021).

Apesar de ter feito parte da política brasileira por vinte e sete anos antes de se candidatar à presidência, somente dois dos projetos de lei apresentados por Bolsonaro foram aprovados (RBA, 2018), o que não gerou grande reconhecimento ao então candidato. Além disso, o partido com o qual ele se candidatou, o Partido Social Liberal, não compunha uma base eleitoral conservadora com forte expressão no Congresso (AVRITZER, 2019). Assim sendo, em busca de sua eleição, foi utilizada amplamente a desinformação e notícias falsas em redes sociais para alavancar seu discurso, como discutido por Fabrício Chagas-Bastos em:

Social media was a major player in the 2018 elections. Up until then, TV political advertising was the primary means to reach out to Brazil's electorate. Bolsonaro's tight-budgeted campaign committee, however, relied heavily on political microtargeting via social media —and focused especially on professionalising a 'fake news' industry. In a country in which 70% of the population is functionally illiterate (Ação Educativa & Instituto Paulo Montenegro 2018), the effect of fake news disseminated via WhatsApp has been perverse (CHAGAS-BASTOS, p. 95, 2019).

Chagas-Bastos (2019) argumenta que o discurso de Bolsonaro era direcionado às parcelas da população que sentiam ou poderiam sentir que seu padrão de qualidade de vida estaria em risco, ou seja, os ascendentes, a classe média e as classes altas. Desse modo, toda sua campanha política foi construída com base no medo de diferentes supostas ameaças, como o crime e o desemprego (CHAGAS-BASTOS, 2019, p.95), aproveitando a insatisfação da população com a situação política brasileira. Essa estratégia discursiva também é discutida por Hunter e Power (2019), em:

Bolsonaro seized the opportunity with gusto, sounding a "law and order" and anticorruption message that resonated strongly with the public. His emphasis on his role

in the army under Brazil's former military dictatorship (1964–85) enhanced his credibility as a strong leader who would come down hard on crime. In a country in which one out of three members of Congress was under either indictment or investigation for criminal activity, Bolsonaro's previous political insignificance proved a boon: Never having held (or even run for) executive office or party leadership had shielded him from opportunities to reap the fruits of corruption. And while Bolsonaro offered little tangible proof of his professed commitment to open markets (much less his qualifications to preside over a major economy), Brazil's business community—at first dubious about the candidate's purported free-market conversion—later swung behind him when faced with the binary choice between Bolsonaro and the return of the statist PT. In the end, the meteoric rise of Brazil's next president was made possible by a combination of fundamental background conditions (economic recession, corruption, and crime), political contingencies (most notably, the weakness of rival candidates), and a shakeup in campaign dynamics produced by the strategic use of social media (HUNTER, POWER, 2019, p. 70).

As motivações para a eleição de Bolsonaro são discutidas por diferentes autores (ver CASARÕES, BARBOSA, 2023; POLIMÉDIO, 2019; PINTO et. al., 2019; MOURA, CORBELLINI, 2019; CHAGAS-BASTOS, 2019; SETZLER, 2019; FUKS et. al., 2019). Não há somente uma explicação sobre o que teria levado à eleição de Bolsonaro em 2018, mas fato é que as crises que o país enfrentava, assim como o sentimento de revolta da população contra a corrupção corroboraram com sua vitória nas eleições. Por fim, as mídias sociais e o discurso “contra a corrupção” do candidato também tiveram papel essencial nesse processo. Considerar esse cenário de crise política e econômica combinado ao medo e desconfiança da população é essencial, já que, como demonstrado anteriormente, os momentos de crise são férteis para a criação e disseminação de teorias da conspiração na política.

Tendo entendido o contexto político brasileiro para a eleição de Bolsonaro, assim como as motivações para sua eleição, analisaremos o que a literatura especializada aponta sobre a estratégia de política externa adotada durante seu governo sob a gestão Araújo.

## 2.2.2 A ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA E AS PRINCIPAIS AÇÕES DA GESTÃO BOLSONARO

Para compreender o discurso do ministro Araújo, precisamos analisar quais foram as principais ações tomadas durante a sua gestão à frente do Itamaraty. É importante destacar que no governo Bolsonaro a política externa foi muitas vezes utilizada como forma de agradar as suas bases de apoio político domesticamente (CASARÕES, FARIAS, 2019) e, portanto, o discurso sobre as ações de política externa levava em consideração preocupações que faziam parte da política doméstica.

De início, é importante destacar também quem o ministro era antes de assumir o cargo. Araújo era diplomata de carreira há 29 anos antes de ser escolhido para assumir o ministério. À época, chefiava o Departamento dos Estados Unidos, Canadá e Assuntos Interamericanos no Itamaraty e nunca havia chefiado uma embaixada (DEUTSCHE WELLE, 2018). Um dos motivos para a escolha de Araújo teria sido um artigo intitulado “Trump e o Ocidente”, publicado nos Cadernos de Política Exterior da Fundação Alexandre de Gusmão. Nele, Araújo defendeu a política de Donald Trump, o qual seria responsável pela defesa da nacionalidade e da fé em Deus, assim como da proteção do Ocidente, que estaria em perigo (ARAÚJO, 2017). O artigo, além dos posts em seu blog pessoal a favor da candidatura de Bolsonaro e contra a candidatura de Fernando Haddad (PODER 360, 2018), teriam chamado a atenção de Olavo de Carvalho, então “guru do bolsonarismo” (DEUTSCHE WELLE, 2018) e de Filipe Martins, futuro secretário de assuntos internacionais do partido de Bolsonaro (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Em outros posts em seu blog, Araújo defendeu também a necessidade de combate ao “globalismo” (DEUTSCHE WELLE, 2018).

Depois de assumir o cargo de ministro, Araújo explicitou quais seriam as bases para sua atuação a frente do Itamaraty. Para ele (2020), a política externa do governo Bolsonaro teria como objetivo a manutenção da democracia, da transformação econômica e do desenvolvimento, da soberania e dos valores. Segundo Araújo, buscar esse objetivo culminaria na luta pela liberdade da população (2020; p.127-128). Em última instância, seu objetivo seria lutar contra o “globalismo”, um mal que ameaçaria a liberdade do povo. Consideramos que o conceito de “globalismo” é central para a estratégia de política externa desenvolvida durante a gestão Araújo, sendo baseado em uma teoria da conspiração.

Sendo justificada por essa perspectiva, estudiosos enfatizam que a liderança de Ernesto Araújo no Ministério das Relações Exteriores teria representado grandes mudanças na tradição brasileira (CASARÕES, 2019; SARAIVA, 2020). Segundo Mônica Hirst e Tadeu Maciel (2022), Araújo teria trazido uma tentativa de implementar uma guinada radical e sem precedentes nas diretrizes e orientações de política externa. Para tal, apontou para uma reestruturação interna, gerando um descarte de posturas e princípios que guiavam a ação diplomática brasileira pelas décadas que antecederam a sua gestão (HIRST, MACIEL, 2022, p.6).



A postura de política externa adotada durante o governo Bolsonaro foi criticada por um grupo de 300 diplomatas, que publicaram uma carta em março de 2021 criticando a gestão sem citar diretamente Araújo. Nela, os diplomatas explicitaram que “nos últimos dois anos, avolumaram-se exemplos de condutas incompatíveis com os princípios constitucionais e até mesmo os códigos mais elementares da prática diplomática” (DEUTSCHE WELLE, 2021, s/p), criticando principalmente a postura adotada com relação à pandemia de COVID-19.

O centro da estratégia de Araújo, conforme Guilherme Casarões e Daniel Flesmes (2019), teria sido o de basear ações de política externa em um culturalismo que mistura nacionalismo, fundamentalismo religioso e ódio ao comunismo. Para os autores (2019), a política externa de Bolsonaro, liderada por Araújo, visou também ajudar a construir um mundo de “nações soberanas fortes”, opostas àquele marcado pelo multiculturalismo de fronteiras abertas, além de ter declarado guerra contra o “globalismo” e o socialismo. Assim, conforme Casarões e Flesmes (2019), as bases da política externa conduzidas por Araújo são marcadas por elementos religiosos e ideológicos que se sobrepõem. Essas influências apontam distanciamento da tradição de política externa pragmática adotada pelo Brasil, demonstrados por pontos de ruptura trazidos pelo governo Bolsonaro.

Outros autores discutem as mudanças elencadas no campo da política externa pelo governo Bolsonaro em diferentes perspectivas (SANAHUJA, BURIAN, 2020; GUIMARÃES, DUTRA, 2021; SARAIVA, SILVA, 2019; SCHUTTE et. al., 2019, SPEKTOR, 2019; LOPES et. al., 2022), explicitando que a ideologia de extrema direita desempenha papel essencial no processo (LOUREIRO, 2023). Há, ainda, estudos que indicam que a teoria da conspiração sobre a existência do globalismo teria sido utilizada repetidas vezes por membros do governo Bolsonaro responsáveis pela política brasileira (GUIMARÃES *et. al.*, 2023), apontando que esse discurso esteve presente não somente na condução do Itamaraty, mas de diferentes ministérios.

É importante destacar também os apontamentos de Miriam Saraiva e Felipe Albuquerque (2022), que argumentam que “mais do que em momentos anteriores, a política externa refletiu disputas domésticas, fragmentando o processo decisório e diminuindo a importância relativa do Itamaraty (SARAIVA, ALBUQUERQUE, 2022, p. 161), “atendendo aos interesses de atores domésticos da base de apoio ao governo” (SARAIVA, ALBUQUERQUE, 2022, p. 162). Essa atitude explicita as conexões entre as ações tomadas em política externa e a tentativa de agradar as

bases políticas bolsonaristas. Nesse sentido, Loureiro (2022) argumenta que muitas das reivindicações mais radicais prometidas em campanha por Bolsonaro, como o fim do Mercosul e a mudança da embaixada em Israel, não foram concluídas em parte pela influência de grupos de interesse manufatureiros e agropecuários (LOUREIRO, 2022, p. 513), demonstrando mais uma vez a relação entre medidas de política externa e a tentativa de atender aos interesses de seus apoiadores no governo Bolsonaro.

Compreendendo o que a literatura especializada discute sobre a política externa de Bolsonaro e que ações de política externa foram tomadas para atender interesses de atores domésticos, destacaremos pontos que consideramos relevantes de ruptura com a tradição diplomática brasileira trazidos pela gestão Araújo: a postura adotada com relação à Venezuela; o tratamento dos Direitos Humanos e questões de gênero; a posição sobre meio ambiente; e a postura com relação à pandemia de COVID-19. Destacamos, também, as críticas tecidas a grandes canais de comunicação, considerados “canais *mainstream*” pelo ex-ministro.

Sobre a Venezuela, a atuação ideológica já é apresentada na cerimônia de posse do próprio presidente Bolsonaro, que convida e, logo em seguida, desconvida o presidente venezuelano Nicolás Maduro para o evento pelo fato de Maduro “atuar abertamente contra o futuro do Brasil por afinidade ideológica com o grupo derrotado nas eleições”, segundo Bolsonaro (BOLSONARO, 2018, s/p). Bolsonaro adotou também posicionamentos que indicavam um possível apoio brasileiro à potencial intervenção militar liderada pelos Estados Unidos contra a Venezuela, indo contra a histórica posição brasileira de solução pacífica de conflitos, autodeterminação e de não-intervenção (BRAUN, 2020).

O governo Bolsonaro também reconheceu Juan Guaidó como presidente venezuelano, mais uma vez em apoio à posição estadunidense (G1, 2019). Nessa questão, Araújo manteve papel de destaque, chegando a emitir nota em seu próprio nome acusando o governo Maduro de se basear “na corrupção generalizada, no narcotráfico, no tráfico de pessoas, na lavagem de dinheiro e no terrorismo” (DIEGUEZ, 2019). Para Araújo, a ação com relação à Venezuela se justifica na busca pela democracia, mobilizada retoricamente como base norteadora da política externa brasileira. Para o ministro (2020), o regime venezuelano faz parte de um projeto hemisférico, sendo, supostamente, uma fachada do chamado “Foro de São Paulo” e dos projetos de estabelecimento do “politicamente correto”. Representaria, ainda, o socialismo reconfigurado como um crime,

associando-o, então, ao narcotráfico, terrorismo e à corrupção sistêmica – além de, claro, em última instância, ao próprio “globalismo” (ARAÚJO, 2020).

Nesse aspecto, é importante destacar ainda a atuação do governo Bolsonaro com relação à crise migratória que atinge a fronteira do Brasil com Caracas, afetando, principalmente, o estado brasileiro de Roraima. O posicionamento incluiu desde a sugestão de formação de campos para refugiados venezuelanos (SOARES, 2018) até a crítica à lei de imigração brasileira que, segundo Bolsonaro, seria uma “vergonha” e garantiria mais direitos aos imigrantes do que aos próprios cidadãos nacionais (SENRA, 2020).

Destaca-se, ainda, a ocasião da visita do secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, a Boa Vista, em Roraima, acompanhada por Araújo e criticada por senadores brasileiros. A visita foi apontada como um palanque eleitoral para a reeleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2020. Para Rodrigo Maia, então presidente da Câmara, a visita do Secretário norte-americano não seria condizente “com a boa prática diplomática internacional”, tendo afrontado “as tradições de autonomia e altivez de nossas políticas externas e de defesa” (CÂMARA, 2020, s/p). Araújo foi convidado a esclarecer a visita na Comissão de Relações Exteriores (CRE), ocasião na qual defendeu que os Estados Unidos podem tornar o Brasil um país melhor, o que justificaria a busca pela aproximação com o país e a visita do Secretário Pompeo (ARAÚJO apud SENADO, 2020a).

Outro ponto de ruptura com gestões anteriores do Itamaraty foi o posicionamento com relação à defesa dos direitos humanos. Já no discurso de posse em janeiro de 2019, Bolsonaro definiu direitos humanos como “ideologia que descriminaliza bandidos, pune policiais e destrói famílias” (FOLHA, 2019). Araújo (2020) descreve que esse conceito teria sido pervertido pelo “globalismo”, servindo somente para garantir os direitos dos criminosos e associando-se ao conceito de “politicamente correto”. Emanuel Da Silva (2019) aponta que a atuação da administração Bolsonaro no âmbito da política externa de direitos humanos seria guiada por preceitos ideológicos, no sentido de que esses direitos fariam parte do “marxismo cultural” – inimigo permanente do bolsonarismo e comumente associado a uma das mais importantes ferramentas de avanço do “globalismo”. Ao agir dessa forma, segundo Gilberto Rodrigues *et. al.* (2020), a política externa de Bolsonaro “violou princípios tradicionais da política externa brasileira, bem como a cláusula constitucional de prevalência dos direitos humanos nas relações internacionais do país” (RODRIGUES, 2020).

Dentro dessa discussão, outra arma nominalista supostamente utilizada pelo “globalismo” seria a “ideologia de gênero”, colocando-se a necessidade de o governo Bolsonaro, no plano internacional, lutar em defesa da “família tradicional”, apontada como ameaça aos valores tradicionais e à moralidade religiosa (MARANHÃO, COELHO, DIAS, 2018). Na orientação de política externa, contrariando o posicionamento histórico do país, a posição da administração Bolsonaro foi expressa, por exemplo, na Comissão sobre o Estatuto da Mulher, órgão legislativo internacional dedicado exclusivamente à promoção de igualdade de gênero e empoderamento feminino (NAÇÕES UNIDAS, 2020). Na ocasião, foi explicitada a contrariedade do país com a suposta falta de foco na questão da família e no uso dos termos “gênero” e “sexo” sem distinção, tendo-se rejeitado, ainda, um parágrafo que dissertava sobre a garantia de “acesso à serviço de saúde sexual e reprodutiva” para as mulheres (CHADE, 2019).

Em Genebra, também houve modificação do posicionamento brasileiro no Conselho de Direitos Humanos da ONU, no qual, pela primeira vez, o Brasil não patrocinou duas resoluções tradicionalmente apresentadas pelo Itamaraty, sendo uma sobre a violência contra as mulheres e outra sobre discriminação contra mulheres (CHADE, 2019). Nestes assuntos, o foco principal, mais uma vez, teria sido a disseminação dos valores da família. Bolsonaro também fez apelo ao tema em discurso de abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro de 2019, destacando a importância da liberdade religiosa e do combate à cristofobia. Alegou que o Brasil seria um país cristão e conservador, com a família em sua base (BRASIL, 2020).

A administração de Bolsonaro buscou ainda desmontar o conjunto de políticas voltadas à proteção do meio ambiente, opondo-se à tradição brasileira nesse âmbito. Mais importante ainda, essa abordagem também seria justificada por Araújo em sua gestão no Itamaraty como uma frente na luta contra o “globalismo”. Em 2019, durante a crise de incêndios na Amazônia, Bolsonaro e Araújo indicaram que ONGs poderiam estar por trás de queimadas com o objetivo de culpabilizar o governo (MAZUI, 2019).

A partir disso, houve forte embate político entre Bolsonaro e o presidente da França, Emmanuel Macron, o que acabaria por colocar em dúvida a própria ratificação do acordo comercial entre a União Europeia e o Mercosul, que contém cláusulas sobre a proteção do meio ambiente (AYUSO, 2019). Neste ponto, tanto o presidente quanto o Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, tentaram colocar em xeque a veracidade dos dados sobre incêndios e

desmatamentos no Brasil (AYUSO, 2019). O ministro Araújo afirmou também que o Brasil seria vítima do “climatismo”, que representaria a captura dos estudos sobre mudanças climáticas por pela ideologia de esquerda, associada ao “globalismo” (SARAIVA, SILVA, 2019). Assim, para o então ministro, os problemas ambientais estariam sendo inventados para atacar o governo, algo ligado à suposta “corrente do socialismo do século XXI”, que alimentaria a oposição política brasileira (ARAÚJO, 2020).

Torna-se essencial destacar, ainda, o combate à pandemia do coronavírus no Brasil, tratada sob bases ideológicas tanto pelo presidente quanto pelo ex-ministro Araújo. Desde o início da pandemia – a qual, até o presente momento, causou quase 700 mil mortes somente no Brasil –, o posicionamento de ambos foi no sentido de vincular o surgimento do vírus à China (PARAGASSU, 2021); desincentivar o isolamento social e as medidas de combate à pandemia, pondo em questão inclusive o uso de máscaras (MURAKAWA, 2021; OLIVEIRA, 2021; ANDRADE, 2021); indicar o uso indiscriminado de medicamento sem comprovação de efetividade científica (cloroquina) (GUERRA, 2021); e negligenciar a necessidade de compra de vacinas, colocando em xeque sua efetividade (ESTADÃO, 2021).

Araújo, em artigo no qual se refere ao “comunavírus”, argumenta que, sob pretexto da pandemia, estaria sendo supostamente construído um mundo sem nações, sem liberdade, em estado de exceção global permanente – para ele, caminhando-se para um grande campo de concentração. Expressa, ainda, que estaríamos incorporando o “sanitariamente correto”, apontando que a pandemia seria um tesouro de opressão, utilizado pelo comunismo, em sua vertente “globalista”, como forma de combate à liberdade (ARAÚJO, 2020).

É essencial destacar que a postura de Araújo perante a pandemia de COVID-19 foi um dos maiores motivadores para sua demissão, feita em 29 de março de 2021. Segundo Loureiro (2023), fatores como as dificuldades de negociação para a importação de vacinas contra a COVID-19, a eleição de Joe Biden nos Estados Unidos (já que Araújo pode ser considerado pró-Trump) e as tensões causadas pela gestão do ex-ministro nas relações Brasil-China foram essenciais para a saída do então ministro do cargo (LOUREIRO, 2022, p. 509). Araújo, após não conseguir explicar no Senado brasileiro quais ações estaria tomando para combater a pandemia (SANCHES, 2021), e pela pressão de diversos senadores pela sua saída, pediu demissão do cargo e foi substituído pelo também diplomata Carlos Alberto França (CNN, 2021).

Ainda na construção da conspiração estruturante das ações de política externa do governo Bolsonaro, há um importante elemento de crítica e construção de um “inimigo do governo” – a “grande mídia”, tal como chamada pelo ex-ministro Araújo e pelo próprio presidente. Para Araújo (2020), tanto a mídia nacional quanto a mídia internacional são apenas uma indústria de rotulagem, não se preocupando com relatar a verdade. Assim, segundo Araújo, a esquerda brasileira – parte do “globalismo” – teria conexões com os meios de comunicação internacional para projetar uma imagem falsa, contra os interesses nacionais, que prejudica a atuação de seu governo. Para Araújo, como se pode observar no excerto abaixo, a verdade reside somente na mídia alternativa:

Nesses últimos vinte anos, mais ou menos, depois que acabou a Internet discada, todo o crescimento das redes, que se falava que seria uma coisa que iria fragmentar as pessoas, o Facebook, etc., na verdade, o que está acontecendo é que esse universo virou um campo em que reviveu o sentimento nacional, em que reviveu a ideia da identidade, a ideia do povo. É por aí que vai; não é na grande mídia tradicional, como vocês sabem; não é no establishment; é nesse, aí nessa selva da Internet (ARAÚJO, E. 2020, p. 154).

A suposta dominação da mídia estaria relacionada ao “nominalismo” e, conseqüentemente, ao “globalismo”. Araújo aponta, ainda, que o discurso público reproduzido na mídia tradicional desejaria negar a liberdade do povo, de pensamento e de expressão. Para o então ministro das Relações Exteriores, a “grande mídia” contribuiu para a construção de uma suposta ideologia que busca menos poder para as pessoas comuns e menos liberdade para o espírito, supostamente selecionando, manipulando e inventando informações (ARAÚJO, 2020). Assim, constrói-se a percepção de que a mídia, ligada ao establishment, também faria parte do complô para descredibilizar e desestabilizar o governo Bolsonaro. Elencando os principais argumentos trazidos nas quatro áreas discutidas, podemos apontar, conforme discutido por Loureiro (2023), a principal teoria da conspiração que justifica as ações de política externa do governo Bolsonaro. Segundo o entendimento de Araújo, haveria em curso uma tentativa, arquitetada por comunistas, de estabelecer uma dominação mundial, sustentada por pilares nominalistas (a ideologia de gênero, o climatismo, a *oikophobia* e o medicamento correto). Essa tentativa é caracterizada como o “globalismo” e esse discurso foi amplamente mobilizado pelo ex-ministro Ernesto Araújo como justificativa para ações de política externa tomadas durante sua gestão no Itamaraty, como veremos na próxima seção.

### 2.2.3 A LÓGICA DE SIGNIFICAÇÃO DA TEORIA DA CONSPIRAÇÃO GLOBALISTA

Conforme discutido anteriormente, compreendemos teorias da conspiração como a explicação de eventos passados, presentes ou futuros como sendo causados, primariamente, por uma conspiração (USCINSKI, 2020). Justamente por se tratar de uma tentativa de explicação, as teorias da conspiração possuem uma lógica de significação própria. Consideramos que a lógica de significação mais relevante presente nas TCs é a construção da significação mitológica e descritiva, tornando-a um texto-código (MADISSON, 2014; LEONE ET. AL., 2020). Nesta seção, buscaremos demonstrar a lógica de significação presente no discurso de Araújo.

Consideramos, primeiramente, que a base do discurso de Araújo está na caracterização do que seria o “globalismo”, em suas bases “nominalistas” divididas em vertentes. Conforme discutido na seção anterior, essas vertentes são diversas, mas podemos destacar quatro principais: a ideologia de gênero, o climatismo, a *oikophobia* (medo do próprio lar, entendida como nação), e o “medicamento correto”. Por fim, analisaremos também a construção de um inimigo que faria parte do “globalismo”: a chamada “mídia tradicional”.

Relembramos que, segundo Madisson (2014) e Leone *et. al* (2020), as teorias da conspiração tendem a ser mais amplamente disseminadas em momentos de crise, justamente porque buscam explicar eventos ou ações que pareceriam confusas para a população no geral. Neste trabalho, buscamos demonstrar as condições de crise em que Bolsonaro foi eleito e que auxiliaram na disseminação de seu discurso. Devemos levar esse contexto em consideração na análise das teorias da conspiração que sustentaram o discurso de Araújo, já que percebemos que suas ações em política externa foram muitas vezes tomadas com o objetivo de agradar as bases de apoio doméstico de Bolsonaro. Por fim, a situação de crise contribuiu também para que a população acreditasse no seu discurso – o que pode gerar graves consequências à democracia brasileira.

Para compreender o discurso de Araújo, será necessário o entendimento dos conceitos de significação mitológica e descritiva, discutidos por Madisson (2014) e Leone *et. al*. (2020). Levando em consideração que teorias da conspiração são um texto-código que busca explicar que eventos seriam resultado de um grupo de pessoas agindo em segredo para atingir um objetivo maléfico (BIRCHALL, 2006, p. 216), a significação mitológica seria justamente a explicação desse suposto “plano”. Esse tipo de significação cria uma lógica de existência de um suposto grupo de inimigos, que conspiram contra o bem comum. Desse modo, descreve o mundo como binário, separando aqueles que seriam “bons” dos “ruins”, ou seja, os “conspiradores” das “vítimas da

conspiração”. Nessa caracterização, o inimigo é visto como totalmente contrário às vítimas, entendido como “*non-own*”. Por isso, seria necessário eliminar esse conspirador (MADISSON, 2019).

Já a significação descritiva é caracterizada pela explicação dos motivos e dos modos pelos quais a conspiração aconteceria. Busca realizar a conexão entre diferentes eventos como sendo causados por um mesmo mal originário, ou seja, a própria conspiração. Faz parte dessa caracterização o entendimento do inimigo como “*anti-own*”, ou seja, muito mais poderoso do que o grupo de “vítimas” da conspiração, pois estaria infiltrado em diferentes setores da sociedade e teria domínio sobre quase tudo. Em resumo, a teoria da conspiração seria um texto-código que afirma que existe um mal por trás de eventos, o que seria a significação mitológica, descrevendo também quais são as partes e conexões entre eventos que explicam isso, o que seria a significação descritiva (MADISSON, 2014, p. 297).

Partiremos, então, para a identificação desses elementos no discurso de Araújo, utilizando como base duas coletâneas, organizadas pela Fundação Alexandre de Gusmão, que reúnem 120 textos e discursos feitos pelo ministro na sua gestão no Itamaraty.

Como dito anteriormente, consideramos que a teoria estruturante do discurso de Ernesto Araújo é a da suposta existência do globalismo. O ministro utiliza o termo pela primeira vez já em seu discurso de posse, feito em janeiro de 2019. No discurso, argumenta que, antes da gestão Bolsonaro, o Brasil teria buscado em sua estratégia de política externa ser um “bom aluno na escola do globalismo” (ARAÚJO, 2019, p. 24), o que mudaria a partir da sua atuação como chanceler. Araújo também conceitua o que seria o globalismo: uma busca pela destruição da humanidade, que exigiria o fim das nações e o afastamento do homem de Deus (ARAÚJO, 2019, p. 25).

Araújo busca explicar o que seria o globalismo em outras ocasiões, como em sua aula magna no Instituto Rio Branco. Dessa vez, expõe que o globalismo seria um processo de dominação ideológica dos processos da globalização, feito pelo marxismo cultural. Para esse problema, a única solução seria a busca por uma “supremacia dos valores humanos” (ARAÚJO, 2019, p. 85). Talvez a ocasião em que tentou definir o globalismo de maneira mais clara tenha sido na entrevista concedida à revista Brasil Paralelo, em março de 2019. Nela, explicita que o globalismo seria uma tentativa de “usar as instituições globais para influenciar nos países”, sendo um “sistema de pensamento ou de anti-pensamento”. Definido por Araújo, seria:



Eu vejo o globalismo muito como o processo pelo qual a ideologia marxista, a partir do começo dos anos 90, e, sobretudo, mais ou menos a partir do ano 2000, penetra na globalização econômica e faz dela o veículo da sua propagação. Então, justamente, através da globalização, começa a entrar com a sua agenda em temas como ideologia de gênero, em temas como o ambientalismo distorcido, e outros. E começa, sobretudo, a controlar o discurso, a dizer o que você pode dizer e o que você não pode dizer; e cada vez o que você pode dizer é menos, ocupa um menor espaço (ARAÚJO, 2019, p. 125).

Em resumo, para o ministro, o globalismo seria uma tentativa do marxismo de controlar o meio de produção de ideias. Esse seria um processo pelo qual o globalismo agiria para capturar instituições, diminuir identidades nacionais e pessoais. Por fim, esse “projeto marxista” buscaria o achatamento do ser humano. Seria, também, extremamente difuso – ele não estaria em um lugar específico, mas seria um sistema de anti-pensamento (ARAÚJO, 2019, p. 126).

Em outras ocasiões, reforça sua tese, caracterizando o globalismo de diferentes formas, tais quais: um projeto da esquerda de destruição das famílias, apagamento da religião e controle da linguagem (ARAÚJO, 2019, p. 318); a “amálgama da economia globalizada com o marxismo cultural infiltrado nas instituições (ARAÚJO, 2019, p. 84); “a globalização econômica sequestrada pelo marxismo cultural” (ARAÚJO, 2019, p. 395); “o mundo sem seus símbolos” (ARAÚJO, 2019, p. 399) e, por fim, como “a captura da economia globalizada pelo aparato ideológico marxista através do politicamente correto, da ideologia de gênero, da obsessão climática, do antinacionalismo” (ARAÚJO, 2019, p. 564). O ministro explicita também que o globalismo seria um estágio preparatório para o comunismo (ARAÚJO, 2020, p. 165), que utilizaria as organizações internacionais para corroer as soberanias nacionais (ARAÚJO, 2020, p. 199)

Compreendendo a significação mitológica como o apontamento de um suposto plano arquitetado por motivações maléficas, podemos apontar como esse tipo de significação foi construída no discurso de Araújo. Em resumo, Araújo descreve que o globalismo seria um processo pelo qual a globalização teria sido ideologicamente dominada pelo marxismo cultural. O objetivo final dessa dominação seria a destruição da humanidade. Para tal, o marxismo cultural faria uso do controle das ideias, o que geraria a captura das instituições (como os governos e organizações internacionais), diminuindo as identidades nacionais e pessoais, alcançando por fim o “achatamento do ser humano”. Desse modo, percebemos o texto-código do globalismo: haveria um plano maléfico, arquitetado pelo marxismo cultural, que estaria ativamente buscando a destruição da humanidade. Assim, o mundo passa a ser organizado entre bem e mal – os representantes do marxismo cultural seriam o mal e os que lutam contra o globalismo seriam o bem. Podemos perceber também a caracterização do inimigo como *non-own*, ou seja, o grupo de

inimigos é tão oposto ao grupo “do bem” que buscaria efetivamente a sua eliminação, pela erradicação da humanidade como um todo.

Nos discursos, há a tentativa de caracterização de quem seriam esses inimigos em diferentes momentos. Obviamente, o maior inimigo seria o globalismo em si, representado pelo marxismo cultural. Porém, Araújo cita alguns atores como representantes do globalismo. Entre eles, cita Lula, presidente do Brasil (ARAÚJO, 2019, p. 48) como o “homem do globalismo”, além do Partido dos Trabalhadores e Fernando Haddad (ARAÚJO, 2019, p. 51). Explica: “o país passou por um falso liberalismo econômico nos anos 1990, até alcançar o globalismo sob o PT: o marxismo cultural governava por dentro um sistema aparentemente liberal e democrático” (ARAÚJO, 2019, p. 54). Descreve, ainda, que o que teria “quebrado” esse sistema de dominação teria sido Olavo de Carvalho, a operação Lava-Jato e o presidente Bolsonaro. Outro inimigo seria o Foro de São Paulo, que representaria o projeto globalista na América Latina (ARAÚJO, 2019, p. 142).

Por fim, Araújo utiliza termos como “comunismo” e “socialismo” como equivalentes ao “marxismo cultural”, sendo eles “fases” de um plano de dominação mundial. Também, a esquerda é sempre associada ao totalitarismo, ao comunismo e ao socialismo. É importante destacar que Araújo trata o comunismo e o nazismo como equivalentes, já que, para ele, o objetivo final de ambos seria a eliminação de Deus (ARAÚJO, 2019, p. 272).

Outro importante suposto “inimigo” seria a mídia, a qual, para o ministro, faria parte do esquema globalista. Para Araújo, a mídia selecionaria, manipularia e inventaria informações, divulgando de forma restrita o que certos “poderosos” desejariam expor (ARAÚJO, 2020, p. 512). A mídia seria responsável também pela imposição de teorias que se tornariam “não simplesmente aceitas, mas mandatórias, peremptórias, inquestionáveis, sob pena de prisão e banimento” (ARAÚJO, 2020, p. 511), representando uma ameaça. Araújo diz ainda que a “grande mídia nos países democráticos é manipulada por forças antidemocráticas e torna-se instrumento de aniquilação da liberdade de expressão e da liberdade de pensamento” (ARAÚJO, 2020, p. 705). Por fim, o objetivo da grande mídia seria de ter controle social da comunicação, estabelecendo uma ditadura do politicamente correto, substituindo a ditadura do proletariado “como instrumento preferencial de construção do comunismo” (ARAÚJO, 2020, p. 567). Desse modo, em última instância, a mídia seria um dos elementos para o estabelecimento do globalismo. Há, nessa construção, a exposição de outra parte do plano, o que faria parte da significação mitológica – a

mídia seria um dos instrumentos utilizados pelo marxismo cultural para atingir seu plano maléfico de dominação mundial e eliminação da população. Percebe-se que o “marxismo cultural”, como inimigo a ser combatido, apresenta-se como tão poderoso que teria sido capaz de dominar todos os canais de comunicação *mainstream*.

Compreendemos, então, o que o ministro Ernesto Araújo entende por globalismo e a significação mitológica que sustenta a teoria da conspiração. Agora, partiremos para o que o ministro considera como partes essenciais do globalismo. A primeira delas é chamada pelo ministro de nominalismo. No discurso na Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC) no Brasil, em 2019, Araújo define o nominalismo como “agarrar a palavra e a transformar em um absoluto, que não corresponde a nada e que é apenas um instrumento de poder” (ARAÚJO, 2019, p. 452), indicando que o termo também corresponderia à ideologia, ou ao uso de mecanismos de controle mental, o que seria feito pela esquerda. Em outra ocasião, o ministro define o nominalismo como uma preocupação excessiva com os conceitos e as expressões, o que aconteceria na política externa antes dele assumir como chanceler (ARAÚJO, 2019, p. 77). Por fim, Araújo define que o nominalismo seria parte do projeto globalista, buscando isolar palavras da realidade, transformando-as em instrumentos de dominação. Faria parte, também, da tentativa de “achatamento do ser humano”, já que manipularia a linguagem (ARAÚJO, 2019, p. 128). Por fim, o ex-chanceler repete em diferentes ocasiões que haveria hoje uma distinção entre o realismo e o nominalismo, destacando a necessidade de destaque ao realismo e de descarte do nominalismo (ARAÚJO, 2020, p. 324).

O “nominalismo” também seria responsável pela “destruição da dimensão simbólica” (ARAÚJO, 2019, p. 404), o que seria um objetivo do marxismo. Na palestra no seminário da Fundação Alexandre de Gusmão sobre globalismo, Araújo explicou que o nominalismo, como “elevação de determinados conceitos, de determinadas palavras a um caráter absoluto onde já não se dialoga com a realidade” (ARAÚJO, 2019, p. 279) geraria a “ideologia de gênero” e o que ele chama de “ecologismo”. Em resumo:

Para mencionar alguns dos instrumentos que identificamos: o desconstrucionismo linguístico, talvez seja o principal, que é a separação entre a palavra e a realidade, que também pode ser chamado de nominalismo, embora não seja exatamente o conceito da filosofia medieval de nominalismo, mas, enfim, a elevação de determinados conceitos, de determinadas palavras a um caráter absoluto onde já não se dialoga com a realidade. A ideologia de gênero; o que eu chamo de racialismo, que é a concepção da sociedade dividida em raças, a volta – algo tão lamentável – do conceito de raça como algo que seja substrato da formação da sociedade. E o ecologismo, por diferença da ecologia; quer

dizer, o ecologismo é, digamos, a ecologia transformada em ideologia, ou seja, mais um desses exemplos onde determinada área de atividade, de pensamento, deixa de ter contato com a realidade e torna-se algo que extrapola, algo abstrato que não é mais objeto de debate, que tem que ser implementado sem debate. Então, é fundamental fazer essa distinção entre ecologia, ou a dimensão ambiental, no seu caráter legítimo, e o ecologismo, o ambientalismo como uma ideologia. E todos esses instrumentos pressupõem a ausência de Deus, pressupõem a horizontalidade do ser humano (ARAÚJO, 2019, p. 279).

Trataremos, então, do que o ministro considera como “ideologia de gênero” e “ecologismo”. Na questão da ideologia de gênero, Araújo diz que existiria hoje uma “redução de tudo a conceitos como gênero, raça e outros” (ARAÚJO, 2020, p. 502) e que existiriam pessoas que “dizem que não existem homens e mulheres” (ARAÚJO, 2019, p. 26), mas não há uma explicação aprofundada sobre o que seria a ideologia para além de demonstrar que ela faria parte do globalismo. Há também a defesa de que haveria uma manipulação de informações para a tentativa de criação de um direito universal ao aborto, o que faria parte de um projeto político de desarticulação da família. Para Araújo, a esquerda teria sequestrado a temática, como em: “é aquilo que eu tenho dito: a esquerda mundial, há muito tempo, tem essa tática em todos os temas, de sequestrar uma causa nobre e perverter essa causa em favor de objetivos completamente diferentes” (ARAÚJO, 2020, p. 569). Assim, a defesa pela legalização do aborto faria parte do projeto nominalista e, por consequência, o globalismo.

Na questão do que ele considera como “ambientalismo” ou “climatismo”, Araújo define o conceito como o “uso da questão climática como instrumento de controle econômico” (ARAÚJO, 2020, p. 699) e que seu propósito seria de “acabar com o debate político democrático normal” (ARAÚJO, 2019, p. 401). Em seu discurso na *Heritage Foundation*, em setembro de 2019, explica que haveria “divulgadores” que manipulariam os dados sobre mudanças climáticas, fazendo a população crer que medidas extremas seriam necessárias para combater os danos ao meio ambiente. Isso aconteceria porque na verdade esses divulgadores teriam o objetivo de instaurar o socialismo, mas chamá-lo de socialismo não “pegaria bem”. Assim, manipulariam uma suposta emergência, como a crise climática, para tomar medidas autoritárias (ARAÚJO, 2019, p. 401). Por fim, Araújo resume que:

O climatismo está para a mudança climática assim como o globalismo está para a globalização. Globalização é um fenômeno econômico; foi capturado por uma ideologia; isso se tornou o globalismo. A mudança climática é a mesma coisa: é um fenômeno, que precisa ser estudado, e deveria ser estudado de maneira serena, racional; mas também foi capturado por uma ideologia (ARAÚJO, 2019, p. 456).

É importante destacar que no discurso de Araújo a ideologia de gênero e o climatismo são

frequentemente utilizados conjuntamente, sendo um “mecanismo pelo qual o programa esquerdista ocupa esse arco ideológico” (ARAÚJO, 2019) (no caso, o arco ideológico seria o globalismo), ou seja, são partes essenciais do suposto plano globalista. Desse modo, como é característico da significação descritiva das teorias da conspiração, Araújo conecta eventos diferentes (no caso, a ideologia de gênero e o suposto climatismo) a um mesmo mal originário: o plano de dominação globalista, não deixando espaço para o acaso ou coincidências.

Outra parte importante do nominalismo, para Araújo, seria o que ele chama de *oikofobia*. Para o ex-ministro, haveria nos dias de hoje uma negação da luta pela própria nação, definida pela *oikofobia*. Nas palavras do ex-ministro: “o problema do mundo não é a xenofobia, mas a *oikofobia*, - de *oikos*, *oikía*, o lar. *Oikofobia* é odiar o próprio lar, o próprio povo, repudiar o passado” (ARAÚJO, 2019, p. 26). Esse “medo” faria com que as pessoas lutassem por um mundo sem fronteiras (ARAÚJO, 2019, p. 385), cooperando para a instauração do globalismo. Sua gestão seria marcada, segundo o ministro, pelo contrário da *oikofobia* – que seria a luta e o amor ao seu próprio país (ARAÚJO, 2019, p. 26).

Por fim, outro elemento do globalismo que também seria manipulado pelo nominalismo, segundo Araújo, teria sido a pandemia de COVID-19. Em artigo publicado no portal *Metapolítica 17*, em abril de 2020, Araújo descreve por que acredita que a pandemia seria um estágio para o estabelecimento do marxismo cultural. Citando o escritor Slavoj Žižek, Araújo argumenta que a pandemia do coronavírus representaria uma oportunidade para a construção de uma ordem mundial sem nações e sem liberdade. Haveria, então, um “jogo comunista-globalista de apropriação da pandemia para subverter completamente a democracia liberal e a economia de mercado, escravizar o ser humano e transformá-lo em um autômato desprovido de dimensão espiritual” (ARAÚJO, 2020, p. 165). Ainda falando do trabalho de Žižek, argumenta que parte desse plano seria a desnacionalização, necessária ao comunismo.

Por fim, relaciona diretamente o comunismo ao nazismo, na frase “o nazista é um comunista que não se deu ao trabalho de enganar as suas vítimas” (ARAÚJO, 2020, p. 170) e descreve como uma suposta manipulação da linguagem (ou seja, o nominalismo) faria parte da dominação comunista representada pela COVID-19. O então ministro descreve que existiria um “sanitariamente correto”, fazendo jogo com a expressão “politicamente correto” que “controlaria a linguagem para matar o espírito” (ARAÚJO, 2020, p. 171).

Araújo defendeu em outras ocasiões que o sanitariamente correto existiria. Para ele, seria

impossível apresentar opiniões contrárias ao *lockdown* e às medidas defendidas pela Organização Mundial da Saúde para o combate da pandemia (ARAÚJO, 2020, p. 440; p. 470), justamente por causa do sanitariamente correto. Em resumo, para Araújo, o trabalho de Žižek explicitaria um plano que vem sendo preparado há trinta anos, desde a queda do muro de Berlim, representado pelo globalismo:

O comunismo não desapareceu, mas apenas dotou-se de novos instrumentos: o globalismo é o novo caminho do comunismo. O vírus aparece, de fato, como imensa oportunidade para acelerar o projeto globalista. Este já se vinha executando por meio do climatismo ou alarmismo climático, da ideologia de gênero, do dogmatismo politicamente correto, do imigracionismo, do racialismo ou reorganização da sociedade pelo princípio da raça, do antinacionalismo, do cientificismo. São instrumentos eficientes, mas a pandemia, colocando indivíduos e sociedades diante do pânico da morte iminente, representa a exponencialização de todos eles (ARAÚJO, 2020, p. 172).

Em conclusão, a COVID-19 teria sido transformada em um “aparato prescritivo destinado a reformatar e controlar todas as relações sociais e econômicas do planeta” (ARAÚJO, 2020, p. 511), sendo assim uma parte importante para a dominação globalista.

Compreendemos, a partir da análise dos textos e discursos do ministro Araújo reunidos e publicados pela FUNAG, a construção da lógica de significação da teoria da conspiração sobre a existência do globalismo. A significação mitológica, ou seja, a explicação de que diferentes eventos acontecem porque há um grupo inimigo conspirando para atingir objetivos maléficos, está presente no próprio conceito do que seria, para o ministro, o globalismo. Em resumo, Araújo “expõe” que existira um plano de dominação mundial arquitetado pelo que ele chama de marxismo cultural, que teria como objetivo final a eliminação da humanidade, das famílias e da crença em Deus. Assim, há uma divisão binária do mundo – existem aqueles que são bons, que lutam contra o globalismo, e aqueles que são maus, que representam o globalismo.

Como dito anteriormente, o grupo que representa o mau é caracterizado basicamente como a esquerda, o comunismo e o socialismo, nas palavras do autor. A esquerda, tanto nacionalmente (representada pelo PT) como internacionalmente, seria responsável pela implementação do plano de dominação globalista. O grupo dos bons, por outro lado, seria formado pelos “cristãos e conservadores”, que seriam parte do povo brasileiro, representados pelo ministro e pelo presidente Bolsonaro (ARAÚJO, 2020, p. 452). Desse modo, o trabalho feito pelo ministro e a defesa do que ele acredita não seria nada além do que uma tentativa de defesa do povo brasileiro.

Em seu discurso, Araújo destaca repetidamente que seria representante do “coração conservador”, que derivaria do povo brasileiro e teria como centro a fé cristã (ARAÚJO, 2019, p.

277). O globalismo representaria justamente o contrário disso, sendo responsável pela ocupação de um “coração que tinha sido deixado vazio da sociedade liberal” (ARAÚJO, 2019, p. 278). Sua luta seria, em resumo, pela dignidade humana (ARAÚJO, 2019, p. 282).

No artigo publicado no portal Metapolítica 17, intitulado “Por um Reset Conservador-Liberal”, Araújo resume a divisão binária de bem e mal do seu discurso. Para ele, 2020 teria deixado clara a existência de uma grande batalha no mundo: entre a liberdade e a dignidade humana e “um grande arco de ideologias” contrários à liberdade e dignidade (ARAÚJO, 2020, p. 699). Sua gestão no Itamaraty teria, obviamente, buscado o lado bom dessa divisão. No texto, descreve ainda que haveria uma complexa trama de interesses, que reuniria, entre outros, a “grande mídia”; “a bandidagem em geral”; “o sistema intelectual politicamente correto”; “o climatismo”; “o covidismo”; “o multilateralismo antinacional” e a “ideologia de gênero”. Resume, também, a significação descritiva de seu discurso, ou seja, a conexão de diferentes eventos que em tese não são correlacionados pela existência de um suposto objetivo maléfico:

Embora algumas dessas correntes pareçam distantes umas das outras, trata-se de vasos comunicantes: quando se alimenta uma, todas comem. Quando uma avança, todas progredem. Quando uma vence, todas ganham. Como num jogo de xadrez, cada um desses elementos, ao mover-se ou ao permanecer onde está, embora fisicamente independente dos demais, exerce uma função em favor do conjunto. Cada peça protege uma ou mais outras peças do mesmo time e ataca uma ou mais peças do adversário, cada uma ocupa espaços em benefício de todo o time, cada uma cria linhas de força e possibilita, em jogadas futuras, novas agressões e novas ocupações. Não parece haver um jogador único por trás das peças planejando todos os movimentos, mas é como se o sistema se jogasse sozinho, ou melhor, é como se as peças do time anti-liberdade soubessem que estão jogando juntas e compartilhassem uma mesma estratégia. Alguns elementos têm mais consciência do que os outros, mas todos possuem instintivamente, mesmo sem sabê-lo, a percepção de uma estrutura comum que os coliga e os promove a todos, e agem de acordo com esse instinto (ARAÚJO, 2020, p. 700).

Em resumo, pelo entendimento de Araújo, todas essas “peças” contribuiriam para o estabelecimento do projeto de dominação globalista, o qual sua gestão no Itamaraty e o governo Bolsonaro buscaram combater. Desse modo, compreendemos a construção da lógica de significação mitológica e descritiva da teoria da conspiração de existência do globalismo, presente no discurso do ministro Ernesto Araújo.

### **2.3. CONCLUSÕES PRELIMINARES**

Com os apontamentos aqui apresentados, tivemos como objetivo central a compreensão da

existência ou não da lógica de significação de teorias da conspiração no discurso do ex-ministro Ernesto Araújo durante sua gestão no Itamaraty. Argumentamos que, apesar de não podermos afirmar que Araújo seria o criador das TCs elencadas, a análise da presença ou não de TCs em seu discurso se faz essencial a partir da posição institucional que ele ocupou como Ministro das Relações Exteriores.

Em conclusão, compreendemos a significação mitológica presente no discurso de Araújo pela argumentação da existência de um plano de dominação maléfica globalista; pela divisão binária do mundo entre os bons (combatentes do globalismo) e dos maus (globalistas, esquerdistas etc.); e pela caracterização dos inimigos como tão diametralmente opostos ao grupo representado por Araújo que esses desejariam acabar com a humanidade. Percebemos também a construção da significação descritiva nos textos analisados. A significação descritiva é caracterizada pelos argumentos de causa, efeito e cronologia que ligam eventos distintos a um mesmo mal comum. No texto, percebemos que Araújo conecta eventos diferentes, como a ideologia de gênero, o climatismo e o “covidismo” a um mesmo mal originário – o nominalismo e, por consequência, o projeto de dominação globalista. Todos os eventos são conectados pela mesma conspiração, que manipula aspectos muito diferentes da sociedade.

Esse suposto “sistema de dominação globalista” seria tão complexo que dominaria aspectos completamente distintos da sociedade, como as organizações internacionais, a mídia nacional e internacional, os estudiosos do clima e aqueles que são favoráveis à legalização do aborto. Não há espaço para coincidências – todos os eventos são ligados ao mesmo objetivo maléfico de dominação globalista. Percebemos, dessa forma, que o “inimigo” é caracterizado também como *anti-own*, ou seja, profundamente poderoso e dominante na sociedade.

Tendo identificado a significação mitológica e descritiva das teorias da conspiração no discurso do ex-ministro Ernesto Araújo sobre a existência do globalismo, concluímos que Araújo utilizou teorias da conspiração como justificativas para ações de política externa por ele lideradas. Por causa da posição que ele ocupava, Araújo pode ser considerado um empreendedor político de teorias da conspiração, endossando reivindicações ou narrativas conspiratórias como sendo a visão de mundo correta a ser seguida.

Compreendendo a teoria da conspiração utilizada como justificativa por Araújo, podemos tomar conclusões também sobre o que o uso de teorias da conspiração no discurso político poderia



gerar como consequência na sociedade. Como analisado anteriormente, o discurso bolsonarista ganhou força e venceu as eleições durante um momento de grave crise política no Brasil. A sociedade, portanto, estaria com medo do que poderia acontecer no futuro, sentindo-se diretamente ameaçada. Nessa situação, temos um chefe de estado, Bolsonaro, e o maior representante das relações exteriores do país afirmando o mesmo discurso de que esse medo seria justificável, pois existiria uma ameaça efetiva: o globalismo. Segundo esse discurso, a ameaça estaria na esquerda, a qual desejaria efetivamente aniquilar as famílias e destruir a crença em Deus.

A população, que já se sentia ameaçada, encontra uma explicação por trás de seu medo: a esquerda estaria buscando sua efetiva destruição. Ademais, encontra também um salvador: Bolsonaro e, em certa medida, Araújo, que seriam representantes da luta contra o globalismo. Assim, os apoiadores de Bolsonaro compreendem que a esquerda representaria uma grave ameaça a sua existência e somente Bolsonaro poderia lutar contra ela. A energização de suas bases apoiadoras numa luta contrária a tudo que representaria o “globalismo” se torna óbvia. Afinal, o discurso faz crer que não lutar contra esse processo ameaça o que há de mais importante: a sua vida, a sua família e a crença na sua religião.

A maior questão é justamente o que buscamos comprovar com esse capítulo: o discurso de Araújo está baseado em uma teoria da conspiração. Isso não quer dizer que estamos afirmando que o que ele diz não é verdade. Esse trabalho não será suficiente para o entendimento da veracidade ou não da teoria globalista, mas destacamos a importância de outros trabalhos que tenham esse foco, já que, caso seja comprovado que existe um plano de dominação globalista, esse deve ser exposto e ferozmente combatido.

Nossa comprovação de que o discurso de Araújo se baseia em uma teoria da conspiração somente quer dizer que, em seu discurso, reconhecemos a descrição mitológica e significativa característica de teorias da conspiração, tornando-se um texto-código. Suas falas buscaram “expor” um suposto plano que estaria ameaçando a população. Há um inimigo claro: a esquerda, em diferentes configurações; há também um salvador claro: Bolsonaro e seus representantes. Assim, o mundo é visto por lentes binárias e determinísticas: os eventos destacados pelo ministro, como a ideologia de gênero, o climatismo, a COVID-19 e a ação da mídia são consideradas representações do globalismo e, portanto, do mal. Desse modo, o discurso de Araújo contribui para energizar as bases apoiadoras de Bolsonaro a combaterem esses “inimigos”. Por fim, tendo compreendido que existe construção da lógica de significação das teorias da conspiração no

discurso de Araújo, partiremos para a análise da existência ou não dessas teorias em canais de comunicação considerados alternativos e pró-Bolsonaro no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO III – A DISSEMINAÇÃO DE TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO POR CANAIS DE COMUNICAÇÃO

### 3.1. INTRODUÇÃO

Após o entendimento da definição de teorias da conspiração, da conexão entre essas e a política externa de extrema direita, da análise semiótica das TC's e do seu uso no discurso de Ernesto Araújo durante sua gestão no Itamaraty como justificativa para ações de política externa, teremos como objetivo neste capítulo a compreensão da forma como as teorias são interpretadas, ressignificadas e disseminadas à sociedade em canais de comunicação de notícias alternativos pró-Bolsonaro. Parte-se do pressuposto de que teorias conspiratórias apresentam importante função em movimentos populistas de extrema direita, notadamente no que se refere à energização, à coesão e à mobilização de apoiadores, com graves impactos para a estabilidade de regimes democráticos. Justifica-se, assim, a importância da análise não somente do discurso dos principais empreendedores conspiratórios em governos de extrema direita, mas também a forma pela qual essas teorias são disseminadas por meios de comunicação alternativos.

No capítulo, não nos dedicaremos a apontar quem seriam os criadores das teorias da conspiração estudadas, apesar de compreendermos a essencialidade desse tipo de estudo. Nosso argumento central é que o discurso conspiratório existe e foi amplamente utilizado pela maior autoridade em termos de política externa abaixo do presidente da república e, além disso, que poderia estar presente também em canais de comunicação de notícias que se posicionam como apoiadores do presidente Bolsonaro.

Destacamos que uma parte relevante do discurso de Araújo está na construção da ideia de que a mídia “*mainstream*” não seria confiável. Como trazido no último capítulo, o ex-ministro utiliza a narrativa de que a mídia seria uma “indústria da rotulagem” que faria a difusão do “pensamento globalista” e, segundo Araújo, dominaria o discurso público (ARAÚJO, 2020). Assim, estudar canais de comunicação que se posicionam como alternativos, contrapondo-se à suposta “mídia tradicional”, torna-se importante.

Para atingir os referidos objetivos, o capítulo está dividido em três seções. A primeira trata sobre a metodologia de pesquisa utilizada; a segunda da análise quantitativa das notícias e a terceira de sua análise qualitativa. Por fim, são apresentadas as conclusões preliminares.

## **3.2. METODOLOGIA DE PESQUISA**

### **3.2.1 CONSTRUÇÃO DO ARQUIVO**

Com o objetivo de entendimento da lógica de significação de teorias da conspiração em canais de comunicação alternativos pró-Bolsonaro, primeiramente, nos dedicamos à estrutura do arquivo de notícias a serem analisadas. Nosso escopo de pesquisa se baseia no período em que Ernesto Araújo foi ministro das relações exteriores, entre janeiro de 2019 a março de 2021. Portanto, selecionamos notícias publicadas nesse intervalo de tempo.

A partir da análise aprofundada do discurso de Araújo, cujos resultados foram apresentados no capítulo II deste trabalho, destacamos que as justificativas de política externa foram baseadas principalmente na intenção de combate ao “globalismo”, o que é caracterizado como uma teoria da conspiração. Como discutido anteriormente e de acordo com a análise de Loureiro (2023), quatro vertentes principais são elencadas por Araújo como fundamentais ao globalismo, sendo elas: a ideologia de gênero, o ambientalismo, a *oikophobia* e o sanitariamente correto. Além disso, o ministro trata, muitas vezes, o globalismo como sinônimo do nominalismo. Por fim, há ênfase na crítica à mídia “*mainstream*” e exaltação da “mídia alternativa”. Desse modo, de forma a compreender se esse tipo de construção de teorias da conspiração de combate ao globalismo também se apresenta nos canais de comunicação estudados, selecionamos palavras-chave utilizadas no discurso do ex-ministro associadas ao globalismo, às quatro vertentes, ao nominalismo e à crítica à mídia, sendo elas: aborto; ambientalismo; comunismo; escravidão; fé cristã; gênero; globalismo; ideologia; lockdown; marxismo cultural; materialismo; nacionalismo; soberania e vacinas.

Iniciamos, então, a seleção dos canais de comunicação a serem analisados. Há um significativo número de canais que se posicionam como “alternativos” à mídia *mainstream*, identificando-se tanto com o espectro político de direita quanto de esquerda. Há, ainda, grande número de jornais que foram considerados apoiadores de ou favoráveis ao presidente Bolsonaro.

Analisar a totalidade de canais existentes não seria possível no presente trabalho e, por essa limitação, selecionamos quatro canais: Brasil Sem Medo, Mídia Sem Máscara, Jornal da Cidade Online e Gazeta do Povo. Todos são publicados inteiramente na internet, o que foi essencial para o acesso às suas notícias, sendo esse fato importante para nossa análise – afinal, conforme discutido em capítulos anteriores, a internet é uma ferramenta importante para a disseminação de teorias da conspiração (STANO, 2020, MADISSON, 2014)).

No contexto de análise de notícias, é essencial a compreensão de que as notícias que a população escolhe ler não existem em um vácuo, mas sim em um contexto político (STROUD, 2011, p.7). O partidarismo político é um dos critérios apropriados para a seleção pessoal de notícias a serem consumidas, o que é identificado por Natalie Stroud (2011) como exposição seletiva partidária, ou seja, as pessoas tendem a consumir notícias que estão de acordo com o seu posicionamento político prévio. Esse tipo de seleção possui significativas consequências para a democracia, já que poderá contribuir para a energização da participação dos cidadãos na política, podendo também afetar o que as pessoas sabem sobre o tema, suas crenças e atitudes. Aqueles que utilizam canais de mídia condizentes com seu posicionamento político prévio podem desenvolver atitudes políticas mais polarizadas e interesses políticos mais fragmentados, desenvolvendo apego ainda maior a sua própria visão, tendo desdém a visões opostas, segundo Stroud (2011, p.9). Para a autora (2011, p.9), os leitores podem até mesmo questionar a legitimidade política de figuras que não compartilham de sua visão.

Isso posto, analisar a construção de teorias da conspiração em canais abertamente bolsonaristas torna-se ainda mais essencial, já que os desafios à democracia apresentados pela exposição seletiva partidária poderiam ser exacerbados pela presença de teorias da conspiração. Essas, como visto nos capítulos anteriores, constroem a ideia de que existiria um inimigo a ser combatido, um suposto “mal” que ameaçaria o bem comum. Nos canais a favor de Bolsonaro, esse “mal” poderia estar relacionado aos seus opositores políticos, coesionando aqueles que possuem posições políticas similares às do presidente a maior polarização, apego a sua própria visão e questionamento da legitimidade política de opositores.

### 3.2.2 JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA DOS CANAIS ANALISADOS

A partir da compreensão da importância do estudo de canais de comunicação, buscamos aqueles que seriam representativos ao objetivo de pesquisa analisado. Chegamos primeiramente a dois que foram fundados por um dos gurus do bolsonarismo, Olavo de Carvalho. Carvalho é reconhecido como quem indicou Araújo ao cargo de ministro, bem como por sua visão de necessidade de combate ao globalismo, como discutido anteriormente. Além disso, fundou, em 2002, o movimento “Mídia Sem Máscara”, que gerou a criação de dois canais de comunicação: Mídia Sem Máscara e Brasil Sem Medo.

O canal Mídia Sem Máscara, criado em agosto de 2002 por Carvalho, se posiciona como um “website destinado a publicar as ideias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira” (MÍDIA SEM MÁSCARA, 2022). No próprio site, na aba “quem somos”, há uma extensa explicação de uma suposta manipulação e controle feito pela esquerda da mídia nacional. O site menciona ainda que esse movimento partiria da “oposição esquerdista dos anos 70” e que “toda a mídia nacional é instrumento dócil a serviço dessa manobra” (MÍDIA SEM MÁSCARA, 2022). Carvalho se manteve como editor chefe do canal até seu falecimento, em janeiro de 2022.

A estrutura do canal conta com quatro categorias que dão acesso aos artigos e documentos presentes no canal, sendo elas: Brasil; Cultura; Arquivo MSM; Media Watch e Mais. A categoria “Arquivo MSM” conta com supostas atas do Foro de São Paulo e artigos, enquanto a categoria “Mais” apresenta “notícias faltantes” e a aba “quem somos”. A partir de seu posicionamento contrário à esquerda, o canal se apresenta como referência para supostas notícias faltantes, tendo elas um caráter específico, resumido por Luísa Barja (2009): “Mídia Sem Máscara tem mesmo uma personalidade muito bem definida: é conservador, de direita (apesar de apartidário) e com uma inegável verve de denúncia a tudo que considera politicamente ou moralmente danoso à sociedade – ou em uma palavra, a esquerda” (BARJA, 2009, p. 157).

Como exemplificado pelo referido estudo, produzido em 2009 e referente às notícias publicadas no site sobre o primeiro mandato de Lula da Silva, percebe-se que o movimento é muito anterior à gestão de Araújo e da presidência de Bolsonaro. À época, segundo Barja (2009), já era evocado o ideário do globalismo: “para Carvalho, as conquistas eleitorais de partidos que considera de fato revolucionários, como o PT, constituem a primeira etapa de um iminente golpe conjunto que ameaça a democracia no continente” (BARJA, 2009, p. 159). O caráter conservador

e anticomunista do canal foi caracterizado em outros trabalhos, como Patschiki (2012) e Cruz (2019). Desse modo, considera-se que a análise das notícias vinculadas no canal seja de relevância para a compreensão da disseminação de teorias conspiratórias, principalmente com relação à existência do globalismo. O site não requer o pagamento de assinatura mensal ou anual para acesso a seu conteúdo.

Também criado por Carvalho, o canal Brasil Sem Medo se autointitula um jornal conservador com o “objetivo de noticiar sempre a verdade dos fatos” (BRASIL SEM MEDO, 2022). Considera, também, representar os valores da população brasileira, a democracia e a liberdade do país. Rege sobre temas de “política e economia nacional e internacional, a defesa da vida desde a concepção, a liberdade de expressão, os direitos civis e os regimes autoritários ao redor do mundo” (BRASIL SEM MEDO, 2022). O jornal foi fundado por Carvalho em 2019 e o autor contribuiu com textos de opinião no site até 30 de agosto de 2022.

O site conta com uma livraria que possui volumes como os livros “O lado diabólico do comunismo” e “Karl Marx e o Diabo”, de Paul Kengor, “Jair Bolsonaro: o fenômeno ignorado”, de Eduardo Bolsonaro e Mateus Colombo Mendes, e “O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial”, de Heitor de Paula, os quais indicam a forte crítica ao comunismo e à suposta nova ordem mundial, assim como o destaque e elogio ao presidente Bolsonaro, presentes em diferentes notícias publicadas. O site possui 7 categorias que podem ser acessadas: o conteúdo; a eleição; o podcast; sobre; os autores; a livraria e o BSM Class. Para acesso à maioria do conteúdo do site, incluindo as notícias e o podcast, é necessária uma assinatura anual no valor de 290 reais. Em artigos de opinião do site, seu patrono e fundador Olavo de Carvalho deixa clara a sua visão sobre a “grande mídia”:

No curso das últimas décadas, a propriedade dos órgãos de mídia em todos os países concentrou-se nas mãos de uns poucos grupos mega bilionários, todos eles envolvidos até à goela no projeto da “Nova Ordem Mundial”, e com isso tais órgãos mudaram radicalmente de função no corpo da sociedade (...)Na mesma medida em que a autoridade da mídia cresce e sua confiabilidade diminui, sua função noticiosa cede lugar à difusão dos clichês e slogans a serviço da Nova Ordem Mundial, enquanto, paralelamente, a função opinante, num ambiente de uniformidade consensual que reduz toda discussão a um simulacro teatral, se transfigura numa engenharia de controle da opinião popular e, "ipso facto", em mecanismo de exclusão e censura de fatos e idéias inconvenientes” (CARVALHO, 2021, s/p).

Além da criação de desconfiança sobre outros meios de comunicação, o diretor de conteúdo do Brasil Sem Medo se posicionou abertamente contrário à candidatura de Lula da Silva,

elencando, em artigo, oito motivos pelos quais cristãos não deveriam ter apoiado o candidato (KUSTER, 2022). Compreende-se, desse modo, o posicionamento dos referidos jornais e sua importância na divulgação da visão de mundo de Olavo de Carvalho. Destacamos também a quantidade de acessos mensais ao conteúdo desses sites. Utilizando a ferramenta SimilarWeb, que analisa mais de 100 milhões de sites e fornece o número de acessos mensais de cada um, os canais Mídia Sem Máscara e Brasil Sem Medo possuem 538 mil e 2,65 milhões de acessos mensais (no momento da pesquisa, em novembro de 2022), respectivamente (SIMILAR WEB, 2022). Nos sites, tivemos acesso a todas as notícias publicadas entre janeiro de 2019 e março de 2021 para construção do arquivo de notícias.

Já nos canais Jornal da Cidade Online e Gazeta do Povo, por causa da ferramenta de busca do próprio site, tivemos que realizar a pesquisa em duas etapas: primeiramente, pesquisamos a categoria “data”, salvando todas as notícias correspondentes ao período selecionado e, posteriormente, a categoria “relevância”, também salvando todas as notícias correspondentes ao período selecionado. A busca foi feita para que conseguíssemos o maior número possível de notícias no arquivo. Esses dois canais de comunicação foram selecionados principalmente pela relevância do número de acessos mensais de cada um. O Jornal da Cidade Online teve 27,69 milhões de acessos mensais, enquanto o jornal Gazeta do Povo teve 55,2 milhões no momento da pesquisa (novembro de 2022), segundo a ferramenta SimilarWeb (2022). A título de comparação, jornais considerados “*mainstream*” como a Folha de São Paulo, o Globo e o Estadão possuem, respectivamente, 187,7 milhões, 283,9 milhões e 63,1 milhões de acessos mensais, sendo o site O Globo o mais acessado para notícias no Brasil, ainda segundo o Similar Web (2022).

Diferentemente dos canais criados por Olavo de Carvalho, os dois últimos não surgiram com a intenção de fazer contraposição à mídia “*mainstream*”, mas sim como veículos de notícias gerais. Houve, porém, uma inclinação para um posicionamento conservador com o passar dos anos nos dois jornais, como descrito a seguir.

O jornal Gazeta do Povo foi criado no Paraná em 1919, com a intenção de “defender interesses gerais da sociedade sem tender a melindres pessoais”. Em 2017, seguindo as mudanças de hábito de leitura, se tornou um jornal 100% digital (GAZETA DO POVO, 2022). Em 2018, pelos dados do comScore MyMetrix fornecidos pelo jornal, a Gazeta do Povo foi o canal mais lido no mês das eleições, registrando 33,7 milhões de visitantes únicos em outubro de 2018, o que



representa um crescimento de 220% em relação ao mesmo período no ano interior (GAZETA DO POVO, 2018). Em 2019, foi o jornal a publicar o primeiro artigo do ministro Ernesto Araújo após ser escolhido pelo presidente Bolsonaro como ministro das Relações Exteriores (ARAÚJO apud GAZETA DO POVO, 2018). Segundo Tavares (2020), apesar de o jornal ter se posicionado como uma fonte informativa de jornalismo em sua fundação, ele teria adotado a partir de 2015 uma perspectiva politicamente alinhada. A autora destaca a importância das investigações da Operação Lava Jato neste processo, o que teria gerado atenção para a região onde a Gazeta foi fundada (TAVARES, 2020). Por causa dessa atenção, o canal publicou suas convicções, reunidas em pontos que resumem a orientação de sua linha editorial (GAZETA DO POVO, 2022) e iniciou, primeiro timidamente, e depois de forma mais explícita, uma tendência ao conservadorismo.

A partir das eleições de 2018, como discutido por Cavassana e Sindorski (2019), o alinhamento do jornal com a campanha de Jair Bolsonaro e com a direita foi se tornando cada vez mais claro. Foi feita a publicação do texto “Uma chance para consertar o estrago”, o qual apesar de não mencionar diretamente o apoio a Bolsonaro, critica ferozmente a “herança maldita” deixada pelo PT, de forma a sugerir que os brasileiros escolhessem uma outra opção (CAVASSANA, SINDORSKI, 2019, p. 27), assim como a divulgação de diversas notícias favoráveis à candidatura de Bolsonaro e contrárias à de Fernando Haddad (PT). As autoras (2019) também concluíram que, entre os jornais paranaenses, é desse jornal o maior número de postagens sobre o pleito presidencial. Esse fator, juntamente com o relevante número de acessos ao jornal na época, demonstra a importância que esse desempenhou para a eleição de Bolsonaro em 2018.

O posicionamento conservador do jornal Gazeta do Povo também foi confirmado por Guilherme Doring Cunha Pereira, presidente do GRPCOM, grupo que edita a Gazeta. Ele afirmou em entrevista concedida ao The Intercept Brasil que o jornal “montou toda uma estratégia em que o posicionamento (conservador) adquiriu status especial” (PEREIRA apud THE INTERCEPT BRAZIL, 2018) a partir do processo das investigações da Lava Jato, em 2015. Depois das eleições de 2018, essa orientação se tornou mais clara, como relatado por Rogerio Galindo, ex-jornalista da Gazeta demitido após a eleição de Bolsonaro por ter feito críticas a sua escolha editorial. Ele afirmou que “no núcleo duro, o cerco é total. Não há espaço para pluralismo” (GALINDO apud THE INTERCEPT BRAZIL, 2018). Assim, compreende-se o posicionamento do jornal como conservador e favorável ao presidente Bolsonaro, tendo tido protagonismo na eleição do presidente

em 2018. Para acesso total ao conteúdo digital publicado pelo jornal, é necessário o pagamento de uma assinatura mensal no valor de R\$ 23,90.

O Jornal da Cidade Online tem como editor chefe José Tolentino, tendo sido fundado em 1978 na cidade de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Na categoria “opinião” do próprio site, um dos primeiros editoriais (no momento da pesquisa, em outubro de 2022) tem como título “Porque apoio Jair Bolsonaro” (SANCHEZ, 2022), seguido por outro artigo intitulado “Lula não consegue parar de mentir: A vergonha das eleições!” (SIQUEIRA, 2022). Além desses, diversos outros artigos de opinião e editoriais são publicados no jornal criticando o candidato petista e exaltando o candidato do PL. Ademais, o jornal é responsável pela publicação da revista A Verdade, a qual teve edição com Ernesto Araújo na capa. Publicada logo após a saída de Araújo do ministério, defende que Araújo seria o “homem certo, no lugar certo” (JORNAL DA CIDADE ONLINE, 2021).

O jornal foi também alvo de investigação na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *fake news*, em 2020. No requerimento 348, assinado pelo senador Jean Paul Prates e pela deputada Natália Bonavides, é feito o pedido de transferência de sigilo com o compartilhamento da movimentação financeira de José Tolentino e do jornal, sob a justificativa de que foram verificados indícios da prática de condutas ilegais (SENADO, 2019). O canal também foi condenado por difamação em processo contra a deputada Gleisi Hoffmann pela veiculação de notícia em que acusava a presidente do Partido dos Trabalhadores de envolvimento com a facada sofrida por Bolsonaro em 2018 (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2018) e pelo ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Felipe Santa Cruz, o qual foi acusado pelo jornal de cometer fraudes e ter falido a OAB (FREITAS, 2020). Também foi condenado a indenizar o desembargador Flavio Marcelo de Azevedo Horta Fernandes em 150 mil reais por danos morais, após a publicação de notícias em que Fernandes era acusado de ter progredido na carreira por tráfico de influência (CONJUR BRASIL, 2019). Dado seu histórico na publicação de notícias favoráveis ao presidente Bolsonaro e na divulgação de reportagens imprecisas ou falsas, bem como pela relevância do número de acessos mensais ao jornal, este foi escolhido para que suas notícias fossem analisadas.

### 3.2.3 METODOLOGIA QUALITATIVA DE ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SELECIONADAS

Como trazido anteriormente, a base da nossa análise estará na compreensão da presença ou não da lógica significativa de teorias da conspiração no texto das notícias selecionadas. Para tal, faremos uso da teoria semiótica das teorias da conspiração, desenvolvida por Madisson (2014) e descrita em Leone *et. al.* (2020). Vimos que, falando de TCs contemporâneas, a internet tende a desempenhar um papel essencial em sua disseminação, justamente porque é onde os tópicos mais atuais são discutidos. Ademais, ela apresenta oportunidades para a realização de conexões entre eventos em um ambiente no qual os autores não precisam ser responsáveis pelas suas opiniões (MADISSON, 2014, p. 282).

Além da importância da internet, a autora discute que existe uma semiótica específica na lógica de significação das TCs. Essa é caracterizada como um texto-código, seguindo definição de Lotman (1990), possuindo significação mitológica e descritiva. Assim, a utilização da teoria semiótica das TCs possibilita a consideração da lógica de sua significação de maneira sistemática e integrada, considerando seus aspectos semânticos e descritivos, bem como de sua interação (MADISSON, 2014, p. 296).

Conforme discutido no primeiro capítulo, o pensamento mitológico, descrito por Lotman (1990), se encaixa nas teorias da conspiração pela percepção do mundo a partir de uma lógica essencialmente binária e profundamente antagonica, organizada entre caos e ordem, bem e mal, amigos e inimigos. Desse modo, tende-se a enxergar o grupo ao qual se pertence como o bem, enquanto os grupos opostos seriam o inimigo, ou o mal. Essa caracterização é conhecida como “*non-own*” por Madisson (2014). A mitologização de eventos e processos os retira a possibilidade de existência de coincidências, vinculando diferentes eventos a uma causa originária – o mal – e à história de luta entre bem e mal (MADISSON, 2014).

Já o pensamento descritivo ou não mitológico, por sua vez, busca explicar por que e como esses eventos seriam conectados a uma mesma causa maléfica. Os conspiradores, contra os quais o bem tem que se mobilizar para impedir a vitória do mal no mundo, se apresentam como um grupo extremamente organizado e quase onipotente, tendo controle de todos os aspectos da atividade humana (MADISSON, 2014, p. 297). Para a autora, esse tipo de caracterização é chamado de “*anti-own*”. É também pela significação descritiva que são citados os motivos pelos

quais poderíamos “desconfiar” de motivações maléficas por trás de eventos específicos, tais como as especificidades do inimigo ou as conexões entre eventos (MADISSON, 2014, p. 297).

Para Madison (2014), a interação entre essas duas tendências contraditórias – pensamento mitológico e descritivo – pode ser explicada pelo conceito de texto-código, central na semiótica de Lotman. O texto-código representa um link mediador entre a lógica mitológica e descritiva, sendo um tipo de “invariante específica textual derivada da memória cultural” (MADISSON, 2014, p. 292).

Em resumo, seguindo a teoria de Madisson (2014), as características base para a construção de uma teoria da conspiração seriam a significação mitológica e a significação descritiva. A significação mitológica corresponde à ideia central das teorias da conspiração, ou seja, de que eventos futuros, presentes ou passados seriam explicados pela ação de um pequeno grupo de indivíduos agindo em segredo para o próprio bem e contra o bem comum (USCINSKI, 2020). Esse tipo de significação não dá espaço para coincidências e é, portanto, determinística. Todos os eventos seriam explicados pela ação desse pequeno grupo. Além disso, divide o mundo entre uma lógica binária de bem e mal: o grupo ao qual se corresponde seria responsável por propagar o bem, enquanto seus inimigos representariam o mal. A significação descritiva busca explicar as condições que permitiriam essa ação, isto é, ela é responsável pela caracterização desse suposto inimigo como um grupo extremamente bem-organizado, dividido em subsistemas complexos, tendo domínio sobre diferentes áreas da vida humana. Descreve, também, a cronologia por trás dos eventos, como e porque eles seriam conectados. Ademais, pode citar fontes, estatísticas e dados que “comprovariam” o mal por trás dos eventos em questão. Em conclusão, os dois tipos de significação são dependentes - um explicaria o outro. Desse modo, fazem parte do texto-código das teorias da conspiração e, por causa deles, essas podem ser identificadas mesmo que divulgadas em diferentes meios, como textos, vídeos ou posts em canais de notícias (MADISSON, 2014; LEONE *et. al.*, 2020).

A conceituação de Madisson (2014) baseada em Lotman (1990) será utilizada para a análise de material produzido por meios de comunicação selecionados. Buscaremos identificar a criação do texto-código conspiratório a partir do pensamento mitológico e descritivo tendo como fonte de disseminação primária as notícias selecionadas. Para compreensão da lógica de significação,

desenvolvemos uma lista de perguntas que foram respondidas a partir da leitura de cada notícia, representada na tabela a seguir.

**Tabela 1 – perguntas de pesquisa**

<b>Pergunta</b>	<b>Corresponde a</b>
1. Existe a simplificação de um problema complexo a um esquema/explicação simples e monocausal?	Se sim, presença de significação mitológica
2. Existe a criação de desconfiança em certas informações e instituições, criando medo ou suspeita?	Se sim, presença de significação descritiva
3. No contexto de criação de conflito do tipo "nós vs eles", quem seriam "nós"? E "eles"?	Caracterização da conspiração
4. Pode ser identificada significação mitológica?	Há lógica de significação da conspiração ou não
5. Pode ser identificada significação descritiva?	Há lógica de significação da conspiração ou não
6. Podemos considerar a notícia um texto-código que possui significação mitológica e descritiva, sendo, deste modo, considerada uma conspiração?	Há lógica de significação da conspiração ou não
7. Quem seria o conspirador nesta teoria?	Caracterização da conspiração
8. Qual seria a conspiração?	Caracterização da conspiração
9. Há uma defesa do que entendemos como conspiração defendida por Ernesto Araújo, ou seja, o chamado globalismo, ou quaisquer um de seus braços	Correspondência às teorias disseminadas por Araújo

Fonte:elaboração própria

As primeiras perguntas, de 1 a 4, foram utilizadas para a compreensão de como foi construído o texto, sendo partes essenciais da significação mitológica e da significação descritiva. Essencialmente, consideramos que existe construção de teoria da conspiração na notícia se as perguntas “pode ser identificada significação mitológica?” e “pode ser identificada significação descritiva?” forem respondidas positivamente. Desse modo, buscamos apontar quem seria tratado como conspirador e qual seria a conspiração apontada na notícia. Por fim, a pergunta 9 corresponde às teorias da conspiração elencadas por Ernesto Araújo.

Durante a análise, percebemos que seria importante destacar outras duas categorias, sendo elas: textos que não possuem construção textual de uma teoria da conspiração, mas apontam para

teorias da conspiração e textos que não possuem teorias da conspiração como elencadas por Araújo, mas sim construções similares.

### **3.3. ANÁLISE QUANTITATIVA DAS NOTÍCIAS ANALISADAS**

#### **3.3.1 ANÁLISE GERAL**

Após a construção do arquivo, chegamos ao número total de notícias. Nosso arquivo possui 3.043 notícias no total e, por isso, não seria possível realizar neste trabalho a leitura na íntegra de todas elas. Acreditamos que a análise de 10% desse total seria suficiente para o entendimento do nosso objetivo de pesquisa e, por isso, fizemos a análise textual de 305 notícias. Para tal, foi feita a seleção de 10% de notícias de cada palavra-chave. Ou seja, se, por exemplo, no canal Mídia Sem Máscara, 28 notícias foram arquivadas na busca utilizando a palavra “aborto”, 3 notícias dessa palavra-chave foram selecionadas de forma aleatória para que fossem lidas integralmente. Optamos por arredondar para cima aquelas palavras que continham números decimais maiores do que 0.5, analisando o número inteiro caso essas contivessem números decimais menores do que 0.5.

Apresenta-se, a seguir, a tabela contendo o número de notícias arquivadas para cada palavra-chave, a quantidade total de notícias analisadas, o número correspondente da notícia analisada e o total de notícias arquivadas e analisadas para cada canal de notícia analisado. As notícias foram enumeradas de acordo com a data de publicação, iniciando a contagem com a notícia mais antiga, e finalizando com a mais recente. Desse modo, a notícia mais antiga seria identificada como número 1 e assim por diante.

**Tabela 2 – notícias selecionadas e arquivadas por código e por jornal**

CÓDIGOS	BRASIL SEM MEDO		GAZETA DO POVO				JORNAL DA CIDADE ONLINE				MÍDIA SEM MÁSCARA	
	Notícias arquivadas	Notícias selecionadas	Notícias arquivadas por data	Notícias selecionadas por data	Notícias arquivadas por relevância	Notícias selecionadas por relevância	Notícias arquivadas por data	Notícias selecionadas por data	Notícias arquivadas por relevância	Notícias selecionadas por relevância	Notícias arquivadas	Notícias Selecionadas
Aborto	211	21	0	0	23	2	0	0	59	6	28	3
Ambientalismo	4	1	28	3	30	3	6	1	5	1	8	1
Comunismo	99	10	0	0	29	3	0	0	27	3	78	8
Escravidão	5	1	48	5	14	1	43	4	37	4	6	1
Fé Cristã	6	1	12	1	31	3	47	5	39	4	102	10
Gênero	0	0	0	0	23	2	0	0	29	3	55	5
Globalismo	72	7	20	2	43	4	47	5	48	5	17	2
Ideologia	194	19	0	0	33	3	0	0	32	3	89	9
Lockdown	241	24	0	0	34	3	0	0	67	7	22	2
Marxismo cultural	9	1	42	4	31	3	33	3	32	3	16	2
Materialismo	9	1	54	5	22	2	21	2	17	2	8	1
Nacionalismo	23	2	55	5	23	2	7	1	12	1	15	1
Soberania	88	9	37	4	29	3	0	0	44	4	26	3
Vacinas	230	23	0	0	10	1	0	0	51	5	8	1
TOTAL	1191	120	296	29	375	35	204	21	499	51	478	49

Fonte: elaboração própria

Tendo chegado ao número total de notícias arquivadas e selecionadas em cada canal, iniciamos a leitura das notícias escolhidas, respondendo às perguntas de pesquisa apresentadas anteriormente. Categorizamos, então, as notícias analisadas em três tabelas. A primeira tratará sobre o número total de notícias analisado, o número de notícias que possuem construção textual de teorias da conspiração, o número de notícias sem construção textual de teorias da conspiração, e o número de notícias que não tem construção textual de teoria da conspiração, mas que aponta para uma teoria da conspiração. A tabela a seguir resume os resultados obtidos com o arquivo:

**Tabela 3 – número de notícias com e sem TC, apontando para TC e porcentagem total de TC**

Jornal	Número de notícias	Número de notícias com construção de TC	Não tem construção de TC e não apontam para TC	Não tem construção, mas aponta para TC	Porcentagem total de TC (com construção e aponta para TC)
Brasil Sem Medo	120	33 (27,5%)	51 (42,5%)	36 (30%)	57,50%
Gazeta do povo (data)	29	8 (27,5%)	15 (51,7%)	6 (20,6%)	48,30%
Gazeta do povo (relevância)	35	13 (37,2%)	15 (42,8%)	7 (20%)	57,10%
Jornal da Cidade Online (data)	21	16 (76,1%)	1 (4,7%)	4 (19%)	95,20%
Jornal da Cidade Online (relevância)	51	17 (33,3%)	13 (25,4%)	21 (41,1%)	74,50%
Mídia Sem Máscara	49	44 (89,7%)	2 (4%)	3 (6%)	95,90%
TOTAL	305	131 (42,9%)	97 (31,8%)	77 (25,2%)	68,20%

Fonte: elaboração própria

A partir de análise da tabela, percebemos que 42,9% das notícias elencadas nos canais de comunicação possuíam construção de teoria da conspiração em seu texto, enquanto outros 25,2% de notícias não possuíam construção de teoria da conspiração, mas apontavam para teorias da conspiração. Juntas, as duas categorias somam 68,2% das notícias analisadas. A porcentagem de notícias que não possuem construção de teorias da conspiração, nem apontam para teorias é de 31,8%. Desse modo, concluímos que os canais analisados possuem alta porcentagem de notícias contendo teorias da conspiração (mais da metade das notícias analisadas).



Analisando cada jornal, compreendemos que os jornais Brasil Sem Medo, Jornal da Cidade Online e Mídia Sem Máscara apresentaram mais notícias contendo construção de teorias da conspiração ou apontando para teorias da conspiração do que notícias em que não foi identificado nenhum dos fatores anteriores. O único jornal em que as notícias sem teorias da conspiração ultrapassaram, mesmo que em pequeno percentual, as que contém TCs foi o jornal Gazeta do Povo, na categoria de pesquisa por data. Na categoria relevância, porém, as notícias com TCs superaram as sem TCs.

Torna-se necessário destacar, ainda, o número elevado de notícias com TCs no canal Mídia Sem Máscara. As categorias nas quais foram identificadas TCs somadas contam por 95,9% das notícias analisadas, enquanto as que não possuem TCs contam por somente 4% das notícias, tornando-se o canal com maior número de TCs. O segundo maior número foi visto no Jornal da Cidade Online na categoria de pesquisa por data, contando com 95,2%.

É importante salientar a diferença entre os resultados obtidos nos canais em que havia diferenciação entre a categoria de pesquisa por data ou por relevância. No canal Jornal da Cidade Online foram identificadas mais teorias da conspiração entre as notícias analisadas por data, enquanto no jornal Gazeta do Povo foram identificadas mais teorias da conspiração entre as notícias analisadas por relevância.

Por fim, destaca-se o número elevado de notícias contendo teorias da conspiração em todos os canais analisados. Mesmo o jornal que teve menor número de notícias com TCs, ou seja, o jornal Gazeta do Povo na categoria de pesquisa por data, ainda teve quase 50% (48,3%) de notícias em que foram identificadas teorias da conspiração. Desse modo, compreendendo que as teorias da conspiração são geralmente utilizadas em movimentos populistas de extrema direita, notadamente no que se refere à energização, coesioneamento e mobilização de apoiadores, é de extrema relevância a quantidade de notícias identificada nos canais estudados.

### 3.3.2. ANÁLISE DOS JORNAIS

Após a compreensão geral da quantidade de notícias contendo teorias da conspiração em cada canal analisado, estudamos as notícias que possuíam construção textual de TCs presentes em

cada jornal. Estas foram categorizadas entre TCs elencadas pelo ex-ministro Ernesto Araújo, TCs similares às elencadas, e outras TCs. Chegamos, então, à compreensão de como as TCs são divididas em cada canal de comunicação. Além disso, estudamos especificamente as notícias que possuíam construção de TCs elencadas pelo ministro Araújo, para identificar com que tipo de TC essas se relacionam. Estabelecemos, então, 6 categorias: ideologia de gênero, climatismo, nominalismo, globalismo, mídia corrupta e sanitariamente correto. É importante destacar que, para caracterizar as notícias em cada vertente, optamos por separá-las de acordo com a teoria que julgamos ser predominante na notícia. Desse modo, as notícias poderiam conter em seu texto mais de uma ou até todas as vertentes identificadas, mas foram caracterizadas por aquela que resumia sua ideia central. A categorização das teorias da conspiração encontradas nas notícias será analisada a seguir:

Tabela 4: tipo de teorias da conspiração presentes nos jornais

<b>Jornal</b>	<b>TC similar</b>	<b>Outras TCs</b>	<b>TC de Araújo</b>
Brasil Sem Medo	3	4	26
Gazeta do Povo – data	0	1	7
Gazeta do Povo – relevância	3	1	9
Jornal da Cidade Online – data	3	0	13
Jornal da Cidade Online – relevância	3	4	10
Mídia Sem Máscara	2	7	35
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>17</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria

Com a categorização, percebemos que em todos os jornais a maior parte das notícias em que foi identificada a construção textual de teorias da conspiração possui TCs que estão de acordo com o que o ministro Araújo dissemina, ou seja, da existência e necessidade de combate ao globalismo e às suas vertentes. Analisando especificamente sobre qual vertente essas notícias versavam, construímos a tabela:

Tabela 5: número de notícias por vertente

<b>Jornal</b>	<b>Ideologia de gênero</b>	<b>Climatis mo</b>	<b>Nominali smo</b>	<b>Globalis mo</b>	<b>Mídia corrupta</b>	<b>Sanitaria mente correto</b>
Brasil Sem Medo	6	0	2	10	1	7
Gazeta do Povo - data	0	1	1	4	0	1
Gazeta do Povo - relevância	3	2	2	2	0	0
Jornal da Cidade Online - data	0	1	1	7	1	3
Jornal da Cidade Online - relevância	3	0	0	5	1	1
Mídia Sem Máscara	7	2	5	14	4	3
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>6</b>	<b>11</b>	<b>42</b>	<b>7</b>	<b>15</b>

Fonte: elaboração própria

Com isso, aferimos que a teoria da conspiração mais disseminada entre os canais analisados foi a da existência do globalismo, seguida pela ideologia de gênero e o sanitariamente correto. Na próxima seção, analisaremos qualitativamente como são construídos os argumentos sobre cada vertente.

### 3.4. ANÁLISE QUALITATIVA DAS NOTÍCIAS

Nesta seção, faremos a análise das notícias em que identificamos a construção da lógica de teorias da conspiração que correspondem àquelas disseminadas pelo ex-ministro Araújo, ou seja, sobre a existência do globalismo e suas vertentes. Para tal, utilizamos a análise semiótica de Madisson (2014) para responder à lista de perguntas apresentada anteriormente. Como dito, consideramos que as notícias possuem construção de lógica de significação de teoria da conspiração se elas apresentam significação mitológica e descritiva, tornando-se um texto-código.

Consideramos que a significação mitológica corresponde às narrativas que buscam explicar que haveria um grupo ou movimento considerado maléfico que estaria por trás de eventos específicos. Assim, fariam parte desse tipo de significação os processos de divisão binária entre bem e mal e a conexão de diferentes acontecimentos como motivados pelo mal. A significação descritiva, por outro lado, seria responsável por caracterizar o “inimigo” como bem-organizado, citando as fontes e estatísticas que “comprovariam” a maldade por trás de suas ações.

Destacamos que, justamente pela característica da lógica da significação mitológica de conectar diferentes eventos a uma mesma origem maléfica, grande parte das notícias não versava somente sobre um assunto, mas sim trazia eventos aparentemente não relacionados como explicados por um mesmo plano maléfico. Desse modo, para que o leitor consiga ter uma leitura mais clara das nossas conclusões, organizamos as notícias de acordo com a temática central sobre a qual seu texto versava. Os principais resultados serão apresentados a seguir.

#### 3.4.1 IDEOLOGIA DE GÊNERO

Como dito anteriormente, a lógica de significação das teorias da conspiração tende a conectar eventos pela narrativa de que existiriam motivações maléficas por trás deles. Essa narrativa, assim como a identificação de um grupo de inimigos que estaria pondo em risco o bem-comum, é caracterizado por Madisson (2014) como a significação mitológica das teorias da conspiração. Nas notícias em que foram encontradas explicações sobre a ideologia de gênero, predomina a narrativa de uma suposta “conexão” entre a legalização do aborto, a educação

ideológica nas escolas e os direitos de pessoas trans e LGBTQIA+ como motivados por um mesmo fim maléfico: o estabelecimento da ideologia de gênero. Percebemos, então, a significação mitológica comum às notícias: haveria em curso um suposto plano de imposição da ideologia de gênero, o qual colocaria a sociedade em risco. As notícias, porém, divergem entre si nas explicações que dão para a ocorrência do suposto plano.

Como também é típico da narrativa conspiratória, a “ideologia de gênero” em si não é bem definida nas notícias, mas sim citada como um conceito. Supõe-se que o leitor saiba o que ele significa, não havendo necessidade de explicação em cada notícia. Essa característica está de acordo com o conceito de texto-código, ou seja, justamente por se enquadrar em uma teoria da conspiração, não é necessário que se explique ao público-alvo o que cada elemento significa, pois, naquele contexto específico, ele já tem um significado em si.

Apesar disso, algumas notícias buscam trazer ao leitor reflexões sobre o que definiria a ideologia de gênero. Segundo Carlos Ramalhete (2019), no editorial publicado no jornal *Gazeta do Povo* intitulado “Horrores Ideológicos” em 26 de agosto de 2019, a ideologia de gênero seria uma tentativa de negar “um aspecto absolutamente crucial da natureza humana” (RAMALHETE, 2019, s/p): a divisão entre dois sexos. O autor compara esse tipo de ideologia ao comunismo e ao nazismo, que também dividiriam os seres humanos arbitrariamente. Assim, para ele, a ideologia seria extremamente relevante quando toma o poder, porque levaria ao genocídio. Por fim, conclui que a ideologia de gênero estaria sendo imposta à sociedade atualmente (RAMALHETE, 2019).

Na narrativa, percebe-se, primeiramente, o apontamento de que a ideologia de gênero seria um plano para colocar em prática uma suposta motivação maléfica: negar um aspecto crucial da natureza humana. Há, ainda, a argumentação de que a ideologia de gênero, tendo poder, poderia levar ao genocídio e, por fim, a indicação de que sua imposição já estaria em curso na sociedade, ou seja, o “bem-comum” já estaria em risco por causa da ideologia. Essa narrativa caracteriza, então, a significação mitológica.

Em seguida, o autor descreve diferentes eventos que caracterizariam o “perigo real” apresentado pela ideologia. Cita que estaria em curso atualmente um “literal envenenamento e mutilação de crianças e demais pessoas” (RAMALHETE, 2019, s/p), que seria realizado pela ideologia, novamente associando-a ao nazismo. A população em geral estaria sendo manipulada pela ideologia de gênero e as pessoas seriam “convencidas por carniceiros a fazer-se mutilar

cirurgicamente” (RAMALHETE, 2019, s/p). Para o autor, essas pessoas não seriam capazes de dar consentimento a essas “mutilações e envenenamentos” (RAMALHETE, 2019).

Durante todo o texto, o autor liga a ideologia de gênero ao nazismo e ao comunismo, chegando a dizer que essa seria talvez mais cruel do que eles, como em:

Esta ideologia, assim, ao contrário das demais, tocando em algo tão próximo ao cerne do que constitui um ser humano, ataca com violência muito maior. Certamente sofria um menino judeu alemão, ou um filho de kulaks na União Soviética, que era entregue pelos pais preocupados a uma família amiga “ariana” ou “proletária” para que não sofresse a violência mortífera que se derramava sobre sua família. Seu sofrimento, todavia, empalidece com o dos que são forçados – seja em criança, seja durante um período de disforia – à mutilação genital e mamária e ao envenenamento hormonal sistemático. Não é à toa que o porcentual de suicídios de “pessoas trans” seja muitíssimo superior ao de qualquer outra categoria (...) (RAMALHETE, 2019, s/p).

Por fim, Ramalhete (2019) busca explicar que a ideologia de gênero estaria ligada a um mal maior: o “marxismo pós-moderno”, o qual é descrito como uma ideologia que busca levantar-se contra a superestrutura, incluindo a família (RAMALHETE, 2019, s/p). Em resumo, Ramalhete (2019) compreende que a ideologia de gênero desejaria acabar com o conceito de família. Desse objetivo maléfico derivaria a tentativa de negação do que é ser homem e mulher, assim como o uso de métodos anticonceptivos, que seriam um “envenenamento hormonal das mulheres” (RAMALHETE, 2019, s/p).

A partir do entendimento da narrativa do autor, podemos apontar as características da significação descritiva. Percebe-se que no discurso de Ramalhete não há coincidências – tudo estaria conectado à mesma motivação maléfica de acabar com o modelo de família. Assim, processos que seriam em tese independentes, como o desenvolvimento de tecnologias cirúrgicas de redesignação sexual, a terapia hormonal para mudança de gênero e o uso de métodos anticoncepcionais são conectados a essa mesma intenção maléfica. Não é apontado um inimigo definido, mas é criada a ideia de que esse processo estaria sendo realizado atualmente, pondo em risco a sociedade como um todo. Assim, podemos caracterizar o inimigo como *anti-own*, ou seja, extremamente capaz de dominar a sociedade e controlar diferentes processos. Cria-se, então, a ideia de que as famílias estariam em risco iminente, sendo chamadas a lutar contra esse suposto inimigo. Por fim, é importante destacar que o autor descreve dois grupos considerados vulneráveis como os “alvos” da ideologia: as crianças e pessoas com transtornos psicológicos. Esses não poderiam se defender, justificando mais uma vez a suposta necessidade de que as famílias e a sociedade como um todo combatam a ideologia de gênero.

Percebemos, pela análise, a proximidade do argumento desenvolvido por Ramalhete (2019) com o discurso de Araújo sobre o nominalismo e a ideologia de gênero. Ambos indicam que haveria em curso um plano maléfico para acabar com as famílias e negar as diferenças entre homens e mulheres. Esse plano, chamado de ideologia de gênero, desejaria em última instância o fim da sociedade como a conhecemos. Há semelhanças também na indicação de que o marxismo poderia ser um dos responsáveis pelo plano e na equivalência entre esse suposto processo e o nazismo.

Outro aspecto importante discutido por Ramalhete (2019) seria a suposta manipulação de vulneráveis pela ideologia de gênero, o que pode ser visto também no texto escrito por Gabriel Castro (2020) e publicado no jornal Gazeta do Povo no dia 13 de dezembro de 2020, intitulado “Pressa e pressão para mudança de sexo: 4 relatos sobre ideologia de gênero”. Além disso, notícias publicadas no jornal Mídia Sem Máscara como “Olavo de Carvalho: duas notas sobre a ideologia de gênero e um alerta”, publicada por Olavo de Carvalho (2020a) em 6 de novembro de 2020 e “Uma Visão Antropológica do Aborto”, escrita por Julian Marías (2020) e publicada em 18 de setembro de 2020 buscam criar a narrativa mitológica da existência desse suposto projeto de negação do que consideramos como homem e como mulher, chamado de ideologia de gênero, vendo novamente similaridade com o discurso de Araújo sobre o tema. A notícia escrita por Marías (2020) tem como foco maior a argumentação de que o aborto seria uma forma de colocar esse “plano” em prática, o que é visto também em outras notícias analisadas.

A argumentação de que o aborto seria parte de um plano maléfico de negação da natureza humana é vista em repetidos textos, como em “Boatos.org mente para acusar BSM de fake news”, de Fábio Gonçalves (2020a), publicada em 11 de agosto de 2020; “O que muda com a nova portaria sobre o aborto publicada pelo governo”, também de Fábio Gonçalves (2020b), publicada em 24 de setembro de 2020; “MPF quer que SUS faça abortos com mais de 5 meses de gestação”, da Redação BSM (2020), postada em 3 de outubro de 2020, todos publicados no Brasil Sem Medo e “Uma típica mentira abortista”, de Hélio Neto (2020), de 3 de abril de 2020; “A metapolítica do aborto”, de David Amato (2020), de 18 de setembro de 2020, “Aborto foi, é, e sempre será assassinato”, de Carlos Alberto Júnior (2020), publicada em 24 de abril de 2020 e “Perigosas crendices sobre o aborto”, publicada pelo padre Carlos Lodi da Cruz em 17 de abril de 2020, todas no Mídia Sem Máscara.

Tratando sobre a questão do aborto, a notícia “Uma típica mentira abortista” (NETO, 2020) de Hélio Neto (2020) representa a narrativa dominante nas notícias analisadas que tratam sobre o tema. O argumento central do autor é de que a luta pela legalização do aborto seria na verdade um projeto genocida, arquitetado pela ideologia de gênero. Esse teria apoio financeiro de grandes instituições internacionais e filantropos bilionários que manipulariam instituições, pessoas, ONGs e publicações em revistas científicas (NETO, 2020).

Percebe-se, na narrativa, a criação da significação mitológica de que existiria em curso um plano que ameaça o bem-comum, arquitetado por supostos inimigos. O plano seria de legalizar o aborto, estabelecendo a ideologia de gênero e buscando o genocídio da população. Os inimigos seriam os financiadores desse plano e todas as pessoas a favor da legalização do aborto, já que o autor também faz uma divisão binária da sociedade entre pessoas que são “a favor da vida humana” e “a favor do direito de decidir”, caracterizando o segundo grupo como mentiroso e manipulador (NETO, 2020).

O autor também aponta que o grupo de pessoas “a favor do direito de decidir” receberia verbas milionárias de fundações internacionais “abortistas” e mega clínicas de aborto (citando a *Planned Parenthood* e a *Bill and Melinda Gates Foundation*) e que haveria uma “agressiva agenda ideológica” por trás de publicações em revistas científicas que apoiariam a legalização do aborto (NETO, 2020, s/p). Percebe-se a criação da significação descritiva que, primeiramente, aponta conexões super determinísticas entre diferentes eventos, já que atores muito diferentes entre si (institutos, ONGs e revistas) teriam sido manipulados pelo mesmo “plano”, sustentado pela ideologia a favor do aborto. Em segundo lugar, estabelece o “inimigo” como todo poderoso, sendo capaz de manipular diferentes esferas da sociedade.

É importante destacar que a narrativa de que a legalização do aborto seria na verdade um plano genocida está presente em mais de uma das notícias analisadas. Há, por exemplo, similaridades do discurso presente na notícia escrita por Neto (2020) com a notícia intitulada “A metapolítica do aborto”, escrita por David Amato (2020) e publicada no jornal *Mídia Sem Máscara* em 18 de agosto de 2020. Nela, o autor (2020) cria a narrativa de que o aborto e a luta por sua legalização estariam, na verdade, buscando a realização de um plano eugenista, o que seria comparável, para ele, ao nazismo. Amato (2020) baseia seu argumento na alegação de que a fundadora da organização sem fins lucrativos *Planned Parenthood* seria eugenista, sendo a



organização uma “autêntica indústria da morte”, o que “comprovaria”, para ele, que toda luta pela legalização do aborto seria eugenista (AMATO, 2020, s/p). Assim, compreendemos a exposição de um suposto plano de motivações maléficas (a eugenia) que colocaria em risco a população, arquitetado pela ideologia de gênero. Esta seria a significação mitológica que sustenta o texto do autor.

A principal argumentação de Amato (2020) é que haveria um plano em curso de redução e controle populacional pelo extermínio dos indesejáveis, o que seria posto em prática pela realização de abortos. Ele também argumenta que isso seria objetivo dos “manipuladores da ditadura científica” (AMATO, 2020, s/p), que teriam objetivo de demover direitos naturais, inserindo alguns homens no poder e a pena de morte sobre os demais (AMATO, 2020, s/p). No texto, ele também descreve como teria existido uma evolução histórica que conecta diferentes pessoas e relatórios, passando desde a década de 1920 até 2012. Cita autores que defenderiam o infanticídio, o caso Roe v. Wade nos Estados Unidos, as mudanças da lei de bioética da França, ou seja, eventos que em tese não têm conexões prévias como comprovadores desse suposto movimento científico de manipulação da sociedade. Percebemos a significação mitológica e descritiva desenvolvida pelo autor. Primeiramente, há a significação mitológica de exposição de um “plano eugenista”, o qual o autor tenta comprovar apresentando conexões entre eventos muito diferentes entre si, uma recapitulação histórica e pela afirmação de que os “arquitetos” desse plano teriam domínio sobre diferentes aspectos da sociedade, caracterizando a significação descritiva.

É importante dar destaque à similaridade do discurso de Amato (2020) de existência de uma “ditadura científica” com o discurso de Araújo que, tratando sobre o nominalismo, o politicamente correto e a pandemia de COVID-19 faz uso do mesmo argumento de que existiria uma censura a opiniões contrárias ao que é considerado “*mainstream*”, o que seria parte do plano globalista. A narrativa de uma suposta censura contra conservadores pode ser vista também na notícia “Homofobia é o cavalo de troia da ideologia de gênero”, publicada por Percival Puggina no Jornal da Cidade Online em 25 de maio de 2019 (2019).

A notícia publicada por Amato (2020) é só uma entre as várias que tratam sobre o aborto numa perspectiva extremamente negativa. Não há argumentação favorável à legalização do aborto em nenhum caso em nenhuma das notícias analisadas e a sua realização é sempre ligada a aspectos negativos, quando não diretamente à eugenia e ao nazismo. Esse tipo de narrativa é visto também

no discurso de Araújo (2020), que compreende a ideologia de gênero como um plano maléfico e se posiciona veementemente contra o aborto.

Por fim, outra narrativa importante encontrada em mais de uma notícia versa sobre supostos grupos infiltrados tanto em escolas quanto em igrejas que buscariam divulgar a ideologia de gênero e apoiar a legalização do aborto. A suposta infiltração nas igrejas é descrita na notícia “Teologia feminista já faz parte da estrutura da igreja católica no Brasil”, publicada por Cristian Derosa (2020a) em 17 de abril de 2017 no Mídia Sem Máscara, e “CNBB inclui ideologia de gênero e LGBT na campanha da fraternidade”, publicada por Fernando de Castro (2021) em 3 de fevereiro de 2021 no Brasil Sem Medo. Já a suposta infiltração nas escolas é descrita na notícia “O que pedem as leis municipais sobre ideologia de gênero”, publicada por Gabriel Sestem (2020) no Gazeta do Povo em 1 de junho de 2020.

Em conclusão, percebemos que a narrativa predominante entre as notícias analisadas é baseada na significação mitológica, apresentando um suposto plano que ameaça o bem-estar da sociedade – a ideologia de gênero. Nisso, as notícias divergem no apontamento de quem seriam os inimigos responsáveis pela construção do plano, assim como nos eventos que o comprovariam. Convergem, porém, na negação da legalização do aborto sobre qualquer hipótese, já que esse representaria uma ameaça à sociedade. É importante destacar que, assim como visto na narrativa construída por Araújo (2020), há repetidas vezes a tentativa de conexão desse suposto plano arquitetado pela ideologia de gênero e o nazismo. Nos textos, o comunismo e o nazismo são utilizados quase como equivalentes, representando o mesmo objetivo de aniquilar a população. Nesse sentido, exacerba-se a ameaça de que a ideologia de gênero representaria, já que se subentende que o leitor seria veemente contra o nazismo.

#### 3.4.2. AMBIENTALISMO OU CLIMATISMO

Madisson (2014) descreve que a significação mitológica das teorias da conspiração é caracterizada pela narrativa de existência de um suposto plano arquitetado por um grupo de inimigos que agiria contra o bem comum. Nos textos que analisamos sobre a temática de ambientalismo ou climatismo, percebe-se a narrativa predominante de que existiria um plano

maléfico que manipularia os dados sobre a importância do combate às mudanças climáticas, sendo, assim, a significação mitológica predominante nas notícias. As motivações por trás desse plano e os responsáveis pela manipulação, porém, divergem entre os textos analisados.

Um dos textos que representa a narrativa de existência de um suposto plano ambientalista é intitulado “Medidas de redução populacional: um holocausto a olhos vistos”, publicada por Carlos Ferraz (2020b) no dia 15 de julho de 2020 no Jornal da Cidade Online. Nela, o autor começa o texto postulando um dado: um documentário que “comprovaria” que a energia verde seria uma farsa. Como discutido anteriormente, a narrativa de utilização de dados como comprovatórios para a “farsa” que se está “descobrimo” faz parte da significação descritiva das teorias da conspiração. Ele conclui que os supostos “especialistas” do documentário seriam favoráveis ao controle populacional, o que é a base argumentativa da notícia, como na frase “dito de forma mais clara, segundo a visão ambientalista do documentário somos um câncer consumindo a natureza” (FERRAZ, 2020b, s/p). Nessa argumentação, percebe-se também a significação mitológica – o ambientalismo seria um plano maléfico que desejaria exterminar a população. Para embasar seu argumento, o autor cita outros documentários e livros que teriam tratado o ambientalismo como um plano de redução populacional. Com isso, conclui:

Dessa forma, não há dúvidas aqui. Hoje é dominante uma visão que considera a humanidade um câncer, o qual precisa ser extirpado de forma “brutal e cruel” da face da terra. Tal visão é, obviamente, violadora dos direitos humanos e do seu pressuposto fundamental, a saber, da dignidade da pessoa humana (FERRAZ, 2020b, s/p).

Na notícia, a conclusão do autor se faz de forma hiper determinística. Ele argumenta que existiriam documentários e livros que tratariam o ambientalismo como uma forma de extermínio da sociedade e, por consequência, que a visão dominante nos dias de hoje seria que a humanidade é um câncer. Nessa argumentação, percebemos claramente a significação descritiva, ou seja, a conexão super determinística de eventos – um gera o outro. Alguns filmes e estudos gerariam essa visão dominante e isso não é questionado ou questionável. Dessa maneira, o autor “expõe” um suposto plano que estaria sendo encoberto – o ambientalismo desejaria exterminar pessoas.

Além disso, para Ferraz (2020b), essa “visão dominante” seria também manipuladora, já que utilizaria termos positivos e se estabeleceria gradualmente para que suas ideias passassem despercebidas. Desse modo, há insinuação de que o processo passaria necessariamente pela manipulação da linguagem, em ressonância com o que Araújo (2020) argumenta acontecer no

nominalismo. Ferraz (2020b) associa o estabelecimento gradual ao nazismo, que teria feito o mesmo processo de manipulação da linguagem, relacionando diretamente o sofrimento dos judeus com o suposto extermínio populacional que estaria em curso pela visão dominante de necessidade de proteção do meio ambiente (FERRAZ, 2020b, s/p).

Ferraz (2020b) argumenta ainda que a população “simplesmente não seria capaz de enxergar outros extermínios populacionais” (FERRAZ, 2020b, s/p) como o aborto e a eugenia. Todos esses processos, para o autor, têm o mesmo objetivo maléfico: a dizimação da população “indesejável”, apontando diretamente que não haveria coincidências nisso, como na frase “ou alguém pensa que é coincidência aproximadamente 80% das clínicas da *‘Planned Parenthood’*, maior clínica de abortos do mundo, estar presente especialmente em comunidades negras e hispânicas?” (FERRAZ, 2020b, s/p). O autor até mesmo aponta quem seriam responsáveis pelo suposto plano que reúne o ambientalismo, o aborto e a eugenia: os globalistas, que seriam “socialistas em uma diferente roupagem” (FERRAZ, 2020b). Nesse plano, organizações como a ONU, a Fundação Ford, a Fundação Bill & Melinda Gates e outras estariam em busca da redução populacional (FERRAZ, 2020b). Há, mais uma vez, associação do suposto plano com o nazismo, como em:

“Curiosamente”, as mesmas grandes corporações que apoiaram o nazismo mantêm atualmente fundações que usam o aborto como parte de um projeto de eugenia, de “melhoramento” da espécie humana (mediante a redução daqueles cuja existência é, segundo eles, injustificável) (FERRAZ, 2020b, s/p).

Pelo uso do “curiosamente”, entre aspas, percebe-se que o autor não identifica a possibilidade de coincidências no referido processo. Por fim, relaciona ainda o uso de vacinas com o suposto controle populacional, em “tanto a prática do aborto quanto outras medidas que eventualmente levam à redução populacional, seja porque causam doenças, seja porque podem levar à esterilização, como, suspeita-se, ocorre com algumas vacinações obrigatórias” (FERRAZ, 2020b, s/p).

Como visto no texto, há a criação da significação mitológica de que existiria um grupo (os globalistas, representados por diferentes instituições) que age contra o bem-comum (buscando o extermínio da população) em favor do seu próprio bem (buscando aumentar seu controle sobre a população). Diferentes eventos são conectados de forma super determinística, não havendo espaço para coincidências, como na significação descritiva. Por fim, esses supostos globalistas teriam

controle amplo sobre toda a sociedade – sendo um inimigo superpoderoso contra o qual deveríamos lutar, não acreditando no ambientalismo, criminalizando o aborto e não usando vacinas, seguindo a lógica do autor.

É importante destacar as similaridades do discurso de Ferraz (2020b) com a narrativa elencada por Araújo. Os dois argumentam que o globalismo seria um plano maléfico que ameaça a população, estando em curso atualmente. O inimigo, que o colocaria em prática, é representado pelo marxismo, socialismo e comunismo nas duas narrativas. Por fim, os dois argumentam que esse processo depende da manipulação da linguagem, que seria o nominalismo, e tem diferentes etapas: o ambientalismo e a ideologia de gênero, entre outras.

A mesma significação mitológica de que o ambientalismo teria sido manipulado está presente em todas as notícias dessa categoria de diferentes maneiras, entre elas: “Os ursos polares estão vivos em bem” (WERNICK, 2020) publicada em 30 de julho de 2020, que argumenta que haveria uma motivação política para o exagero da gravidade sobre a necessidade de proteção ambiental; “Aliança (nada sagrada) para a proteção do clima” (GORDON, 2019) postada em 23 de outubro de 2019, que alega a existência de uma busca pela estigmatização dos combustíveis fósseis que geraria a manipulação de dados sobre a crise climática, ambas publicadas no jornal Gazeta do Povo; “Imbecilidades do ecofascismo: salvem o clima, não tenham filhos, erradiquem a humanidade” (DUFAUR, 2020a) de 2 de abril de 2020, que destaca um suposto plano oculto de erradicação humana e “O verde é o novo vermelho” (NYQUIST, 2020a), publicada em 10 de abril de 2020 que apresenta que a teoria do aquecimento global seria uma arma ideológica usada por anticapitalistas, ambas publicadas no jornal Mídia Sem Máscara.

Todas as notícias, usando diferentes argumentações, vão contra as conclusões da comunidade epistemológica em questão sobre a existência do aquecimento global e da necessidade de medidas para o combate às mudanças climáticas. Elas têm em comum a ideia de que existiria uma motivação maléfica por trás da defesa da proteção do meio ambiente: a erradicação da humanidade. Assim, de forma super determinística, diferentes eventos são conectados para “explicar” esse suposto plano. Não haveria coincidências, incitando o leitor a lutar contra tudo o que está associado a esses argumentos, já que eles põem a vida em sociedade em risco, segundo a narrativa. Percebe-se, então a significação descritiva.

Além disso, entre as notícias há mais uma vez a repetida associação do ambientalismo com o nazismo. Como visto nas notícias que tratavam sobre a ideologia de gênero, argumentamos que essa associação é feita justamente para que o leitor “entenda” a gravidade do que se estaria expondo, já que o nazismo é interpretado como algo repugnante, com o qual não se deseja estar associado.

Também, destacamos que as narrativas buscam “expor” um plano maléfico que seria escondido. Como é típico das narrativas de teorias da conspiração, há um sentimento que os autores teriam descoberto algo extremamente secreto, partilhado somente com os leitores daquele jornal. Com isso, conforme discutido por Uscinski (2020), os leitores podem se sentir “especiais”, sendo parte de uma descoberta exclusiva e, desse modo, ainda mais impelidos a combatê-la. Destacamos, também, as similaridades presentes nesse discurso de um suposto plano de manipulação da necessidade de combate às mudanças climáticas com o discurso de Araújo.

### 3.4.3. CRÍTICAS À MÍDIA

Como dito anteriormente, a principal característica da significação mitológica das teorias da conspiração está na argumentação da existência de um plano maléfico que tem como objetivo prejudicar o bem comum e promover o bem-estar de um grupo específico (MADISSON, 2014). Identificamos nas notícias que trazem críticas à mídia a narrativa de que a “grande mídia” ou “mídia *mainstream*” brasileira e internacional não seriam confiáveis, já que manipulariam fatos para beneficiar grupos específicos, prejudicando, portanto, a sociedade em geral – o que consideramos como a significação mitológica mais relevante e frequente entre as notícias analisadas. As motivações e os grupos que estariam por trás dessa suposta manipulação diferem, mas há apontamento da manipulação em todas elas.

Uma das notícias que exemplifica essa argumentação mais frequentemente elencada é intitulada “Rinoceronte: uma sociedade de paquidermes”, publicada no Brasil Sem Medo no dia 30 de novembro de 2020 e escrita por Juliana Gurgel (2020). Utilizando uma peça de “teatro do absurdo” como exemplo, a autora busca expor um suposto processo em que a mídia apoiaria um cerceamento de liberdades, como explicitado em:

Vivemos uma enxurrada de situações que ferem a dignidade da pessoa humana; nossa liberdade, nossa individualidade e nosso direito de escolha vêm sendo minados como se não tivéssemos alma, como se não fôssemos feitos à imagem e semelhança de Deus e como se este mundo fosse um grande laboratório comportamental e nós meras cobaias. Quando rejeitamos ser instrumentos de poderes totalitários, somos tachados de fundamentalistas, extremistas, intolerantes e teóricos da conspiração, tudo com o apoio e participação maciça da grande mídia/extrema imprensa (GURGEL, 2020, s/p).

Com o trecho destacado, percebemos que a autora tece uma crítica direta aqueles que consideram o seu discurso uma teoria da conspiração, o que é feito nesta pesquisa. O trabalho aqui desenvolvido seria considerado pela autora como parte da conspiração a qual ela se refere.

A narrativa central da autora faz uso da significação mitológica para “alertar” os leitores do jornal em questão sobre uma suposta manipulação da mídia. Aponta que haveria atualmente diferentes situações que ferem diretamente a dignidade humana e que aqueles que se colocariam contra isso seriam taxados com características negativas, como fundamentalistas, extremistas, intolerantes e teóricos da conspiração. Por fim, Gurgel (2020) “revela” que a “grande mídia/imprensa” estaria encobertando esse processo, inventando notícias para não noticiar os fatos. Compreendemos, portanto, a significação mitológica: haveria um plano maléfico que prejudicaria a sociedade no geral, sendo “escondido” pela manipulação de notícias feita pela mídia, segundo a argumentação da autora.

A autora continua a narrativa reafirmando que a mídia não noticiaria a verdade, mas manipularia as publicações, em: “o raciocínio é raso e os fatos são adaptados aos objetivos e interesses da mídia” (GURGEL, 2020, s/p) e em “Portais de informação e conglomerados de notícias não buscam a verdade e a realidade. Eles se propõem a inventar acontecimentos que lhes sejam favoráveis, convenientes ou lucrativos” (GURGEL, 2020, s/p). Cita, como exemplos dessa suposta manipulação, seis situações:

1) Jornalistas censurando e pedindo o “cancelamento” de colegas de profissão; 2) Grandes empresas cedendo, de forma submissa e covarde, à uma organização totalitária que vigia anúncios expostos em sites conservadores e de direita; 3) Portais de informação sonegando informações do governo, por não se sentirem alinhados com sua linha ideológica (e/ou por não receberem verbas); 4) Fatos graves de corrupção, suspeitas de envolvimento com pedofilia e ameaças à soberania não divulgados por prejudicarem um político representante do beautiful people; 5) Mentiras sendo propagadas pela mídia, com o intuito de desestruturar e manipular a população; 6) Celebidades em êxtase alardeando mortes por um vírus que deixou o mundo, já fragilizado, de joelhos (GURGEL, 2020, s/p).

A partir dessas seis supostas situações, podemos apontar a significação descritiva: os eventos são conectados como fazendo parte da mesma manipulação, não havendo espaço para

coincidências. Todas são apontadas como fatos, não citando diretamente jornais ou manchetes específicas que as teriam feito, ou seja, o “inimigo” é apresentado como difuso e dominador de diferentes aspectos da sociedade. Desse modo, expõe-se a significação descritiva e mitológica. Mitologicamente, a autora busca “expor” um plano que busca prejudicar a sociedade em geral orquestrado por diferentes atores, mas pondo o papel da mídia em destaque. Descritivamente, cita diferentes eventos que comprovariam não só sua argumentação, mas que esse “inimigo” seria muito difuso. Cria-se, desse modo, uma teoria da conspiração.

Há outras notícias que versam sobre uma suposta “censura” aos conservadores nesse sentido, como em “A exclusão das plataformas digitais e o próximo passo da esquerda”, escrita por Daniel Pipes (2020) e publicada em 16 de julho de 2020 e em “Mais uma do judiciário brasileiro: conluio com facebook e twitter é denunciado em carta à Câmara nos EUA”, publicada pelo Editorial do Mídia Sem Máscara no dia 6 de agosto de 2020, ambas no jornal Mídia Sem Máscara. A diferença entre elas e a notícia analisada é que elas apontam que grandes veículos digitais, como o Facebook e o Twitter, fariam parte de um suposto plano de “censura” orquestrado pela esquerda.

Percebemos, na narrativa dos autores citados, similaridades com o discurso de Araújo. Há a construção de uma narrativa de que não poderíamos confiar na mídia *mainstream*, porque essa seria corrupta, assim como descrito pelo ex-ministro. Há, também, indicação de que essa corrupção da mídia seria na verdade um plano para censurar conservadores e acabar com a liberdade da população. Por fim, as narrativas têm em comum o apontamento da esquerda como suposta arquiteta desse plano.

Outro ponto de destaque e frequente entre as notícias analisadas é a crítica ao *fact-checking*, processo de confirmação e comprovação de dados ou fatos usados em discursos nos meios de comunicação e outras publicações. Na notícia intitulada “Olavo: o ‘fact-checking’ e a diretriz de Lênin seguida pelos jornalistas”, escrita por Olavo de Carvalho e publicada no jornal Mídia Sem Máscara no dia 17 de setembro de 2020, Carvalho (2020b) diz que o processo de confirmação da veracidade das publicações é um plano comunista, baseado em Lênin. A mídia seria então um “organizador coletivo” que indicaria à massa militante os alvos preferenciais de ódio e ataque, segundo o autor. Desse modo, Carvalho (2020b) descredibiliza a mídia, associando-a ao um plano



de estabelecimento do comunismo. Assim, além de criar desconfiança sobre a mídia, cria também a necessidade de que o leitor a combata.

Outra notícia com narrativa similar é intitulada “Censura nas redes sociais: da Gestapo da Big Tech nem Trump escapou”, escrita por Corinne Weaver (2020) em 6 de agosto de 2020 para o MRC-Newbusters e traduzida no Mídia Sem Máscara. Em resumo, a autora pede que:

E que ninguém se iluda com as tais “agências” de “fact-checking”. Elas trabalham para as grandes redes de comunicação e em parceria com as gigantes da Internet. É com o material que produzem que se tenta legitimar a censura nas redes. Seus jornalistas estão SEMPRE alinhados com as narrativas da grande mídia, serva do establishment globalista e anticristão” (WEAVER, 2020, s/p).

As notícias escritas por Carvalho (2020) e Weaver (2020) buscam expor uma tentativa de censura aos conservadores e pessoas de direita. Argumentam que todas as vezes em que notícias são retiradas do ar pela ação de empresas de *fact-checking* representam o objetivo de censurar pessoas conservadoras e de direita. Para eles, isso seria um exemplo que exporia o processo de manipulação da mídia por grandes empresas. Percebemos, então, a significação mitológica presente nas notícias: haveria um plano que buscaria censurar conservadores, arquitetado pelas empresas de *fact-checking* que estariam a serviço do comunismo e dos globalistas anticristãos.

Por fim, duas notícias versam sobre supostas motivações políticas por trás de publicações em canais de comunicação, sendo elas “O execrável objetivo da mídia militante: derrubar o prédio para afastar o zelador”, publicada por Percival Puggina no dia 9 de março de 2021 no Jornal da Cidade Online, que discute que haveria uma convergência entre os interesses ideológicos e empresariais dos veículos de comunicação para se livrar do presidente Bolsonaro, o que geraria as críticas a ele publicadas nesses veículos e “Era só o que faltava: Globo inventa o ‘traficante evangélico’”, escrita pela redação do mesmo jornal e publicada no dia 12 de janeiro de 2021. Nela, argumenta-se que haveria motivações políticas para uma reportagem em específico em que um traficante é descrito como evangélico. Para o autor, a intenção da notícia seria difamar os evangélicos.

Pela análise das notícias em questão, percebemos que a significação mitológica em comum entre elas está na descrição de um plano que geraria uma suposta manipulação da mídia, o que seria feito por diferentes motivações e diferentes atores. Nota-se, como é típico na tentativa de criação de mitos presente nas teorias da conspiração, que os inimigos não são específicos, mas sim

tratados como “a grande mídia”, “a grande imprensa”, “as empresas de *fact-checking*”, “*as big-techs*”. Não há apontamento de um jornal específico que teria sido manipulado, exceto na última notícia analisada, que fala sobre uma publicação em específico. Há, porém, a criação de desconfiança sobre qualquer canal que não seja aquele no qual se está lendo aquela notícia. Por fim, cria-se a ideia de que pessoas comuns de direita ou conservadoras estariam sendo censuradas, o que põe sua vida em sociedade em risco. Essa ideia está de acordo com a argumentação de Araújo, que também argumenta que a mídia *mainstream* faria parte de um suposto plano de dominação e que não noticiaria a verdade. Além disso, há convergência no discurso de Araújo de que há canais alternativos nos quais poderíamos confiar.

#### 3.4.4 SANITARIAMENTE CORRETO

Compreendemos, pelo uso da teoria de Madisson (2014) sobre a lógica de significação das teorias da conspiração, que a significação mitológica corresponde à narrativa de existência de um plano maléfico por trás de eventos, orquestrado por um pequeno grupo que age contra o bem comum buscando benefícios próprios. Nesta seção, as notícias em análise versam sobre a pandemia de COVID-19, tendo em comum a tentativa de exposição de supostas fraudes nesse processo. Em geral, argumentam que haveria motivações ocultas que teriam instaurado a pandemia, sendo esta sua significação mitológica. As explicações sobre porque ou como isso ocorreria divergem entre os textos analisados.

A notícia “CORONAVÍRUS: PANDEMIA OU HISTERIA?”, publicada por Bernardo Kuster (2020) em 11 de março de 2020 no jornal Brasil Sem Medo, é um dos exemplos de tentativa de exposição de uma suposta farsa. Nas palavras do autor: “tudo indica que estamos diante de um experimento psicológico de manipulação em escala global, uma gigantesca fraude para manipular economias, suprimir dissidências e beneficiar grupos de poder” (KUSTER, 2020, s/p). Já nessa frase, que abre o texto, é exposta a significação mitológica: para ele, haveria um grupo manipulando psicologicamente a população mundial, buscando benefícios próprios, o que teria motivado a “criação” da pandemia.

O texto explica que haveria um processo de manipulação das pessoas para acreditarem em um discurso “alarmista” sobre a necessidade de preocupação com a COVID-19, como em:

Esmagados pelo mesmo discurso alarmista 24 horas por dia, ocupados por obrigações cotidianas e acostumados a confiar nos pares das redes sociais, muitos estão se deixando levar pela grande mídia que até ontem tanto criticavam. ONU, CNN, Globo, OMS, grandes empresas de vacina e o establishment mundial inteiro cantam o mesmo canto de sereia. Os fatos mais banais e gerais desta doença, desconsiderando análises mais minuciosas da biologia viral, bastam para recriar e manter aquela suspeita sadia que ainda mantém o Brasil de pé (KUSTER, 2020, s/p).

Percebe-se, no trecho, que o autor busca apontar supostos “inimigos” que fariam parte desse plano de manipulação, entre eles a grande mídia, a ONU, a CNN, a Globo, a OMS, grandes empresas de vacina e o “establishment mundial inteiro”. Nota-se a capilaridade desse inimigo: além de supostamente controlar os grandes canais de notícia, domina as maiores organizações internacionais, empresas e o “establishment mundial”. Isso, como dito anteriormente, é uma característica da significação descritiva das teorias da conspiração – caracterizar o inimigo como extremamente poderoso e possuidor de domínio de diferentes setores da sociedade.

Continuando no texto, o autor busca apresentar “dados concretos” que contrariam o que foi atestado pela comunidade epistemológica em questão, afirmando: “a incontestável maioria dos mortos pelo novo vírus é idosa, e segundo médicos renomados que consultei, morreria com qualquer outra gripe grave. Ponto pacífico” (KUSTER, 2020, s/p). Esse tipo de narrativa é característica da significação descritiva, pois apresenta supostos “dados” como incontestáveis por serem atestados por “autoridades” – as quais não são citadas no texto. O autor menciona outras estatísticas de institutos chineses que “comprovariam” sua argumentação, trazendo outro “argumento” de autoridade de um “amigo que tem negócios e bom círculo de amizades na China”: “ele me explicou que naquele país há pelo menos outras vinte doenças respiratórias circulando que são realmente perigosas e muito piores que o Coronavírus. Não duvidei por um minuto. E você?” (KUSTER, 2020, s/p). Nessa narrativa, a intenção seria de não deixar outra opção ao leitor que não seja acreditar no que o autor diz. Afinal, ele traz afirmações de supostos “médicos renomados”, “institutos chineses” e de um “amigo que tem negócios e bom círculo de amizades na China”, que seriam autoridades no assunto, tendo maior entendimento sobre a questão do que o leitor do jornal.

Por fim, o autor argumenta que haveria “razões geopolíticas” para a criação de uma “histeria forçada” sobre a COVID-19. Seria, então, um “grande experimento psicológico de manipulação em escala global”, como explica em:

O Covid-19 veio em boa hora para os chineses e para o estamento burocrático globalista. A economia americana está crescendo, o Partido Democrata está sem nomes para concorrer nas eleições deste ano e Trump tem tudo para ser reeleito. Ele estava vencendo a guerra comercial contra o Dragão Vermelho, o qual estava prestes a entrar em colapso. Trump e seus aliados continuam minando ponto a ponto os braços do globalismo nas nações soberanas e criando um ambiente cultural político que vem favorecendo a derrota da esquerda e dos globalistas no mundo todo. Ele finalmente explodiu Soleimani! Algo teria de parar tudo isso. E este algo chama-se compaixão pelos doentes e instinto de sobrevivência. Quem não cederia mediante um apelo universal midiático acachapante de grandes organizações humanistas e fotos de velhinhos morrendo? (KUSTER, 2020, s/p).

Nesse trecho, está o resumo do argumento do autor: o “alarmismo” com a COVID-19 teria sido criado para minar o poder de Trump, ou seja, seria um plano maléfico orquestrado por um grupo específico para ganhos próprios (prejudicar Trump e dominar a política mundial). Percebemos, então, a significação mitológica. Pela narrativa do autor, não há espaço para críticas ou contestação do que se está afirmando: ele havia demonstrado que “autoridades” teriam negado a necessidade de preocupação com a COVID-19 e, portanto, somente poderia haver uma explicação para a “histeria” desenvolvida: ela seria motivada por fatores geopolíticos, buscando manipular a população. Inimigos são criados (a mídia, as organizações mundiais, mas principalmente a China) e é explicitado que eles estariam por trás desse plano. Compreendemos, então, a significação descritiva estabelecida pelo autor, entendendo sua narrativa como uma teoria da conspiração.

Outro texto fala sobre essa suposta histeria de maneira similar. O texto “A verdade sobre os números da COVID-19”, escrito por Alessandro Loiola e publicada em 6 de agosto de 2020 (2020) no jornal Brasil Sem Medo também descreve supostos dados que comprovariam não ser necessária tamanha preocupação com a COVID-19, acusando a “grande mídia” de manipular suas publicações.

Indo de acordo com a narrativa de Kuster (2020) de que a pandemia teria sido criada para prejudicar Donald Trump, a notícia “Nesta Guerra, a China já é vitoriosa”, também publicada no Brasil Sem Medo e escrita por Eduardo Meira (2020) e publicada em 6 de novembro de 2020, argumenta que a responsável por tal plano seria a China. O autor resume sua argumentação em: “Com o vírus, chineses conseguiram evitar uma vitória naturalmente fácil de Trump e colocar em xeque o sistema eleitoral dos EUA” (MEIRA, 2020, s/p). Na construção do texto, como é típico da significação descritiva das teorias da conspiração, o autor traz uma cronologia de eventos. Esses

eventos explicariam que haveria uma guerra híbrida entre Estados Unidos e China e que a China teria uma estratégia muito adequada para vencê-la. Ele explica seus argumentos em:

A China passou a enveredar uma campanha alucinada com vistas à derrota de Donald Trump nas eleições de 2020 e, para isso, adotou uma estratégia tecnicamente perfeita em uma guerra híbrida: um vírus. A política adotada por Trump desde o início de seu governo (2016) vinha trazendo bons resultados, com o aumento do produto interno bruto, geração de empregos e diminuição da pobreza. Contudo em 2020, ano das eleições americanas nas quais Trump lançou sua candidatura ao segundo mandato, a China empunhou sua arma e atacou o mundo. Os efeitos foram devastadores em todos os setores da economia americana. Sem embargos, o alinhamento da China com entidades como a OMS (Organização Mundial da Saúde) e a ONU (Organização das Nações Unidas) serviu como um outro “front” na guerra híbrida, reforçados por uma massiva campanha de desinformação que agiu como pólvora, inflamando lideranças locais e mundiais que já eram anti-Trump. No final das contas, os chineses organizaram tão bem sua estratégia de guerra híbrida que não só conseguiram evitar uma vitória naturalmente fácil de Trump e colocar em xeque o sistema eleitoral daquele país, como também, independentemente de quem sairá vencedor do pleito, causaram desordem na democracia mais sólida do mundo, expondo os pontos fracos e enfraquecendo as bases do estilo de vida ocidental (MEIRA, 2020, s/p).

Para o autor, a China seria responsável por causar desordem na democracia mais sólida do mundo, e não Trump, que de fato contestou os resultados de eleições democrática que culminaram em sua derrota. No trecho, podemos perceber a significação mitológica e descritiva. Há a exposição de um suposto “plano” da China para vencer a “guerra híbrida” (significação mitológica), explicada pelo autor com supostos dados cronológicos. Para tal, a China teria inventado um vírus (a COVID-19) que afetou a economia americana, prejudicando o então presidente do país. Por fim, teria domínio sobre todas as organizações mundiais, como a ONU e a OMS, que teriam sido cúmplices no seu plano, além de sobre a mídia mundial, que a teria ajudado em uma campanha de desinformação. A China é apresentada como extremamente organizada, conseguindo conquistar algo muito difícil – a perda de Trump. Percebemos, então, a significação descritiva tanto pela conexão de eventos de maneira determinística quanto pela apresentação de um suposto inimigo como extremamente organizado e dominador.

Nesse mesmo contexto de argumentação de que a pandemia teria sido fraudada para prejudicar um governo específico, há a notícia “Um presidente da república está limitado pela ciência.” Mas que ciência?” escrita por Amauri Saad (2020) e publicada também no Brasil Sem Medo em 9 de abril de 2020. Nela, o autor argumenta que a pandemia seria um pretexto para prejudicar o presidente Bolsonaro. O autor busca expor que a “grande mídia” estaria ameaçando derrubá-lo, usando a pandemia como uma “desculpa”.

É importante destacar, ademais, as notícias que tratam sobre o uso de vacinas. A notícia “COVID-19: Conheça alguns truques da grande mídia para te fazer de cobaia”, publicada por Patrícia Castro (2021) em 8 de novembro de 2021 no *Mídia Sem Máscara*, por exemplo, busca expor um suposto plano de uso de técnicas de persuasão pela “grande mídia”, em conluio com a “*Big Pharma*” e governos para a venda de vacinas. As vacinas seriam, na verdade, um “experimento genético novo, só testado, sem sucesso, em animais” (CASTRO, 2021). A narrativa de Castro (2021), além de representar a significação mitológica presente na notícia, contraria o consenso da comunidade epistemológica em questão.

Apontando desde o início do texto quem seriam os inimigos que poriam o plano em curso, a autora aponta que existiriam “jornalistas que na verdade não passam de militantes esquerdistas servos do comunoglobalismo” (CASTRO, 2021, s/p) que convenceriam a população a serem cobaias de um experimento científico (a vacinação contra a COVID-19). Para comprovar sua tese, a autora traz o relato de uma autoridade: uma “médica perita” que teria feito um alerta sobre esse suposto plano. Aponta, também, jornais que faria parte de um “consórcio para divulgar informações a respeito da COVID-19 e, principalmente, fazer propaganda da vacina” (CASTRO, 2021, s/p): o G1, o Extra, O Globo, o Estado de São Paulo, o grupo UOL e a Folha de São Paulo.

A autora indica também que parte do plano seria de desacreditar o presidente Bolsonaro, em: “em seguida, fizeram parecer que o presidente da República, Jair Bolsonaro, era contra vacinas e com isso encontraram um “inimigo comum” a ser combatido” (CASTRO, 2021, s/p), além da negação do tratamento precoce. Faria parte, também, uma suposta censura aos “médicos, cientistas, jornalistas e advogados e demais pessoas que não se renderam ao mega-lobby farmacêutico” (CASTRO, 2021, s/p). Por fim, “expõe” que haveria outras técnicas de persuasão da população em curso, como a vacinação antecipada de idosos e profissionais da saúde. Em um trecho, a autora explica diretamente que acredita que estaríamos diante de um crime contra a raça humana, já que as vacinas não teriam passado por testes:

Outra tática de persuasão são as analogias e, para isso, usaram o “respeitado” médico, Dráuzio Varella, para mostrar como era o mundo antes da vacina. Com fundo musical melancólico e uma pessoa que ficou doente porque não tomou a vacina contra a poliomielite, por exemplo, a população é convencida de que os experimentos para a Covid-19 são do mesmo tipo das vacinas seguras que fazem parte do nosso calendário. O que não é verdade, pois essas últimas, demoraram anos para serem produzidas e foram submetidas a rigorosos testes de segurança. Já a terapia gênica, injetada na maior parte da população brasileira, não passou por todos os testes, portanto ainda não se sabe as consequências que ela pode trazer a médio e longo prazos. O número de casos de infarto,

AVC, miocardite e trombose vem crescendo até entre a população jovem, mas as vítimas estão sendo ignoradas pelo governo, pela mídia e fabricantes. A população precisa estar ciente de que estamos diante de um crime contra a raça humana (CASTRO, 2021, s/p).

Percebemos que a significação mitológica no texto de Castro (2021) está na tentativa de “expor” um suposto crime contra a raça humana: a tentativa de obrigar a população a ser submetida a uma vacinação que não teria passado por testagem suficiente e, portanto, não seria confiável. A significação descritiva é vista na correlação de diferentes atores em uma mesma conspiração. Na narrativa, a autora argumenta que existiria um conluio entre jornais, organizações e governos com as empresas farmacêuticas e que essas estariam colocando um plano em curso (de vacinação forçada) por interesses econômicos. Os jornais seriam então responsáveis por manipular dados e por omitir os casos de reações adversas da vacina.

Outra notícia, intitulada “A guerra ideológica, política, econômica e midiática da vacina”, publicada por Sérgio Oliveira (2020a) no dia 20 de dezembro de 2020 no Jornal da Cidade Online traz uma ideia similar. Diferente da narrativa de Castro (2021), Oliveira (2020a) argumenta que os laboratórios produziram as vacinas por motivações ideológicas, sendo a China suspeita. Por fim, a notícia “O que nos espera em 2021?”, publicada por Pedro Jales em 16 de dezembro de 2020 (2020) no mesmo jornal, corrobora com a narrativa de que as vacinas não teriam sido suficientemente testadas, gerando novas doenças que acarretariam a sobrecarga do sistema de saúde brasileiro, culminando no fim do Estado. Em todos os casos, é clara a narrativa de que os autores estariam expondo um suposto plano encoberto que prejudicaria a população.

Outra narrativa que coincide com as apresentadas está descrita na notícia “Pandemia de fraudes: comitê científico acusa OMS por crimes contra a humanidade”, escrita por Julio Gonzaga (2020) e publicada no jornal Mídia Sem Máscara em 31 de outubro de 2020. Nela, o autor argumenta que os testes PCR não seriam confiáveis e que, portanto, não poderíamos acreditar nos resultados que indicam casos positivos para COVID-19. O texto apresenta que a pandemia seria um pretexto para o benefício da indústria farmacêutica, produtora dos testes, vacinas e medicamentos e que teria sido instaurada uma “histeria” proposital, como em:

As chamadas medidas anti-corona, como lockdown, máscaras obrigatórias, distanciamento social e regulamentos de quarentena, servem para proteger a população mundial do coronavírus, ou essas medidas servem apenas para fazer as pessoas entrarem em pânico e acreditarem – sem fazer perguntas – que suas vidas estão em perigo, para que no final as indústrias farmacêuticas e de tecnologia possam gerar enormes lucros com a venda de testes de PCR, testes de antígenos e anticorpos e vacinas, bem como com a coleta de nossas impressões digitais genéticas? (GONZAGA, 2020, s/p)

Por fim, expõe que acredita que a pandemia poderia ser um pretexto para a instauração de regimes fascistas, restringindo as liberdades individuais, o que está de acordo com o discurso de Araújo. Com isso, torna-se mais um exemplo da narrativa mitológica de que existiria um plano encoberto de dominação da população.

Compreendemos, desse modo, as similaridades desses discursos com a argumentação trazida por Araújo. Tanto nas notícias analisadas quanto no discurso do ex-ministro há a argumentação de que não deveríamos nos preocupar tanto com a pandemia de COVID-19 quanto se faz parecer. Apontam, também, para uma manipulação de dados e fatos feita por “grandes empresas farmacêuticas”, jornais e até países, como a China. Haveria, conforme descrito por Araújo, uma tentativa de estabelecimento do “cientificamente correto”, ou seja, o estabelecimento de normas a serem seguidas sem questionamento, como a vacinação e a negação do uso de medicamentos para tratamento precoce, o que geraria censura a pessoas contrárias, principalmente aos conservadores.

Por fim, converge também a argumentação dos jornais e de Araújo de que esse processo faria parte de um suposto plano maléfico, sendo indicado em algumas notícias que esse seria parte do globalismo, do comunismo e da busca pelo estabelecimento de regimes autoritários. Destacamos, também, duas notícias que alegam que a pandemia seria um pretexto para a instauração de regimes comunistas ou socialistas. A primeira, intitulada “Ernesto Araújo alerta: “pandemia pode ser usada para instaurar o comunismo global”, publicada pela redação do Jornal da Cidade Online em 22 de abril de 2020, traz um tweet do ex-ministro Araújo, recomendando a leitura do texto “Chegou o coronavírus”. A segunda, intitulada “O fatal e inevitável processo de venezuelização da Argentina”, escrita por Vladimir Hertzog e publicada no mesmo jornal em 24 de março de 2021 indica que os lockdowns impostos na Argentina seriam uma forma que o presidente conseguiu para estabelecer o socialismo.

Em conclusão, as notícias desta seção buscaram expor motivações ocultas que teriam causado a pandemia de COVID-19. Em mais de uma, o objetivo seria mostrar que a doença não seria tão grave, mas que a “grande mídia” teria sido influenciada para inflar a necessidade de combate ao vírus. Diferentes inimigos são, então, expostos: a grande mídia, o establishment, a Organização Mundial da Saúde, diferentes governos e, por fim, as empresas farmacêuticas. Percebemos que, nas narrativas sobre as vacinas, busca-se expor que elas colocariam a população



em risco por não terem sido testadas. Por fim, há notícias que ligam esse suposto plano fraudulento a motivações políticas, como a derrubada de Trump e Bolsonaro e a instauração do socialismo ou comunismo. De todo modo, busca-se mostrar que a população estaria sendo enganada e que não deveria se preocupar com as consequências da infecção pela COVID-19.

### 3.4.5 NOMINALISMO

Como discutimos no segundo capítulo, o discurso sobre o nominalismo desenvolvido pelo ministro Araújo argumenta que esse faria parte de um plano de dominação mundial, sendo uma das etapas necessárias para o estabelecimento do globalismo. Nas notícias que trataram da temática, há diferentes aspectos que são apontados como ligados ao processo, indo de acordo com o discurso elencado por Araújo.

Um desses aspectos é o chamado “politicamente correto”, como demonstrado na notícia “Agenda 2030: uma doença que se espalha em silêncio”, publicada por Cristian Derosa (2020b) no canal Brasil Sem Medo no dia 13 de agosto de 2020. Nela, o autor aponta que a Agenda 2030 criada pela ONU seria a “ferramenta mais totalitária criada pelas Nações Unidas” (DEROSA, 2020b, s/p), desejando implementar a “ideologia de gênero” e o “discurso politicamente correto”. Percebe-se a significação mitológica: haveria em curso um plano maléfico, orquestrado pela ONU por meio da Agenda 2030, que colocaria a liberdade da sociedade em risco.

O autor busca caracterizar a Agenda como já tendo controle total no Brasil, como no trecho “como uma doença que toma o núcleo de todas as células de um corpo, a Agenda 2030, da ONU, já está perfeitamente avançada no Brasil, com sintomas leves o suficiente para tornar a doença mais letal e impossibilitar qualquer protocolo precoce de tratamento” (DEROSA, 2020b, s/p), fazendo um paralelo com a COVID-19. Argumenta que seus princípios já estariam em perfeita adesão nacional, o que o presidente Bolsonaro teria tentado impedir, sem êxito, já que a Agenda seria muito poderosa. A Agenda teria controle, também, do setor público e do setor privado, sendo onipresente, como no trecho: “a bolsa de valores pressiona empresas à adesão do programa totalitário da ONU, tornando a Agenda onipresente e o sonho de qualquer ditador” (DEROSA, 2020b, s/p).

Principalmente nos trechos acima, compreendemos a significação descritiva construída pelo autor. Primeiramente, há a criação de um inimigo – a ONU e a Agenda 2030. Esse é caracterizado como uma ameaça à sociedade e ao bem comum, assim como “todo poderoso” e onipresente, sendo extremamente difícil combatê-lo e até perceber suas ações, como é característico da construção descritiva das teorias da conspiração. No texto, o autor cita também dois dispositivos que fariam parte dessa agenda e já estariam em curso: a instalação de banheiros unissex, que faria parte da “macabra ideologia de gênero” (DEROSA, 2020b, s/p) e o monitoramento de todos os aspectos da sociedade, que “teriam seus desvios imediatamente corrigidos com o discurso politicamente correto que marca a entidade” (DEROSA, 2020b, s/p). Percebemos que “ideologia de gênero” e “politicamente correto” são textos-códigos, já que no contexto da notícia não é necessário explicá-los para que os autores os compreendam como negativos e ameaçadores. O autor não demonstra porque a Agenda em si e seus dispositivos seriam uma ameaça, mas sim “alerta” os leitores para seus perigos, como no trecho:

É difícil dizer o que é mais grave, hediondo ou totalitário: se são as crenças expostas nas declarações, como a imposição de parâmetros internacionais aos países, ou a própria ideia de que a administração econômica, financeira e moral do Brasil e de outros países ficará nas mãos de uma elite de burocratas nunca eleitos para tal, ungidos como deuses ou anjos em suas cidadelas utópicas, ornamentadas por seus discursos sedutores aos oportunistas da política e do empresariado que adoram jogar o jogo das aparências internacionais (DEROSA, 2020b, s/p).

Desse modo, percebemos a significação mitológica de identificação de um plano de dominação, orquestrado pela ONU, que desejaria prejudicar a sociedade e a significação descritiva de caracterização da ONU como um inimigo poderoso e onipresente que deverá ser combatido. Há, ainda, a identificação do presidente Bolsonaro como “salvador” e contrário a esse processo, já que ele teria tentado evitá-lo, sem êxito.

Ainda no canal Brasil Sem Medo, a notícia “A nova era do totalitarismo”, escrita por Alexandre Costa (2021) e publicada em 9 de março de 2021 traz uma ideia similar: haveria em curso a implementação de uma “Nova Ordem”, que teria como característica a “juristocracia”, buscando eliminar a discussão política e conduzir a sociedade por meio de iniciativas arbitrárias. Nela, o autor explicita o que seria o “politicamente correto”:

O cientificismo, ou melhor, a idolatria da ciência, vem sendo construída há décadas, inicialmente formando uma mentalidade burocrática que torna as pessoas dependentes, embaçando a percepção das relações de causa e consequência e, por último, mas não menos importante, aparelhando a linguagem de forma a reduzir as capacidades cognitivas,

trazendo a insegurança intelectual e moral necessárias para facilitar a manipulação. O politicamente correto foi criado exatamente com esse objetivo (COSTA, 2021, s/p).

A argumentação do autor é baseada na ideia de que os objetivos do “politicamente correto” estariam sendo postos em prática de forma sutil. Isso seria demonstrado “nas pequenas coisas, nos detalhes do dia a dia” (COSTA, 2021, s/p) e seria plantada na mente da sociedade, como no trecho:

No convívio entre as pessoas a idéia da infalibilidade tecnocrática está expressa em frases, termos e expressões repetidas inconscientemente por grande parte da população desatenta, que não é capaz de perceber que aquela fala foi plantada em sua mente após décadas sendo martelada diariamente pela mídia, a parte visível do establishment, responsável pela formação do imaginário — e do repertório vocabular — coletivo. Quantas manchetes, nos últimos anos, traziam algo como “especialistas dizem” ou “estudos afirmam”? Esse novo mundo, que apesar de velho e anormal vem sendo chamado de “novo normal” em uníssono por toda classe falante, está sendo desenhado há muito tempo e agora alcança o seu ápice devido a uma oportunidade única, composta de ingredientes perfeitos para quem pretende impor uma iniciativa totalitária: medo, doença, incerteza, dependência e morte. (COSTA, 2021/, s/p).

Com essa argumentação, busca alertar o leitor de um suposto processo que o prejudicaria e sobre o qual ele não teria consciência, justamente por causa de sua sutileza e amplo domínio. Também, sem falar explicitamente no texto, aponta que a pandemia (representada pelo medo, pela doença, pela incerteza, pela dependência e pela morte) seria a oportunidade perfeita para a implementação desse suposto “plano”. Por fim, explicita que apresentar-se como algo científico faria parte de todos os totalitarismos, citando como exemplo o comunismo, o nazismo e o fascismo. Conclui, dessa maneira, que estaríamos enfrentando um plano totalitarista de implementação do cientificismo, que desejaria também a eliminação da religião:

A raiz desse problema que enfrentamos e deveremos enfrentar cada vez com mais intensidade está na inversão de valores, em especial na troca do alvo de adoração. Ao contrário do que pensam os desavisados, o esvaziamento da sacralidade não tornou o homem mais livre, como prometiam os materialistas “bem intencionados”, mas apenas substituiu Deus por um punhado de pressupostos que, exatamente por não se sustentarem diante de questionamentos ou do choque com a realidade, terão que se impor com mais força do que qualquer dogma religioso. E para que essa substituição seja completa, tentam dar a esse espantinho que chamam de “ciência, ciência, ci-ên-cia (sic)” os mesmos atributos divinos: onipotência, onisciência e onipresença. Mas como isso não é possível, planejadores e agentes precisam blindar esses simulacros e isolar ou punir todo aquele que levantar alguma dúvida ou avisar que a grama é verde (COSTA, 2021, s/p).

Em conclusão, a narrativa do autor busca expor de forma mitológica um suposto plano de estabelecimento de um regime totalitário, chamado de Nova Ordem, que teria como característica a adoração à ciência, resumida pelo politicamente correto. Nesse raciocínio, a fé e a religião da sociedade estariam em risco, já que faria parte do plano a negação da adoração a outros deuses. Para sustentar sua argumentação, o autor usa características da significação descritiva das teorias

da conspiração: busca apresentar esse plano como onipresente, discreto e dominador da sociedade, estando “plantado” na mente das pessoas e tenta relacioná-lo à pandemia para “provar” que ele estaria em curso no momento, por exemplo.

Nesse mesmo sentido de expor um suposto plano autoritário em curso, Flavio Gordon (2019) publicou em 23 de janeiro de 2019 no jornal Gazeta do Povo o artigo “O politicamente correto, esse desconhecido”, no qual busca explicitar que o politicamente correto faria parte do marxismo e ameaçaria as liberdades da população. Em resumo, para o autor:

O pensamento politicamente correto combinava duas ideias básicas: do marxismo (em sua versão já frankfurtiana e gramsciana, ou seja, mais interessada na esfera da cultura que na da economia), absorveu o pressuposto de que o mundo se divide em classes antagônicas irredutivelmente inimigas, sendo elas os agentes fundamentais da história. A novidade era que, ao conceito de classe, somavam-se os de gênero e raça. A história já não era apenas a da luta de classes (ricos vs. pobres), mas também a da luta de raças (brancos vs. negros) e de gênero (homens vs. mulheres, héteros vs. gays, cis vs. trans). (GORDON, 2019, s/p).

Para ele, esse processo teria feito mudanças significativas na sociedade, as quais prejudicariam os cidadãos que tentaram impedi-lo (os conservadores). Cita diretamente que o processo faria parte do marxismo: “o politicamente correto tem, sim, uma relação perceptível com o marxismo, e mais diretamente, com o comunismo soviético, célebre por seu aparato técnico de lavagem cerebral e polícia de pensamento” (GORDON, 2019, s/p). Desse modo, percebemos as similaridades da significação mitológica desenvolvida pelo autor com as mencionadas anteriormente, de que existiria em curso um plano que ameaçaria as liberdades da sociedade pela implementação do politicamente correto, relacionado a sistemas totalitários.

A mesma narrativa é vista também em notícias como “Lugar de fala, ou, de novo: mais materialismo marxista”, publicada por Cruz (2020) no Gazeta do Povo em 25 de junho de 2019, “Perseguição islâmica: cristãos “inúteis” tratados como animais”, escrita por Ibrahim (2020) e publicada em 3 de agosto de 2016 e em “China: perseguição anticristã piora com crise do COVID-19 e invasão de Hong Kong”, publicada por Dufaur (2020b) em 15 de outubro de 2020 e em “A natureza espiritual maligna do marxismo”, escrita por Blanco (2021) em 16 de março de 2021, todas publicadas no Mídia Sem Máscara.

Outro tipo de narrativa percebida em diferentes notícias é a de que haveria um projeto de dominação ideológica nas escolas, sustentada pelo suposto “politicamente correto”. Rodrigo Constantino (2020), no artigo “Guerra cultural é parte do resgate da educação”, publicado no

Gazeta do Povo no dia 2 de janeiro de 2020, argumenta que índices de baixa qualidade da educação brasileira seriam causados por um processo de doutrinação ideológica pela esquerda. Também, em “O legado de C.S. Lewis”, escrito por James Jr. (2020) e publicado no The Imaginative Conservative, traduzido pelo jornal Gazeta do Povo em 24 de setembro de 2020 descreve que a “educação progressista” desejaria eliminar conceitos e valores tradicionais por meio da doutrinação. Por fim, a notícia “Com maus professores, os estabelecimentos de ensino transformam-se em meras fábricas de militantes”, escrita por Felipe Fiamenghi (2020b) e publicada no Jornal da Cidade Online em 17 de setembro de 2019 desenvolve a mesma ideia de que haveria um processo de doutrinação esquerdista nas escolas, ligada ao politicamente correto.

Dessa maneira, compreendemos que o foco das notícias difere, mas todas buscam, em alguma medida, denunciar um suposto plano maligno que ameaça a sociedade, caracterizando a significação mitológica. Esse plano é caracterizado de diferentes formas: um projeto autoritário, como o marxismo; o estabelecimento da Nova Ordem ou um esquema que teria como objetivo o fim da religião. O que as notícias possuem em comum é o apontamento do politicamente correto como uma parte importante desse plano, sendo responsável pela manipulação e inversão de valores, o que seria, em si, o nominalismo. Desse modo, a significação descritiva varia entre as notícias, mas sempre têm a ideia de que estaria em curso um projeto de dominação poderoso. Apontamos, também, a similaridade do discurso sobre o politicamente correto e o do sanitariamente correto. Ambos apontam para uma suposta inversão de valores, que faria a supervalorização da ciência.

Por fim, apontamos as similaridades da argumentação desenvolvida nas notícias e a presente no discurso de Araújo. Assim como nas notícias, Araújo busca alertar para um suposto projeto que estaria em curso atualmente que busca manipular a linguagem de forma autoritária, apresentando-o como um dos passos necessários ao globalismo. Esse projeto é chamado de nominalismo, sendo supostamente arquitetado pelo comunismo, socialismo, globalismo ou a esquerda para prejudicar conservadores e cercear a liberdade da população.

#### 3.4.6 GLOBALISMO

Como compreendemos pela análise do discurso do ex-ministro Araújo, a significação mitológica construída na narrativa de existência do globalismo está no apontamento de que haveria em curso um plano maléfico de dominação mundial, orquestrado pelo marxismo cultural. Esse plano poderia ser chamado também de “Nova Ordem Mundial”, tendo algumas características essenciais. Em nosso estudo, focamos na ideologia de gênero, no climatismo, no politicamente correto ou nominalismo, na crítica à mídia e no sanitariamente correto, os quais, segundo o ministro, fariam parte do globalismo. Desse modo, nesta seção analisaremos as notícias que trataram do globalismo de maneira mais ampla, mas justamente pelas outras vertentes fazerem parte dele, eles também foram descritos em notícias analisadas nas seções anteriores.

Lembramos, também, que a teoria da conspiração sobre a existência do globalismo foi a mais identificada entre as notícias que faziam referência a TCs presentes no discurso de Araújo. Desse modo, para melhor entendimento de seu conteúdo, categorizamos as notícias dessa seção em quatro tipos: as que buscam explicar/expor a existência do plano globalista; as que tentam explicitar quem seriam os inimigos responsáveis pela execução do plano e os salvadores que lutariam contra ele e as que indicam supostas infiltrações do plano em diferentes esferas da sociedade e as que versam sobre as vertentes (ideologia de gênero, ambientalismo, sanitariamente correto, nominalismo ou crítica à mídia). Para melhor compreensão do que os jornais consideram ser o globalismo, iniciemos a discussão com aquelas que buscam expor a existência desse suposto plano maléfico.

Em geral, as notícias dessa categoria caracterizam o globalismo como um plano de dominação mundial que estaria em curso nos dias de hoje. Explicam, também, que esse plano seria arquitetado pela esquerda e pelas elites mundiais, que teriam como objetivo o estabelecimento do comunismo, o que caracteriza a significação mitológica do discurso. Como se sabe, esse discurso está de acordo com o propagado pelo ex-ministro Araújo.

Uma das notícias analisadas busca explicar de maneira geral o que seria o globalismo e porque ele estaria ligado às elites mundiais. No texto “Metacapitalismo: por que, afinal, os bilionários financiam a esquerda?”, escrito por Flavio Gordon (2021) e publicado no jornal Gazeta do Povo no dia 6 de janeiro de 2021, o autor constrói sua argumentação tendo como base uma afirmação que pareceria contraditória: as pessoas mais ricas do mundo estariam buscando a instauração do socialismo e, em última instância, o globalismo (GORDON, 2021). O autor (2021)

inicia o texto com uma afirmação geral, dizendo: “os donos das maiores fortunas do mundo, e especialmente os que possuem grandes fundações em seu nome, empregam o seu vultoso capital no fomento de agendas de esquerda, frequentemente radicais” (GORDON, 2021, s/p), citando o exemplo de Jorge Paulo Lemann, que promoveria uma educação com forte “viés marxista e neomarxista” (GORDON, 2021, s/p).

Construindo sua argumentação, diz que teríamos um vício de raciocínio, adquirido no ensino fundamental, que nos faria analisar a realidade política com base em definições enciclopédicas que definiriam o que é esquerda e direita e no que cada pessoa deveria acreditar – a qual associaria pessoas pobres à esquerda e pessoas ricas à direita. Por isso seria difícil compreender o que seria, para ele, a realidade – que multimilionários teriam interesses ocultos e por isso apoiariam projetos de extrema-esquerda. Ele explica por que isso aconteceria no trecho:

Uma explicação possível, todavia, é a de que, contrariando o axioma materialista, os grandes empresários capitalistas, detentores do poder econômico, já não tenham uma mentalidade burguesa-capitalista, mas, ao contrário, aristocrática e dinástica, desejando proteger-se das flutuações do mercado por meio da associação com o poder político-militar. Nesse sentido, conquanto tenham enriquecido na economia de mercado, já não a considerariam propícia aos seus interesses, vendo na ordem capitalista antes um perigo que uma oportunidade. Cansado de aventuras e riscos, o antigo empreendedor torna-se, então, um novo aristocrata (GORDON, 2021, s/p).

Assim, para resumir seu raciocínio, Gordon (2021) usa a definição de Olavo de Carvalho sobre o que seriam os “metacapitalistas”, ou seja, aqueles que transcenderam o capitalismo, tendo o transformado no socialismo de grãos-senhores e engenheiros sociais (CARVALHO apud GORDON, 2021, s/p). Para o autor, esses o fariam porque a fortuna acumulada já não seria a base exclusiva de seu poder. A base seria o controle do aparato político, burocrático e militar. Construindo seu raciocínio com base em Carvalho, o autor conclui que a única forma que esses “metacapitalistas” teriam de domínio seria o socialismo:

Ora, se o objetivo já não é apenas o de enriquecer, mas o de dominar o Estado, e, mais amplamente, as consciências, qual modelo de regime político levou esse domínio às raias da perfeição, desenvolvendo uma tecnologia de controle da sociedade e do indivíduo jamais vista em outros contextos históricos? O modelo socialista, por óbvio. E é também óbvio que os metacapitalistas só apoiam medidas socializantes por saberem que, em termos estritamente econômicos, um regime socialista pleno é uma impossibilidade lógica e prática (GORDON, 2021, s/p).

Dando continuidade ao raciocínio, o autor (2021) alega que a economia capitalista e o governo socialista estariam fundamentando a nova ordem mundial, que teria surgido com o fim da guerra fria. Diz que os comunistas teriam feito um acordo com os metacapitalistas, chegando à

conclusão de que precisariam criar uma síntese entre o capitalismo liberal e o controle social do socialismo. Com isso, segundo o autor, “não é à toa que, como protótipo dessa síntese, a China esteja se alçando à posição de potência hegemônica na ordem mundial contemporânea” (GORDON, 2021, s/p).

Especialmente nesses trechos, mas durante o texto todo, percebemos o uso de expressões como “é óbvio que”, “não é à toa que” ou a criação de argumentos como o iniciado em “ora, se...” que levam a uma única conclusão e buscam eliminar a possibilidade de coincidências no que está sendo dito pelo autor. Sua construção objetiva a criação de uma aura de “descoberta”, como se o autor estivesse compartilhando conclusões totalmente óbvias com o leitor. Desse modo, a significação mitológica está presente justamente na “exposição” de um suposto plano de implementação de um novo socialismo, representado pela Nova Ordem Mundial, orquestrado pelos “metacapitalistas”, que estaria em curso desde a Guerra Fria até os dias de hoje. No texto, o socialismo é caracterizado como maléfico e prejudicial à sociedade e, desta forma, seria urgente ir contra esse plano.

Assim, o raciocínio do autor conclui que esse plano de dominação, chamado de Nova Ordem Mundial ou de globalismo, estaria em curso e seria arquitetado pela “elite”, ou seja, as pessoas mais ricas do mundo, que desejariam estabelecer um poder totalitário sobre a população, que está em risco. Seguindo sua argumentação, a única forma que essa elite encontrou de estabelecer seu domínio foi pelo estabelecimento do comunismo em sua configuração globalista, pois esse permitiria o controle total do aparato político, econômico e militar. Desse modo, busca explicitar porque as pessoas mais ricas do mundo apoiariam projetos de esquerda – para ele, o socialismo, o comunismo e a esquerda seriam somente uma “fachada” para um projeto de dominação totalitária.

No raciocínio de Gordon (2021) está a base para compreensão do que seria o projeto de dominação globalista explicitado nas notícias dessa categoria. Primeiramente, tratando dessa temática, é importante compreender que os autores consideram o discurso marxista, comunista, socialista e da esquerda como equivalentes, sendo todos somente uma “fachada” que utilizaria prerrogativas de busca de maior equidade entre a população para colocar em prática um projeto autoritário que garantiria poder somente ao seu grupo. Desse modo, compreendemos a base da significação mitológica dessa narrativa – haveria um plano de dominação maléfico (o globalismo)



que desejaria estabelecer o totalitarismo para prejudicar a população e obter benefícios para um grupo específico (a elite, os socialistas, comunistas, etc.).

O texto publicado por Marcelo Monte (2020) no jornal *Mídia Sem Máscara* em 3 de março de 2020, intitulado “Uma ameaça real e imediata” também constrói sua narrativa nesse sentido, mas tratando especificamente do comunismo. O autor inicia o texto argumentando que “o comunismo é uma ameaça real e imediata às nossas vidas, nossas liberdades e nosso direito à propriedade” (MONTE, 2020, s/p). Constrói seu raciocínio com base no argumento de que a queda do Muro de Berlim teria sido uma cortina de fumaça (essa mesma ideia pode ser encontrada no texto “Voz da Rússia 2: reconhecendo o engano”, de Nyquist, publicada no *Mídia Sem Máscara* em 21 de setembro de 2020) para esconder que o comunismo estaria buscando sua implantação no mundo por meios “silenciosos, graduais e não violentos” (MONTE, 2020, s/p). Tais modos seriam representados por três intelectuais: Antônio Gramsci, representante do marxismo cultural; os socialistas fabianos, que desejariam implantar o comunismo sem ninguém perceber, por meio da conquista gradual das instituições de ensino e os frankfurtianos, que seriam responsáveis pela ideologia de gênero, pelo politicamente correto, pelos movimentos identitários, pelo ambientalismo, entre outros (MONTE, 2020, s/p).

Nas palavras do autor, “seu objetivo é destruir os fundamentos da sociedade ocidental, a família, a moral judaico-cristã, a história, e conseqüentemente, toda a propriedade privada, toda a liberdade individual, para então poderem reinar” (MONTE, 2020, s/p). Nessa frase, está explicitada a significação mitológica: haveria, nos dias de hoje, comunistas que desejariam acabar com a sociedade para atingir um benefício próprio, ou seja, terem controle do mundo. Segundo o autor, as ideias teriam sido propagadas e semeadas no mundo todo e o “novo processo de tomada comunista foi iniciado, de forma distribuída e sem pressa” (MONTE, 2020, s/p), ou seja, o plano já estaria em curso, como explicado em:

No Brasil, com a abertura democrática e a nova Constituição de 1988, de cunho essencialmente socialista, foram criados o PT (N.do. E.: na verdade, fundado em 1980) e o PSDB, que dominariam o cenário político, fingindo uma falsa dicotomia entre direita e esquerda. Na América Latina, os movimentos de esquerda se uniram para formar o Foro de SP, sob o comando de Lula, Fidel Castro e Hugo Chávez, visando criar a Pátria Grande, uma espécie de União Soviética Latina. No mundo, o multilateralismo comercial seria a porta de entrada para o fim das soberanias nacionais. ONU, União Européia e outros organismos foram igualmente controlados, aparelhados e instrumentalizados, impondo a influência política em sobreposição à econômica. China e Rússia tiveram processos próprios, adaptando seu comunismo aos preceitos do neoliberalismo. E não para por aí: os monopólios tecnológicos e as grandes fortunas (já ouviu falar dos globalistas e de

George Soros?) não ficariam de fora. Um exemplo são as principais redes sociais, monopólios globais, que foram tomadas pelo “progressismo”, um termo bonitinho para designar o socialismo. A “fraudemia” do Partido Comunista Chinês dá um capítulo à parte; os governos socialistas do mundo estão aproveitando a crise para subjugar seus povos, destruindo suas economias e confiscando suas liberdades, sob a desculpa de “salvar vidas”. O template veio pronto, respaldado pelo puxadinho do PC chinês, a Organização Mundial da Saúde, e por muita “ciência”! (MONTE, 2020, s/p).

Nesse trecho, percebemos mais claramente a construção da significação descritiva. O autor conecta eventos diversos, como a reabertura brasileira, movimentos de esquerda, o multilateralismo comercial e organismos multilaterais como tendo sido feitos nesse mesmo processo de instauração do comunismo. Fariam parte dele, ainda, monopólios tecnológicos e grandes riquezas e, por fim, a pandemia de COVID-19, que teria sido “criada” para subjugar os povos. Desse modo, tudo estaria conectado pelo mesmo objetivo maléfico, como dito por ele em “todos os conflitos que estamos presenciando hoje no mundo ocidental, todas as ações de tensão social, tiveram suas origens nessa revisão do comunismo internacional” (MONTE, 2020, s/p). Além disso, os supostos inimigos que arquitetariam esse plano seriam onipresentes e extremamente poderosos, controlando desde países até organizações multilaterais e bilionários. Por fim, o autor convoca os leitores a lutar contra esse processo, em: “se quisermos de fato apagar esse fogo, precisamos conhecer o inimigo” (MONTE, 2020, s/p).

Como dito anteriormente, a argumentação central sobre o globalismo é a argumentação de que ele é um plano de dominação mundial. As notícias analisadas nessa seção tratam a questão por meio de diferentes focos. Por exemplo, as notícias “Globalismo e soberania ambiental” publicada no dia 26 de outubro de 2020 e “Globalismo e comunismo (parte 3)”, do dia 4 de junho de 2020 ambas publicadas no Gazeta do Povo e escritas por Rodrigo Penna-Firme (2020) e Flavio Gordon (2020), respectivamente, associam o globalismo a um plano de dominação comunista. A primeira, porém, destaca que a preocupação com a proteção do meio ambiente seria usada como justificativa para o avanço de um pensamento imperialista globalista, o que é a base da argumentação sobre a existência do ambientalismo, enquanto a segunda foca na demonstração de porque o globalismo seria um projeto comunista.

Outro texto que busca explicar por que o comunismo seria um plano totalitarista é intitulado “Sobre o comunismo: 15 aforismos de Olavo de Carvalho”, escrito por Olavo de Carvalho e publicado no jornal Mídia Sem Máscara no dia 11 de setembro de 2020. Nele, o autor argumenta que o “comunismo é baseado na mais abjeta das más intenções, que é a de usar um

hipotético bem futuro para legitimar a prática do mal no presente” (CARVALHO, 2020c, s/p) e que ele seria “o mais bem sucedido crime não-declarado de todos os tempos”. Também, argumenta que o comunismo teria o objetivo de “matar gente a granel” (CARVALHO, 2020c, s/p) e que os comunistas teriam ódio à criação divina, ou seja, odiariam a humanidade. Nesse texto, fica clara a categorização do comunismo como um plano extremamente maléfico, que deveria ser combatido a todos os custos.

Também no sentido da caracterização do comunismo como um plano maléfico, o texto “Socialismo e comunismo para crianças”, escrito por Paulo Briguet (2020b) e publicado no jornal Brasil Sem Medo no dia 5 de outubro de 2020 se propõe a explicar a uma criança de 12 anos o que seria o comunismo e o socialismo. Nele, o autor argumenta que no comunismo as pessoas são obrigadas a renunciar a todos os seus direitos e liberdades individuais e que o socialismo seria o meio para se chegar ao comunismo. Argumenta, por fim, que o partido nazista de Hitler seria na verdade socialista. Desse modo, explicita porque deveríamos nos preocupar tanto com a instauração desse regime. Podemos notar, no texto de Briguet (2020b), uma diferença com o discurso de Araújo, que aponta que o socialismo teria sido substituído pelo globalismo como uma etapa intermediária para o estabelecimento do comunismo.

Outro aspecto importante da caracterização do globalismo e do comunismo como planos de dominação é a explicação de que esses desejariam acabar com a religião cristã. Esse raciocínio pode ser encontrado na notícia “Fim dos tempos e guerra contra cristãos: a esquerda instigando a destruição de imagens de Jesus Cristo”, escrita por Carlos Ferraz (2020a) e publicada no Jornal da Cidade Online no dia 24 de junho de 2020. Nela, o autor explicita que existiria em curso um plano para “conspurar a cultura cristã”, arquitetado pelo marxismo cultural. Para comprovar sua argumentação, afirma que a esquerda, o socialismo e o marxismo já estariam infiltrados em todos os aspectos da sociedade, comparando-os com um câncer. Isso incluiria a educação, o judiciário, a grande mídia e o estabelecimento do “politicamente correto”. O objetivo seria a destruição dos pilares da civilização ocidental. Em resumo, nas palavras do autor: “quero dizer que a mentalidade esquerdista é como um câncer, o qual se enraíza nas instituições (e mesmo nas mentes das pessoas) e faz metástase, matando não apenas os indivíduos, mas as instituições que ela infecta” (FERRAZ, 2020a, s/p).

Por fim, Ferraz (2020a) explicita o objetivo final desse plano. Para ele, o plano estaria centralizado na Organização das Nações Unidas, que seria essencial para o estabelecimento de uma nova ordem mundial. Nas palavras do autor: “ela concretiza as pretensões de um governo mundial único, supranacional, com uma religião universal própria engendrada pela mesma elite global que transformou os governantes mundiais visíveis em seus títeres” (FERRAZ, 2020a, s/p). O entendimento de que a ONU seria um dos conspiradores no plano globalista não está presente diretamente no discurso de Araújo, já que, conforme discutido por Loureiro (2023), o ex-ministro acredita que o globalismo envolva muito mais do que apenas as organizações internacionais (LOUREIRO, 2023, p. 15).

Compreendemos, com os textos analisados, a principal argumentação sobre a existência do plano de dominação globalista. Sua significação mitológica, ou seja, a explicação de que certos eventos ocorreriam porque existiria em curso um plano maléfico que prejudicaria a população, está presente na própria explicação do que é o globalismo. Utilizando o socialismo, o comunismo, a esquerda e o marxismo cultural como equivalentes, os autores explicam que esses estariam buscando o estabelecimento de um plano autoritário, chamado de globalismo ou Nova Ordem Mundial, com o objetivo de concentrar o poder em suas mãos e de tirar a liberdade da população. Há destaque, também, para a argumentação de que a liberdade religiosa estaria em risco. Pela argumentação, esse plano já estaria em prática, sendo arquitetado por diferentes atores que possuiriam controle sobre os mais diversos setores da sociedade. Relembramos que os textos aqui expostos não foram os únicos em que esse raciocínio foi construído, mas sim foram os que melhor expuseram a construção da lógica de significação.

A próxima categorização dos textos dessa seção possuía textos que versavam sobre quem seriam os inimigos que arquitetariam o plano de dominação globalista. Como dito anteriormente, a lógica de significação das teorias da conspiração, por meio da significação descritiva, estabelece que os inimigos responsáveis pela manutenção do plano maléfico seriam extremamente capazes, tendo domínio sobre diversos aspectos da sociedade. Esses seriam tão corruptos que dialogar com eles seria impossível, sendo a única solução seu combate.

Nas notícias analisadas, diversos inimigos foram caracterizados como parte do plano de dominação globalista. Pela argumentação, os principais inimigos estariam na esquerda, nos comunistas, nos socialistas e nos marxistas culturais. Assim, os textos trazem diferentes exemplos

de como esses se manifestariam. Há descrição de sua atuação na América Latina nos textos “Dossiê expõe atuação de agentes cubanos na Colômbia”, escrito por Lucas Ribeiro (2021) e publicada no Brasil Sem Medo em 27 de janeiro de 2021, que argumenta que Cuba desejaria instaurar um projeto comunista na América Latina e por isso teria influenciado eleições na Colômbia e em “O abismo da Argentina e o horizonte para o Brasil”, escrita pelo mesmo autor e publicada em 1 de maio de 2020 no mesmo jornal, que argumenta que Alberto Hernandez buscaria o estabelecimento do comunismo na Argentina.

A atuação do projeto globalista no Brasil está demonstrada em textos como “Lula é apenas uma distração: o verdadeiro profeta do ‘evangelho de Soros’ está ascendendo desde o RS”, publicada no Jornal da Cidade Online em 9 de março de 2021 e escrita por Carlos Ferraz (2021), que argumenta que o deputado Eduardo Leite seria uma representação do plano globalista no Brasil. Está presente também no texto “Weintraub faz importante alerta sobre Felipe Neto e sofre ataque covarde do ‘imitador de focas’”, publicada no mesmo jornal em 25 de janeiro de 2021, escrita pela redação do jornal. Nela, o autor (2021) indica que Felipe Neto, o STF e a Globo financiariam um plano de controle da educação, que faria parte do globalismo. Por fim, a descrição da atuação está presente também no texto “O que está por trás da proposta de deputado do PT, que tramita na Câmara, para acabar com o papel moeda”, publicada em 30 de agosto de 2020 ainda no Jornal da Cidade Online, na qual Edivaldo de Carvalho (2020) discute que o Partido dos Trabalhadores apresentaria projetos de lei em busca de maior controle do Estado, o que faria parte do plano globalista.

Há ainda textos que indicam que a China seria a verdadeira arquiteta do plano globalista. No texto “A China e o Walmart”, publicada sem indicação de autor em 21 de setembro de 2020 no jornal Mídia Sem Máscara, há uma explicação de que a China estaria tentando destruir os Estados Unidos e dominar o mundo, o que seria parte de seu plano globalista. No texto “Contra o mito da invencibilidade das elites globais”, publicado no mesmo jornal em 7 de julho de 2020 como uma tradução do texto publicado no canal “estibordo.org” a China é apresentada como um “monstro de poder”, que buscaria a hegemonia mundial. A mesma ideia é vista no texto “A legítima luta de Taiwan por independência contra o Partido Comunista Chinês” publicada no dia 3 de agosto de 2020 no Jornal da Cidade Online e escrita por Wagner Hertzog (2020). Há ainda a indicação de que a Rússia faria parte do plano de dominação, em notícias como “Voz da Rússia 2:

reconhecendo o engano”, escrita por Jeffrey Nyquist (2020b) e publicada no jornal Mídia Sem Máscara em 21 de setembro de 2020.

Por fim, outros inimigos relevantes estariam nas elites mundiais, representados por diferentes atores. Alguns textos citam diretamente as pessoas que estariam conspirando para o estabelecimento do globalismo: George Soros, Marck Zuckerberg e a família Rockefeller, como nos textos “Sobre o populismo e Bolsonaro”, escrita por Ipojuca Pontes (2020a) e publicada no jornal Mídia Sem Máscara em 9 de abril de 2020 e “Soros e Zuckerberg: o que está por trás do embate midiático”, escrita por Marlon Derosa (2020c) e publicada no jornal Brasil Sem Medo em 21 de fevereiro de 2020. Outros somente citam as “elites mundiais”, as “grandes indústrias de tecnologia e finanças”, as “big techs” e os “donos do mundo”, como em “Os donos do mundo contra as reformas na Índia”, escrita por Braulia Ribeiro (2021) e publicada no jornal Brasil Sem Medo em 19 de fevereiro de 2021 e “A rebelião das formigas’: uma resistência inesperada”, escrita por JMC Sanchez (2021) e publicada em 2 de fevereiro de 2021 no Jornal da Cidade Online.

Outra caracterização importante é a de notícias que tratam sobre supostas formas que esses inimigos estariam infiltrados na sociedade em diferentes setores. Há destaque para uma infiltração na igreja católica, indicando que o próprio Papa Francisco seria na verdade um impostor. Essa narrativa pode ser encontrada nos textos “Aliado de Biden poderá ter alto cargo no Vaticano”, escrita por Bernardo Kuster (2021) e publicada em 15 de fevereiro de 2021 no jornal Brasil Sem Medo; “Contra a agenda anticristã da esquerda, nem um Pio”, escrita por Elis Bobato (2020) e publicada em 28 de abril de 2020 no jornal Mídia Sem Máscara; em “Jorge Bergoglio não é o primeiro impostor a ocupar o Trono de Pedro. Nem será o último”, publicada em 18 de fevereiro de 2020 no Jornal da Cidade Online, escrita por Felipe Fiamenghi (2020a) e em “Dois Papas teria sido um novo manifesto comunista?” escrita por Sérgio Oliveira (2020b) em 6 de janeiro de 2020 e publicada no mesmo jornal.

Compreendemos, desse modo, como os autores constroem a significação descritiva, ou seja, estabelecem a explicação dos motivos e dos modos pelos quais a conspiração aconteceria, apontando conexões entre diferentes eventos e caracterizando o inimigo como *anti-own*. Como podemos perceber nos textos destacados, o globalismo é compreendido como tão poderoso e forte que dominaria os mais diversos aspectos da sociedade, passando desde a política brasileira até as maiores organizações internacionais. Também, os inimigos que seriam responsáveis pelo

estabelecimento do plano são muito diferentes entre si, estando infiltrados em muitos setores, tendo domínio sobre quase tudo.

Há também nos textos a descrição de quem seriam os opositores aos conspiradores, ou seja, aqueles responsáveis pela luta contra o globalismo e pela salvação da população. Nos textos, há destaque principalmente para o presidente Bolsonaro, que lutaria contra o globalismo no Brasil, e o presidente Donald Trump, que seria o representante da luta contra o globalismo mundialmente. Essa narrativa pode ser encontrada nos textos “O abismo da Argentina e o horizonte para o Brasil”, do jornal Brasil Sem Medo, escrita por Lucas Ribeiro (2020) em 1 de maio de 2020, “Sobre o Populismo e Bolsonaro”, escrita por Pontes em 9 de abril de 2020 e publicada no jornal Mídia Sem Máscara “Por Que Washington-DC odeia Donald Trump”, publicada também no Mídia Sem Máscara no dia 28 de agosto de 2020 como uma tradução do texto escrito por Curtis Ellis (2020) no jornal WND e “Trump vira pesquisas e se torna favorito nas eleições americanas”, publicada em 2 de setembro de 2020 no Jornal da Cidade Online, escrita por Henrique Quintanilha (2020).

A exposição da narrativa de que Bolsonaro seria um dos representantes da luta contra a Nova Ordem Global pode ser vista em “Sobre o Populismo e Bolsonaro”, de Pontes (2020). O autor argumenta que Bolsonaro seria representante do “bom populismo”, já que, nas palavras dele “seu discurso direto envolve o conceito milenar de observar os valores tradicionais de Deus, Pátria e família – tríade sobre a qual se ergueu a nossa civilização, agora execrada por globalistas, comunistas” (PONTES, 2020, s/p). Assim, o discurso de Bolsonaro representaria os valores reais da sociedade, que estariam em risco.

A explicação de que Donald Trump seria também um dos combatentes do globalismo é vista na notícia “Por que Washington-DC odeia Donald Trump”, escrita por Ellis (2020). Na notícia, a argumentação é que Trump lutaria contra “cruzadas neoconservadoras de construção de nações”, e que ele se oporia a “acordos internacionais neoliberais que devoram a soberania nacional, e que enviaram nossos empregos e indústrias para campos de trabalhos forçados de baixo custo no Terceiro Mundo”, nas palavras da autora (2020, s/p). Por fim, ele se oporia também ao “*establishment* de Washington”, o que a autora caracteriza como um “complexo industrial-governamental que inclui academia, think tanks, empreiteiros, defesa, militares, lobistas, mídia e políticos democratas e republicanos” (ELLIS, 2020, s/p). Podemos perceber, com o discurso da

autora, a capilaridade desse “inimigo” a quem Trump se oporia, já que ele dominaria setores extremamente diversos da sociedade.

Por fim, a última categoria possui as notícias que buscam explicitar como as diferentes vertentes, presentes também no discurso de Araújo, fariam parte do plano de dominação globalista. As notícias “Aborto, a solução final”, escrita por Briguet (2020a) e publicada no Brasil Sem Medo em 20 de agosto de 2020 e “A Coca-Cola e a ideologia de gênero: quem está por trás da campanha sórdida?”, escrita por Derosa (2020) e publicada em 17 de abril de 2020 no jornal Mídia Sem Máscara trazem a argumentação de uma suposta epidemia de opressão e autoritarismo orquestrada pela esquerda, tendo como instrumento a ideologia de gênero. Já a notícia “Como a cobertura dos protestos de Cuba expõe a guerra de narrativas” escrita por Derosa (2021) e publicada em 13 de julho de 2021 no jornal Brasil Sem Medo busca expor como a mídia faria parte do suposto plano globalista.

Em resumo, percebemos as conexões do discurso apresentado nos jornais com a argumentação do ex-ministro Araújo. Ambos acreditam expor um plano de dominação mundial arquitetado pelo marxismo cultural em suas diferentes configurações. Acreditam, também, que esse plano teria como objetivo o estabelecimento de um projeto autoritário, que coloca a liberdade e mesmo a vida da população em risco. Fazem, ademais, comparações desse plano com o nazismo, já que ambos desejariam a morte da população e da religião. Por fim, demonstram que os responsáveis pelo plano, ou seja, os inimigos, seriam extremamente difusos, tendo controle sobre variados aspectos do mundo e, por isso, extremamente perigosos. Há similaridades também no apontamento de Bolsonaro e Trump como salvadores e na indicação de que diferentes vertentes, como a ideologia de gênero, o climatismo, o sanitariamente correto e o nominalismo seriam partes essenciais para o estabelecimento do plano.

Percebemos, porém, que os jornais buscam expor partes diferentes que fariam parte desse suposto plano maléfico que não estão presentes no discurso de Araújo. Como por exemplo, temos notícias analisadas que apontam a Organização das Nações Unidas como uma das partes centrais do plano de dominação globalista, enquanto o ministro Araújo acredita que esse plano vai muito além do poder de organizações internacionais. Há diversos outros exemplos encontrados nas notícias, que podem acontecer pois os autores possuem grande liberdade de publicação nos canais



analisados, podendo, então, ver conexões entre diferentes eventos como motivadas por um mesmo mal e buscar “expor” essas conexões em seus textos.

### **3.5. CONCLUSÕES PRELIMINARES**

Neste capítulo, tivemos o objetivo de compreensão da presença ou não de teorias da conspiração em canais de comunicação considerados alternativos e apoiadores do presidente Bolsonaro. Almejamos, também, comprovar se as teorias da conspiração presentes nesses canais seriam equivalentes aquelas presentes no discurso de Ernesto Araújo. A partir da leitura de 305 notícias encontradas nos quatro jornais analisados, concluímos que a maioria delas (68,20%) possuía construção de lógica de significação de teorias da conspiração em seu texto, possuindo significação mitológica e descritiva. Argumentamos que, levando em consideração a quantidade de leitores mensais que os jornais possuem, esse número é alarmante, dado que teorias da conspiração versam sobre questões não comprovadas pelas comunidades epistemológicas e podem gerar mudanças de comportamento naqueles que nelas acreditam.

Tendo compreendido a porcentagem de notícias que possuíam teorias da conspiração, concluímos que a teoria elencada por mais vezes foi sobre a existência do globalismo. Partimos, então, para a análise textual de como a lógica de significação havia sido construída nessas notícias, buscando compreender se a lógica seria a mesma elencada pelo ministro Araújo. Lembramos que não estamos afirmando que os canais de comunicação estavam replicando o que era dito pelo ex-ministro. Afirmamos somente que a mesma lógica de significação, baseada em teorias da conspiração específicas, estava presente tanto nos discursos de Araújo quanto nos canais analisados.

Compreendemos, por fim, como os canais de comunicação construíam sua argumentação. Primeiramente, percebemos que o mesmo raciocínio usado por Araújo de existência de um plano de dominação globalista estava presente nos canais da comunicação. Ambos caracterizaram o globalismo como um plano de dominação maléfica, arquitetado pela esquerda, pelo comunismo, pelo socialismo e pelo marxismo cultural. Há equivalência também no apontamento das vertentes que fariam parte desse plano e dos supostos “inimigos” e “salvadores”. Percebemos, porém, que os canais de comunicação, talvez pela liberdade do que poderia ser publicado, fizeram explicações

mais claras sobre as etapas para o estabelecimento do globalismo, quem seriam os inimigos e salvadores e por quê. Trataram, também, sobre assuntos não mencionados pelo ex-ministro.

Por fim, destacamos a importância do entendimento de nossas descobertas. Pela análise realizada neste capítulo, percebemos que a teoria da conspiração sobre a existência do globalismo foi disseminada não só pelo ministro das Relações Exteriores, mas também em canais de comunicação que se posicionaram como apoiadores do presidente da República. Em repetidas ocasiões, percebemos que esses canais de comunicação, além de apontarem para a teoria da conspiração sobre a existência do globalismo, indicavam Bolsonaro como único representante da luta contra esse mal.

Levando em consideração o grande número de acessos mensais que cada jornal recebe e que a internet é um ambiente fértil para a proliferação de teorias da conspiração, pode-se argumentar que essas notícias também contribuíram para a energização e radicalização da população, pondo em risco a democracia brasileira. Bolsonaro é apontado como um dos únicos representantes da luta contra o globalismo, tanto no discurso de Araújo quanto nas notícias analisadas. Assim, a população poderia se energizar a lutar contra tudo que é apontado como “ameaçador” a Bolsonaro e, em última instância, à própria população.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho tivemos o objetivo central de compreender a lógica de significação construída no discurso do ex-ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, para justificar ações de política externa tomadas durante seu período à frente do Itamaraty. Consideramos que seu discurso foi baseado em uma teoria da conspiração que indicava a necessidade de luta contra o “globalismo”. Analisamos a construção da lógica de significação dessa teoria da conspiração pelo uso das significações descritiva e mitológica. Consideramos que, justamente pela posição que Araújo ocupou, sendo o maior representante em temas de política externa abaixo do presidente da república, é de suma importância a compreensão das justificativas para as ações tomadas em política externa presentes no seu discurso.

Araújo deve ser considerado um empreendedor conspiratório, por ser capaz de disseminar narrativas conspiratórias com significativo impacto na sociedade em razão do cargo que ocupou. Essas narrativas foram legitimadas em um contexto político específico no qual a hierarquia de autoridade concedeu a Araújo maior influência. Esse contexto político específico seria perpetuado pela extrema direita, que utilizaria a “política como conspiração” (CHRYSSOGELOS, 2017; MOFFITT, 2016; MUDDE, 2017), evocando a necessidade de luta contra inimigos específicos que estariam ameaçando o bem-comum.

É importante destacar que nesta dissertação não afirmamos que as teorias da conspiração elencadas teriam sido inventadas por Araújo, nem que os canais de comunicação em questão estariam replicando necessariamente o discurso do ex-ministro. Ademais, não tivemos a intenção de verificar se as teorias da conspiração utilizadas estariam falando sobre fatos verdadeiros ou falsos. Somente desejamos verificar se podem ser identificadas teorias da conspiração no discurso que justificou ações de política externa tomadas durante a gestão do ministro à frente do Itamaraty e se essas teorias da conspiração estariam presentes também em canais de notícia que se posicionam como apoiadores da gestão Bolsonaro, da qual Araújo fez parte.

Um aspecto essencial sobre as discussões que versam sobre o governo Bolsonaro é o entendimento do contexto de crise política em que o candidato foi eleito. Bolsonaro se utilizou do sentimento de medo presente na população, posicionando-se como o candidato responsável por “salvá-la”. Desse modo, as teorias da conspiração foram essenciais para apontar quem seriam os

inimigos da população, quais processos estariam a colocando em risco e principalmente quem seriam os salvadores – Bolsonaro, seus ministros e os políticos conservadores. O discurso que justificou as ações de política externa tomadas na gestão de Araújo também foi construído nesses termos. Em seu discurso, o “globalismo” seria o representante da maior ameaça à população, sendo dividido em diferentes vertentes, principalmente representadas pela ideologia de gênero, o climatismo, a *oikophobia* e o medicamento correto. Destacou, também, o papel da “mídia tradicional” como colaboradora do globalismo.

A significação mitológica do discurso de Araújo, ou seja, a tentativa de “exposição” de um plano maléfico arquitetado por inimigos que conspiram contra o bem comum, dividindo o mundo entre “bons” e “ruins”, é descrita na caracterização do que seria o globalismo. Para o ministro, esse seria um processo de dominação ideológica, feito pelo marxismo cultural, que buscaria a destruição da humanidade. Aqueles que lutam contra esse processo representariam o bem, enquanto os que seriam favoráveis a esse processo representariam o mal. Esse inimigo é identificado em diferentes atores, como o presidente Lula da Silva; o Partido dos Trabalhadores; Fernando Haddad; o Foro de São Paulo; o comunismo e o socialismo. Em resumo, o inimigo representante do globalismo pode ser entendido como a esquerda no geral. Ademais, percebemos que a significação descritiva, ou seja, os argumentos de causa, efeito e cronologia ligando diferentes eventos a um mesmo mal comum, estão presentes principalmente na construção das diferentes vertentes representantes do globalismo citadas anteriormente.

Como dito, o apontamento de que as justificativas para ações de política externa tomadas durante a gestão Araújo foram construídas com base em uma teoria da conspiração é importante pelas possíveis consequências do uso político de teorias da conspiração. Apontar possíveis inimigos, além de tentar “expor” um suposto plano que objetiva a destruição da população, contribui para a energização e radicalização de seus apoiadores. Afinal, esses acreditam estar lutando a favor do bem-comum, de forma a salvar a população desses inimigos, quando apoiam aqueles que se posicionam como salvadores (nesse caso, Bolsonaro e Araújo).

Além de compreender a construção do discurso do ex-ministro, buscamos também apontar se a mesma teoria da conspiração, sobre a existência do globalismo, estaria presente em canais de comunicação que se posicionam como apoiadores do presidente Bolsonaro. Seleccionamos, então, quatro canais de comunicação que veiculavam suas notícias de forma digital e que se posicionaram

como apoiadores do presidente Bolsonaro: Gazeta do Povo, Jornal da Cidade Online, Brasil Sem Medo e Mídia Sem Máscara. Consideramos que os jornais Gazeta do Povo e Jornal da Cidade Online (55,2 e 27,69 milhões, respectivamente, no momento da pesquisa em novembro de 2022) (SIMILAR WEB, 2022) possuem maior disseminação entre a população, por terem maior número de acessos mensais. Os jornais Mídia Sem Máscara e Brasil Sem Medo, apesar de terem menos acessos mensais (538 mil e 2,65 milhões, respectivamente, no momento da pesquisa em novembro de 2022) (SIMILAR WEB, 2022), foram considerados essenciais à análise por fazerem parte do “movimento Mídia Sem Máscara”, organizado por Olavo de Carvalho, guru do Bolsonarismo e supostamente uma das maiores influências na escolha de Ernesto Araújo para o cargo de ministro das Relações Exteriores.

Pela análise textual de 305 notícias publicadas nos jornais, concluímos que mais da metade das notícias analisadas (68,20%) possuíam em seu texto ou a construção de teorias da conspiração, ou o apontamento para uma teoria da conspiração já subentendida. Entendemos que a teoria da conspiração mais presente entre as notícias e editoriais analisados versa sobre a existência do globalismo, em termos similares aos difundidos pelo ex-ministro Araújo.

Argumentamos que o apontamento de que 68,2% das notícias analisadas nos referidos canais possuíam em seu texto algum tipo de teoria da conspiração é alarmante justamente porque tais teorias têm potencial para contribuir para a energização e radicalização da população. Esse processo gera o enfraquecimento da democracia brasileira, já que aponta que um lado do espectro político – a esquerda – seria extremamente corrupta e teria controle sobre todos os aspectos da sociedade, desejando, em última instância, a destruição de grande parcela da população. Justamente porque teorias da conspiração versam sobre questões não comprovadas, é urgente o combate ao seu uso no discurso político, pelas graves consequências à democracia e à vida da população aqui destacadas. Nesse trabalho, não seríamos capazes de analisar todas as possíveis consequências que esse tipo de discurso geraria, e, portanto, incentivamos o desenvolvimento de pesquisa sobre o tema no caso brasileiro.

Esperamos que os apontamentos aqui descritos possam contribuir para a pesquisa sobre narrativas de política externa, principalmente na temática de construção de lógica de significação. Ademais, as descobertas sobre o uso de teorias da conspiração como discurso político, tanto por um ministro das Relações Exteriores quanto em canais de comunicação de notícias, indicam a

necessidade de combate urgente a essa prática, seja quando feita por políticos de esquerda, de direita ou em canais de comunicação. Como visto, esse uso pode ser mais frequentemente encontrado no discurso de políticos populistas de extrema-direita, mas nenhum espectro político está imune ao uso político de teorias da conspiração. Ademais, é necessária a responsabilização de qualquer canal de comunicação que use teorias da conspiração em suas notícias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AISTROPE, Tim; BLEIKER, Roland. Conspiracy and foreign policy. *Security Dialogue*, jun. 2018.

AMATO, David A metapolítica do aborto. *Mídia Sem Máscara*. 18 set. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/a-metapolitica-do-aborto/>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

ANDRADE, Hanrikson. Bolsonaro diz que ‘fique em casa’ é para os ‘fracos’: ‘Conversinha mole’”. Uol, 18 de set. de 2020. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/18/bolsonaro-diz-quefique-em-casae-para-os-fracos-conversinha-mole.htm>. Acesso em 1 de agosto de 2021.

ALBERTO, Felype. Agressor de Bolsonaro tem doença mental e é inimputável, diz juiz. *GI*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/05/27/juiz-federal-diz-que-agressor-de-bolsonaro-tem-doenca-mental-e-e-inimputavel.ghtml>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

ARAÚJO, E. Mandato popular na política externa. *Gazeta do Povo*. 2018. <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/mandato-popular-na-politica-externa-dz03voyxuwbd3ds9rm0n696gh/>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

\_\_\_\_\_, E. Política externa: soberania, democracia e liberdade. Coletânea de discursos, artigos e entrevistas do ministro das relações exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília, 2020.

\_\_\_\_\_, E. Trump e o Ocidente. *Cadernos de política externa*. Ano III número 6, segundo semestre 2017.

\_\_\_\_\_, Ernesto. A Nova Política Externa Brasileira. Seleção de Discursos, Artigos e Entrevistas Do Ministro Das Relações Exteriores. Brasília: FUNAG. 2019.

\_\_\_\_\_, Ernesto. Discurso de posse. 2 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://antigo.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado/317-discurso-de-posse-ernesto-araujo>. Acesso em 5 de setembro de 2021.

\_\_\_\_\_, Ernesto. Política externa: soberania, democracia e liberdade – coletânea de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores. Brasília: FUNAG. 2020.

\_\_\_\_\_, Ernesto. Trump e o Ocidente. *Cadernos de Política Exterior*, ano III, número 6, 2017.

AVRITZER, L. Os dilemas do outsider da direita brasileira na Presidência. *Nexo Jornal*. 13 de jun. de 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2019/Os-dilemas-do-outsider-da-direita-brasileira-na-Presid%C3%Aancia>. Acesso em 4 de fevereiro de 2022.

AYUSO, Silvia. Macron acusa Bolsonaro de ter “mentido” sobre o clima e se opõe ao acordo com o Mercosul. *El País*. 23 ago. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/23/internacional/1566554931\\_522227.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/23/internacional/1566554931_522227.html). Acesso em 1 de março de 2022.

BANGERTER, Adrian. WAGNER-EGGER, Pascal.; DELOUVÉE, Sylvain. How Conspiracy theories spread. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*. 2020.

BARJA, L. A face obscura da política: governo e eleições no Mídia Sem Máscara. *Revista de Arte, Mídia e Política*. 2009.

BERGMANN, Eirikur. *Conspiracy and populism: the politics of misinformation*, London: 2018. Palgrave.

\_\_\_\_\_, Eirikur.; BUTTER, Michael. Conspiracy theory and populism. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*. 2020.

BIRCHALL, Clare. Knowledge goes pop: from conspiracy theory to gossip, New York: Berg. 2006

BLANCO, Fabio. A natureza espiritual maligna do marxismo. *Mídia Sem Máscara*. 16 mar. 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/a-natureza-espiritual-maligna-do-marxismo/>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

BLANUSA, Nebojsa. HRISTOV, Todor. Psychoanalysis, critical theory and conspiracy theory. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*, 2020.

BOBATO, Elis. Contra a agenda anticristã da esquerda, nem um Pio. *Mídia Sem Máscara*. 18 abr. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/contra-a-agenda-anticrista-da-esquerda-nem-um-pio/>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

BOLSONARO, Jair (@jairbolsonaro). “Naturalmente, regimes que violam as liberdades de seus povos e atuam abertamente contra o futuro governo do Brasil por afinidade ideológica com o grupo derrotado nas eleições, não estarão na posse presidencial em 2019. Defendemos e respeitamos verdadeiramente a democracia”. Twitter, 16 dez. de 2018, 8:02 PM. <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1074424516850434048>. Acesso em 1 de março de 2021.

BRASIL SEM MEDO. Nossas convicções. 2022. <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/nossas-conviccoes/>. Acesso em 1 de março de 2022.

BRASIL. Discurso do presidente da República na 75 Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. Governo do Brasil, 22 set. 2020. <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-dopresidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-75a-assembleia-geral-daorganizacao-das-nacoes-unidas-onu>. Acesso em 4 de outubro de 2021.

BRAUN, Julia. “Bolsonaro indica apoio a intervenção militar dos EUA na Venezuela”. *Veja*, 30 jul. 2020. <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-indica-apoio-aintervencao-militar-dos-eua-na-venezuela/>. Acesso em 4 de outubro de 2021.

BRIGUET, Paulo. Aborto, a Solução final. *Brasil Sem Medo*. 20 ago. 2020a. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/aborto-a-solucao-final/>. Acesso em 5 de outubro de 2022.

\_\_\_\_\_, Paulo. Socialismo e comunismo para crianças. *Brasil Sem Medo*. 5 out. 2020b. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/socialismo-e-comunismo-para-criancas/>. Acesso em 5 de outubro de 2022.

CALGARO, Fernanda. Bolsonaro repete que não estupra deputada porque ela ‘não merece’. *GI*. 9 dez. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-repete-que-nao-estupra-deputada-porque-ela-nao-merece.html>. Acesso em 6 de dezembro de 2021.



CÂMARA DOS DEPUTADOS. Jair Bolsonaro – Biografia. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em 6 de dezembro de 2021.

\_\_\_\_\_, Maia critica visita de secretário de Estado norte-americano à fronteira brasileira com a Venezuela. 18 set. 2020. [camara.leg.br/noticias/693930-maia-criticavisita-de-secretario-de-estado-norte-americano-a-fronteira-brasileira-com-a-venezuela/](https://camara.leg.br/noticias/693930-maia-criticavisita-de-secretario-de-estado-norte-americano-a-fronteira-brasileira-com-a-venezuela/). Acesso em 6 de dezembro de 2021.

CARVALHO, Edivaldo de. O que está por trás da proposta de deputado do PT, que tramita na Câmara, para acabar com o papel moeda. *Jornal da Cidade Online*. 30 ago. 2020. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/22718/o-que-esta-por-tras-da-proposta-de-deputado-do-pt-que-tramita-na-camara-para-acabar-com-o-papel-moeda>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

CARVALHO, Olavo. A nova função da mídia. 2021. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/a-nova-funcao-da-midia/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

\_\_\_\_\_, Olavo. Olavo de Carvalho: duas notas sobre a ideologia de gênero e um alerta. *Mídia Sem Máscara*. 6 nov. 2020a. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/olavo-de-carvalho-duas-notas-sobre-a-ideologia-de-genero-e-um-alerta/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

\_\_\_\_\_, Olavo. Olavo: o “fact-checking” e a diretriz de Lênin seguida pelos jornalistas. *Mídia Sem Máscara*. 17 set. 2020b. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/olavo-o-fact-checking-e-a-diretriz-de-lenin-seguida-pelos-jornalistas/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

\_\_\_\_\_, Olavo. Sobre o comunismo: 15 aforismos de Olavo de Carvalho. *Mídia Sem Máscara*. 11 set. 2020c. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/sobre-o-comunismo-15-aforismos-de-olavo-de-carvalho/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

CASARÕES, G. FARIAS, D. Brazilian Foreign policy under Jair Bolsonaro: far-right populism and the rejection of the liberal international order. In: *Cambridge Review of International Affairs*. 2021.

\_\_\_\_\_, Guilherme. FLEMES, DANIEL. Brazil First, Climate Last: Bolsonaro’s Foreign Policy». *GIGA Focus Latin America*, n. 5: 14. 2019.

\_\_\_\_\_, Guilherme; BARBOSA, Ricardo. Statecraft under God: radical right populism meets Christian Nationalism in Bolsonaro’s Brazil. *Millennium*. 2022.

CASTANHO SILVA, Bruno., VEGETTI, Federico., LITTVAY, Levente. The elite is up to something: exploring the relation between populism and belief in conspiracy theories, *Swiss Political Science Review*, 2017.

CASTRO, Fernando de. CNBB inclui ideologia de gênero e LGBT na Campanha da Fraternidade. *Brasil Sem Medo*. 3 fev. 2021. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/cnbb-inclui-ideologia-de-genero-e-lgbt-na-campanha-da-fraternidade/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

CASTRO, Gabriel de Arruda. Pressa e pressão para mudança de sexo: 4 relatos sobre ideologia de gênero. *Gazeta do Povo*. 13 dez. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mudanca-de-sexo-4-relatos-sobre-ideologia-de-genero/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

- CASTRO, Patrícia. Covid-19: conheça alguns truques da grande mídia para te fazer de cobaia. *Mídia Sem Máscara*. 8 nov. 2021. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-truques-midia/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.
- CAVASSANA, F.; SINDERSKI, R. Cobertura jornalística eleitoral em redes sociais on-line. As eleições de 2018 nas páginas de portais paranaenses. *Agenda política*, As eleições de 2018 e a democracia brasileira, v.7 n.2, 2019.
- CERVO, A.; BUENO, C. História da política exterior do Brasil. 4ed. Editora UnB: Brasília, 2013.
- CHADE, Jamil. “EUA acionam Brasil para implementar agenda ultraconservadora na ONU.” Uol, 12 de out. de 2019. <https://jamilchade.blogosfera.uol.com.br/2019/10/12/eua-acionam-brasil-paraimplementar-agenda-ultraconservadora-na-onu/>. Acesso em 19 de março de 2021.
- CHAGAS-BASTOS, F. Political realignment in Brazil: Jair Bolsonaro and the Right turn. *In: Revista Estudos Sociais*, p. 69: 92-100. 2019.
- \_\_\_\_\_,; FRANZONI, M. The dumb giant: Brazilian foreign policy under Jair Bolsonaro. *E-International Relations*. 2019. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2019/10/16/the-dumb-giant-brazilian-foreign-policy-under-jair-bolsonaro/>. Acesso em 5 de março de 2022.
- CHRISTIAN, H. Após pressão do Senado, Ernesto Araújo deixa o Ministério das Relações Exteriores. *Rádio Senado*. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/03/29/apos-pressao-do-senado-ernesto-araujo-deixa-o-ministerio-das-relacoes-exteriores>. Acesso em 5 de janeiro de 2023.
- CHRYSSOGELOS, Angelos. Populism in Foreign Policy. *Oxford Research Encyclopedia of Politics*, 1–18, 2017.
- CNN. Carlos Alberto França: saiba quem é o novo ministro das Relações Exteriores. 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/carlos-alberto-franca-saiba-quem-e-o-novo-ministro-das-relacoes-exteriores/>. Acesso em 13 de abril de 2022. Acesso em 10 de novembro de 2021.
- CONJUR BRASIL. TJ mantém condenação a jornal que acusou desembargador sem provas. 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-fev-25/tj-mantem-condenacao-jornal-acusou-desembargador-provas>. Acesso em 10 de novembro de 2021.
- CONSTANTINO, Rodrigo. Guerra cultural é parte do resgate da educação. *Gazeta do Povo*. 2 jan. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/guerra-cultural-e-parte-do-resgate-da-educacao/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.
- COSTA, Alexandre. A nova era do totalitarismo. *Brasil Sem Medo*. 9 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasilsemmedo.com/a-nova-era-do-totalitarismo/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.
- COX, Archibald. Watergate and the U.S. Constitution. *British Journal of Law and Society* 2, no. 1. 1975.
- CRUZ, N. Neofascismo e conspiracionismo brasileiro. O mídia sem máscara e o “eixo do mal”. *RHC*. V.13, N.2. 2019.

CRUZ, Paulo. Lugar de fala, ou – de novo: mais materialismo marxista. *Gazeta do Povo*. 26 jun. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/lugar-de-fala-a-invencao-academica-de-uma-militante-brasileira/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

CRUZ, Pe. Luiz Carlos. Perigosas credices sobre o aborto. *Mídia Sem Máscara*. 17 abr. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/perigosas-credices-sobre-o-aborto/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

DA SILVA, E. F. Os direitos humanos no “bolsonarismo”: Conhecer: debate entre o público e o privado, v. 9, n. 22, p. 133–153, 2019

DECHEV, T. Conspiracy Theories, Power and Truth. 2019.

DEMURU, Paolo. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. *Estudos semióticos*. Vol 17, n. 2. Ago. 2021. Issn 1980-4016.

DEROSA, Cristian. ‘Teologia feminista’ já faz parte da estrutura da Igreja Católica no Brasil. *Mídia Sem Máscara*. 17 abr. 2020a. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/teologia-feminista-ja-faz-parte-da-estrutura-da-igreja-catolica-no-brasil/>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Cristian. Agenda 2030: uma doença que se espalha em silêncio. *Brasil Sem Medo*. 13 ago. 2020b. Disponível em: <https://www.brasilsemmedo.com/agenda-2030-uma-doenca-que-se-espalha-em-silencio/>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Cristian. Como a cobertura dos protestos de Cuba expõe a guerra de narrativas. *Brasil Sem Medo*, 13 jul. 2021. Disponível em: <https://www.brasilsemmedo.com/como-a-cobertura-dos-protestos-de-cuba-expoe-a-guerra-de-narrativas/>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Cristian. Soros e Zuckerberg: o que está por trás do embate midiático. *Brasil Sem Medo*. 1 fev. 2020c. Disponível em: <https://www.brasilsemmedo.com/soros-e-zuckerberg-o-que-esta-por-tras-do-embate-midiatico/>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

DEUSTCHE WELLE. Bolsonaro nomeia Ernesto Araújo como chanceler. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-nomeia-ernesto-ara%C3%BAjo-como-chanceler/a-46299844>. Acesso em 3 de fevereiro de 2023. Acesso em 3 de maio de 2022.

\_\_\_\_\_, Em carta, diplomatas pedem saída de Ernesto Araújo. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/em-carta-diplomatas-pedem-sa%C3%ADa-de-ernesto-ara%C3%BAjo/a-57032691>. Acesso em 3 de fevereiro de 2023.

DIEGUEZ, Consuelo. “O Chanceler do regresso”. Piauí. Abril, 2019. <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-chanceler-do-regresso/>. Acesso em 1 de janeiro de 2023.

DIMENSTEIN, Gilberto. Bolsonaro insinua que a esquerda cometeu atentado e pressiona PF. *Catraca Livre*. 10 fev. 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/dimenstein/bolsonaro-insinua-que-a-esquerda-cometeu-atentado-e-pressiona-pf/>. Acesso em 19 fev. 2023.

DOUGLAS, K.M., SUTTON, R.M. Climate change: why the conspiracy theories are dangerous, *Bulletin of the Atomic Scientists*. 2015.

DUCHIADE, André. “Ex-chanceleres e ministros de toda Nova República préBolsonaro se reúnem para atacar ‘diplomacia da vergonha’.” *O Globo*. 28 abr. 2020. <https://oglobo.globo.com/mundo/ex-chanceleres-ministros-de-toda-nova-republica-prebolsonaro-se-reunem-para-atacar-diplomacia-da-vergonha-24400021>. Acesso em 2 de setembro de 2021.

DUFAUR, Luis. China: perseguição anticristã piora com crise do Covid-19 e invasão de Hong Kong. *Mídia Sem Máscara*. 15 out. 2020b. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/china-perseguiçao-anticrista-piora-com-crise-do-covid-19-e-invasao-de-hong-kong/>. Acesso em 2 de setembro de 2021.

\_\_\_\_\_, Luis. Imbecilidades do ecofascismo: “salvem o clima, não tenham filhos, erradiquem a humanidade!”. *Mídia Sem Máscara*. 2 abr. 2020a. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/imbecilidades-do-ecofascimo-salvem-o-clima-nao-tenham-filhos-erradiquem-a-humanidade/>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

ECO, Umberto. *The Role of the Reader: Explorations in the Semiotics of Texts*. Advances in Semiotics. Bloomington: Indiana University Press. 1979.

EDITORIA MSM. Mais uma do Judiciário brasileiro: conluio com Facebook e Twitter é denunciado em carta à Câmara dos EUA. *Mídia Sem Máscara*. 6 ago. 2020a. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/mais-uma-do-judiciario-brasileiro-conluio-com-facebook-e-twitter-e-denunciado-em-carta-a-camara-dos-eua/>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

ELLIS, Curtis. Por que Washington-DC odeia Donald Trump. *Mídia Sem Máscara*. 28 ago. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/por-que-washington-dc-odeia-donald-trump/>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

ERDMANN, J. Technological and semiotic code structures of conspiracist thinking online: PI news from a media-related point of view, Lexia, 2016.

ESTADÃO. “Governo Bolsonaro deixou 53 e-mails da Pfizer sem resposta, diz Randolfe”. *IstoÉ*, 5 jun. 2021. <https://istoe.com.br/governo-bolsonaro-deixou-53-emails-da-pfizer-sem-resposta-diz-randolfe/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

FERRAZ, Carlos Adriano. “Fim dos tempos” e guerra contra cristãos: a esquerda instigando a destruição de imagens de Jesus Cristo. *Jornal da Cidade Online*. 24 jun. 2020a. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/21363/fim-dos-tempos-e-guerra-contra-cristaos-a-esquerda-instigando-a-destruicao-de-imagens-de-jesus-cristo>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Carlos Adriano. Lula é apenas uma distração: o verdadeiro profeta do “evangelho de Soros” está ascendendo desde o RS. *Jornal da Cidade Online*. 9 mar. 2021. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/27696/lula-e-apenas-uma-distraçao-o-verdadeiro-profeta-do-evangelho-de-soros-esta-ascendendo-desde-o-rs>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Carlos Adriano. Medidas de redução populacional: um holocausto a olhos vistos. *Jornal da Cidade Online*. 15 jul. 2020b. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/21773/medidas-de-reducao-populacional-um-holocausto-a-olhos-vistos>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

FIAMENGHI, Felipe. Jorge Bergoglio não é o primeiro a ocupar o Trono de Pedro. Nem será o último... *Jornal da Cidade Online*. 18 fev. 2020a. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/18872/jorge-bergoglio-nao-e-o-primeiro-impostor-a-ocupar-o-trono-de-pedro-nem-sera-o-ultimo>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Felipe. Com maus professores, os estabelecimentos de ensino transformam-se em meras fábricas de militantes. *Jornal da Cidade Online*. 17 set. 2020b. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/16413/com-maus-professores-os-estabelecimentos-de-ensino-transformam-se-em-meras-fabricas-de-militantes>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Novo chanceler, Ernesto Araújo foi indicado por Olavo de Carvalho*. 14 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/novo-chanceler-ernesto-araujo-foi-indicado-por-olavo-de-carvalho.shtml>. Acesso em 14 nov. 2022. Acesso em 1 de março de 2022.

FREITAS, H. Justiça condena ‘Jornal da Cidade’ a indenizar presidente da OAB em R\$ 150 mil. *JOTA*. 2020. Disponível em: <https://www.jota.info/justica/justica-condena-jornal-da-cidade-a-indenizar-presidente-da-oab-em-r-150-mil-07052020>. Acesso em 1 de março de 2022.

FUKS, M.; RIBEIRO, E.; BORBA, J. From antipetismo to generalized antipartisanship: the impact of rejection of political parties in the 2018 vote for Bolsonaro. *Brazilian Political Science Review*. ed. 15. 2020.

G1. Bolsonaro reconhece Juan Guaidó como presidente da Venezuela. Jan 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/23/brasil-diz-que-reconhece-juan-guaido-como-presidente-da-venezuela.ghtml>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

G1. Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

GAIER, Rodrigo. Bolsonaro diz que pode retirar Brasil do Acordo de Clima de Paris se for eleito. *UOL Eleições*. 2018, 3 set. 2018. <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/reuters/201>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

GAZETA DO POVO. Ernesto Araújo classifica como barbárie a legalização do aborto na Argentina. *Gazeta do Povo*. 30 dez. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/ernesto-araujo-classifica-como-barbarie-a-legalizacao-do-aborto-na-argentina/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Post em 22 de novembro de 2018. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/gazetadopovo/posts/10158832454144572/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Sobre. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/sobre/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

GIRY, Julien. Le conspirationnisme dans la culture politique et populaire aux Etats-Unis. Une approche sociopolitique des théories du complot, unpublished thesis, University of Rennes 1. 2014.

\_\_\_\_\_, Julien; TIKA, Pranvera. Conspiracy Theories in Political Science and Political Theory. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*, 2020.

GONÇALVES, Fábio. Boatos.org mente para acusar BSM de fake news. *Brasil Sem Medo*. 11 ago. 2020a. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/boatosorg-mente-para-acusar-bsm-de-fake-news/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Fábio. O que muda com a nova portaria sobre o aborto publicada pelo governo. *Brasil Sem Medo*. 24 set. 2020b. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/o-que-muda-com-a-nova-portaria-sobre-o-aborto-publicada-pelo-governo/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

GONZAGA, Julio. Pandemia de fraudes: comitê científico acusa OMS por crimes contra a humanidade. *Mídia Sem Máscara*. 31 out. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/pandemia-de-fraudes-comite-cientifico-acusa-oms-por-crimes-contra-a-humanidade/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

GORDON, Flavio. A aliança (nada sagrada) para a Proteção do Clima: Al Gore, o barão do carbono. *Gazeta do Povo*. 23 out. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/flavio-gordon/a-alianca-nada-sagrada-para-a-protecao-do-clima-al-gore-o-barao-do-carbono/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

GORDON, Flavio. Globalismo e comunismo (parte 3). *Gazeta do povo*. 4 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/flavio-gordon/globalismo-e-comunismo-parte-1/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

GORDON, Flavio. Metacapitalismo: por que, afinal, os bilionários financiam a esquerda? *Gazeta do Povo*. 6 jan. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/flavio-gordon/metacapitalismo-bilionarios-financiam-esquerda/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Flavio. O politicamente correto, esse desconhecido. *Gazeta do Povo*. 23 jan. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/flavio-gordon/o-politicamente-correto-esse-desconhecido/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

GUERRA, Rayanderson. “Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais”. O Globo. 20 de mai. De 2020. <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonarodefendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>. Acesso em 4 de dezembro de 2021.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá, MOREIRA, Davi C., DE MELLO, Anna Carolina R. Conspiracy Theories and Foreign Policy Narratives: globalismo in Jair Bolsonaro’s Foreign Policy. *Latin American Perspectives*. 1 fev. 2023.

\_\_\_\_\_, Feliciano de Sá. DUTRA, Irma. Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro’s ultra-conservatism and the new politics of alignment. *International Affairs*. New directions in foreign policy analysis. 2021. p. 345-363.

- GURGEL, Juliana. Rinoceronte: uma sociedade de paquidermes. *Brasil Sem Medo*. 30 nov. 2020. Disponível em: <https://www.brasilsemmedo.com/rinoceronte-uma-sociedade-de-paquidermes/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- HAUWAERT, S.V. Shared dualisms: on populism and conspiracy theory, Counterpoint. Available at: [counterpoint.uk.com/shared-dualisms-on-populism-and-conspiracy-theory/](https://counterpoint.uk.com/shared-dualisms-on-populism-and-conspiracy-theory/). 2012.
- HERTZOG, Vladimir. O fatal e inevitável processo de venezuelização da Argentina. *Jornal da Cidade Online*. 24 mar. 2021. Disponível em: <https://assinante.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/28109/o-fatal-e-inevitavel-processo-de-venezuelizacao-da-argentina>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- HERTZOG, Wagner. A legítima luta de Taiwan por independência contra a opressão do Partido Comunista Chinês. *Jornal da Cidade Online*. 31 ago. 2020. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/22745/a-legitima-luta-de-taiwan-por-independencia-contra-a-opressao-do-partido-comunista-chines>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- HIRST, M. MACIEL, T. A política externa do Brasil nos tempos do governo Bolsonaro. In: *Scielo Preprints*. 2022.
- HOFSTADTER, Richard. The paranoid style in American politics and other essays. New York: Vintage. 1967.
- HUNTER, W. POWER, T. Bolsonaro and Brazil's Illiberal backlash. *Journal of Democracy*. V. 30, number 1. 2019. Pp. 68-82.
- IBRAHIM, Raymond. Perseguição islâmica cristãos “inúteis” tratados como animais. *Mídia Sem Máscara*. 3 jul. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/perseguiçao-islamica-cristaos-inuteis-tratados-como-animais/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- JALES, Pedro. O que nos espera em 2021? *Jornal da Cidade Online*. 16 dez. 2020. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/25445/o-que-nos-espera-em-2021>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- JOLLEY, Daniel, MARI, Silvia, DOUGLAS, Karen. Consequences of conspiracy theories. Semiotic Approaches to conspiracy theories. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*, 2020.
- JORNAL DA CIDADE ONLINE. Revista A Verdade. 2021. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/26628/revista-a-verdade--missao-brasil>
- JÚNIOR, Carlos Alberto. Aborto foi, é, e sempre será assassinato. *Jornal da Cidade Online*. 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/20099/aborto-foi-e-sempre-sera-assassinato>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- JÚNIOR, James E. P. O legado de C.S. Lewis. *Gazeta do Povo*. 24 set. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/certas-palavras/politicamente-incorreto/>
- KNIGHT, Peter. Conspiracy Theories in American History. An Encyclopedia. December 2003, 925pp, vol. 2.
- KRESCH, Daniela. Bolsonaro diz a israelenses que irá transferir a embaixada para Jerusalem”. *Folha de São Paulo*, 1 ago. 2018. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/bolsonaro-diz->

a-israelenses-que-iratransferir-embaixada-para-jerusalem.shtml. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

KUSTER, B. O cristão pode votar em Lula? In: *Brasil Sem Medo*. 2022. <https://brasilsemmedo.com/bernardo-kuster-o-cristao-pode-votar-em-lula>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Bernardo. Aliado de Biden poderá ter alto cargo no Vaticano. *Brasil Sem Medo*. 15 fev. 2021. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/aliado-de-biden-podera-ter-alto-cargo-no-vaticano/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Bernardo. CORONAVÍRUS: PANDEMIA OU HISTERIA? *Brasil Sem Medo*. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.brasilsemmedo.com/coronavirus-pandemia-ou-histeria/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

LEE, Benjamin. Radicalisation and conspiracy theories. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*, 2020.

LEONE, Massimo. 'Preface', in 'Complotto/Conspiracy', Lexia, 2016.

\_\_\_\_\_, Massimo., MADISSON, Mari-Liis., VENTSEL, Andreas. Semiotic Approaches to conspiracy theories. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*, 2020.

LIMA, M. R.; ALBUQUERQUE, M. O estilo Bolsonaro de Governar e a Política Externa. In: *Boletim OPSA*. ISSN 1809-8827. N.1. Jan/mar 2019.

LOIOLA, Alessandro. A verdade sobre os números da COVID-19. *Brasil Sem Medo*. 6 abr. 2020. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/a-verdade-sobre-os-numeros-da-covid-19/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

LOPES, D.; CARVALHO, T.; SANTOS, V. Did the far right breed a new variety of foreign policy? *Global Studies Quarterly*, 2022, pp. 1-14.

LOTMAN, Juri. Universe of the Mind: A semiotic theory of culture. 2001.

\_\_\_\_\_, Juri. Witch-hunt: semiotics of fear, *Sign Systems Studies*. 1998.

\_\_\_\_\_, Yuri. Fear and disorder. 2007.

\_\_\_\_\_, Yuri. On the semiosphere. 1999.

LOUREIRO, Felipe. Conspiracy Theory, Foreign Policy, and Bolsonaro's Brazil. *Contexto Internacional*. 2023.

\_\_\_\_\_, Felipe. Playing with fire? Entrepreneurs and the foreign policy of Jair Bolsonaro's Brazil, 2019-2021. *Latin American Policy*. 2022, p. 498-518.

MADISSON, Mari-Liis. The Semiotic construction of identities in hypermedia environments: the analysis of online communication of the Estonian extreme right, Tartu: Tartu University Press. 2016.

\_\_\_\_\_, Mari-Liis. The semiotic logic of signification of conspiracy theories. *Semiotica: Journal of the International Association for Semiotic Studies*, 202. 2014.



\_\_\_\_\_, Mari-Liis., VENTSEL, Andreas. Strategic Conspiracy Narratives: a semiotic approach. 2021.

MANZUI, Guilherme, MATOSO, Filipe, FOREQUE, Flávia. Bolsonaro anuncia diplomata Ernesto Araújo como Ministro das Relações Exteriores. *GI*. 14 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/14/bolsonaro-anuncia-ernesto-araujo-como-ministro-das-relacoes-exteriores.ghtml>. Acesso em 30 de janeiro de 2023.

MARANHÃO FILHO, E. M. DE A.; COELHO, F. M. F.; DIAS, T. B. “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. *Correlatio*, v. 17, n. 2, p. 65, 2019

MARI, S., VOLPATO, C., PAPASTAMOU, S., CHRYSOCHOOU, X., PRODROMITIS, G. AND PAVLOPOULOS, V. How political orientation and vulnerability shape representations of the economic crisis in Greece and Italy, *International Review of Social Psychology*. 2017.

MARÍAS, Julian. Uma visão antropológica do aborto. *Mídia Sem Máscara*. 18 set. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/uma-visao-antropologica-do-aborto/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

MARLON, Derosa. A Coca-Cola e a ideologia de gênero: quem está por trás da campanha sórdida? *Mídia Sem Máscara*. 17 abr. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/a-coca-cola-e-a-ideologia-de-genero-quem-esta-por-tras-da-campanha-sordida/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

MAZUI, Guilherme. “Bolsonaro diz que ONGs podem estar por trás de queimadas na Amazônia para ‘chamar atenção’ contra o governo.” 21 de ago. de 2019. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/21/bolsonaro-diz-que-ongs-podem-estarpor-tras-de-queimadas-na-amazonia-para-chamar-atencao-contra-o-governo.ghtml>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

MEIRA, Eduardo. Nesta guerra, a China já é vitoriosa. *Brasil Sem Medo*. 16 nov. 2020. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/nesta-guerra-a-china-ja-e-vitoriosa/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

MELLEY, T. Conspiracy in American narrative. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*, 2020.

MÍDIA SEM MÁSCARA. A China no Walmart. *Mídia Sem Máscara*. 21 set. 2020. Disponível em: [https://midiasemmascara.net/china\\_no\\_walmart/](https://midiasemmascara.net/china_no_walmart/). Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Contra o mito da invencibilidade das elites globais. *Mídia Sem Máscara*. 7 jul 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/contra-o-mito-da-invencibilidade-das-elites-globais/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Quem Somos. 2022. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/quem-somos/>. Acesso em 3 de setembro de 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Entenda o caso. 2022. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em 12 de Janeiro de 2021.

- MISKIMMON, Alister, O'LOUGHLIN, Ben, ROSELLE, Laura. *Strategic Narratives: Communication Power and the New World Order*. 2013.
- MOFFITT, B. *The Global Rise of Populism. Performance, Political Style, and Representation*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2016.
- MONTE, Marcelo Sá. Uma ameaça real e imediata. *Mídia Sem Máscara*. 3 dez. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/uma-ameaca-real-e-imediate/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- MOURA, M.; CORBELLINI, J. *A eleição disruptiva: Por que Bolsonaro venceu*. Rio de Janeiro: Record. 2019.
- MUDDE, Cas (ed). *The Populist Radical Right. A reader*. London and New York: Routledge, 2017.
- \_\_\_\_\_, Cas., KALTWASSER, Cristóbal. *Populism: a very short introduction*, New York: Oxford University Press. 2017.
- MULLER, J. *What is populism?* Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2016.
- MURAKAWA, Fabio. Bolsonaro chama isolamento social contra covid de 'conversinha mole de ficar em casa'. Valor, Brasília, 18 de set. de 2021. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/09/18/bolsonaro-chama-isolamento-socialcontra-covid-de-conversinha-mole-de-ficar-em-casa.ghtml>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- NAÇÕES UNIDAS. "Comissão sobre o Estatuto da Mulher debate a participação na tomada de decisões e eliminação da violência de gênero". 2020. <https://unric.org/pt/comissao-sobre-o-estatuto-da-mulher-debate-a-participacao-na-tomada-de-decisoes-e-eliminacao-da-violencia-de-genero>. Acesso em 10 de fevereiro de 2022.
- NETO, Hélio. Uma típica mentira abortista. *Mídia Sem Máscara*. 3 abr. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/uma-tipica-mentira-abortista/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- NETTO, Rianne. "Bolsonaro diz que vai tirar Brasil da ONU se for eleito presidente." *GI*, 18 de set. de 2018. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/18/bolsonaro-diz-que-vaitirar-brasil-da-onu-se-for-eleito-presidente.ght>. Acesso em 5 de março de 2023.
- NORRIS, P. INGLEHART, R. *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge, England. Cambridge University Press. 2019.
- NYQUIST, Jeffrey. O verde é o novo vermelho. *Mídia Sem Máscara*. 10 abr. 2020a. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/o-verde-e-o-novo-vermelho/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- \_\_\_\_\_, Jeffrey. Voz da Rússia 2: reconhecendo o engano. *Mídia Sem Máscara*. 21 set. 2020b. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/voz-da-russia-1-um-alerta-de-marina-kalashnikova/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- OLIVEIRA, Sérgio. "Dois Papas" teria sido um novo manifesto comunista? *Jornal da Cidade Online*. 6 jan. 2020a. Disponível em:

<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/18101/doi-papas-teria-sido-um-novo-manifesto-comunista>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

OLIVEIRA, Sérgio. A guerra ideológica, política, econômica e midiática da vacina. *Jornal da Cidade Online*. 20 dez. 2020a. Disponível em:

<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/25537/a-guerra-ideologica-politica-economica-e-midiatica-da-vacina>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

OLIVER, E.J., RAHN, W.M. 'Rise of the Trumpenvolk: populism in the 2016 election', *The ANNALS of the American academy of political and social science*, 2016

OSTIGUY, Pierre; PANIZZA, Francisco; MOFFITT, Benjamin. *Populism in Global Perspective. A Performative and Discursive Approach*. New York and London: Routledge, 2021.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. Gleisi Hoffmann vence mais um processo contra fake news. 2019. Disponível em: <https://pt.org.br/gleisi-hoffmann-vence-mais-um-processo-contra-fake-news/>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

PATSCHIKI, L. Os litores da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação de mestrado publicada em 2012.

PELINKA, A. Identity politics, populism and the far right. In: Ruth Wodak and Bernhard Forchtner (Eds). *The Routledge Handbook of Language and Politics*. London: Routledge. 2018.

PENNA-FIRME, Rodrigo. Globalismo e soberania ambiental. *Gazeta do Povo*. 26 out. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/globalismo-e-soberania-ambiental/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

PINTO, E. et. al. A guerra de todos contra todos e a lava jato: a crise brasileira e a vitória do capitão Jair Bolsonaro. *Revista da sociedade brasileira de economia política*. 2019.

PIPES, Daniel. A exclusão das plataformas digitais das plataformas digitais e o próximo passo da esquerda. *Mídia Sem Máscara*. 16 jul. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/a-exclusao-das-plataformas-digitais-e-o-proximo-passo-da-esquerda/>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

PODER 360. Futuro chanceler fez campanha para Bolsonaro. 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/futuro-chanceler-fez-campanha-para-bolsonaro/>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

POLIMÉDIO, C. How evangelical conservatives are gaining power in Brazil. *Foreign Affairs*. 2019. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/brazil/2019-03-07/how-evangelical-conservatives-are-gaining-power-brazil>. Acesso em 25 de junho de 2021.

PONTES, Ipojuca. Sobre populismo e Bolsonaro. *Mídia Sem Máscara*. 9 abril. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/sobre-populismo-e-bolsonaro/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

PRIESTER, Karin. *Rechter und linker Populismus: Annäherung an ein Chamäleon*, Frankfurt/Main: Campus. 2012.

PROOIJEN, Jan-Willem.; KLEIN, Oliver.; DORDEVIC, Jasna. Social-cognitive processes underlying belief in conspiracy theories. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*. 2020.

PUGGINA, Percival. Homofobia é o cavalo de troia da ideologia de gênero. *Jornal da Cidade Online*. 28 mai. 2019. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/14776/homofobia-e-o-cavalo-de-troia-da-ideologia-de-genero>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Percival. O execrável objetivo da mídia militante: derrubar o prédio para afastar o zelador. *Jornal da Cidade Online*. 9 mar. 2020. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/27629/o-execravel-objetivo-da-midia-militante-derrubar-o-predio-para-afastar-o-zelador>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

QUINTANILHA, Henrique. Trump vira pesquisas e se torna favorito nas eleições americanas. *Jornal da Cidade Online*. 2 set. 2020. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/22789/trump-a-virada-nas-pesquisas-e-o-favoritismo-crescente-nas-eleicoes-americanas--uma-analise-global>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

RAIKKA, Juha.; RITOLA, Juho. Philosophy and conspiracy theories. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*, 2020.

RAMALHETE, Carlos. Horrores Ideológicos. *Gazeta do Povo*. 26 set. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/carlos-ramalhete/ideologia-de-genero-horrores-ideologicos/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

REDAÇÃO BSM. MPF quer que SUS faça abortos com mais de 5 meses de gestação. *Brasil Sem Medo*. 3 out. 2020. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/mpf-quer-que-sus-faca-abortos-com-mais-de-5-meses-de-gestacao/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

REDAÇÃO RBA. Bolsonaro homenageia torturador em seu voto pelo impeachment. 2016. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/bolsonaro-homenageia-torturador-em-seu-voto-pelo-impeachment-2649/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

REDAÇÃO. Era só o que faltava: Globo inventa o “traficante evangélico”. *Jornal da Cidade Online*. 12 jan. 2021. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/26121/era-so-o-que-faltava-globo-inventa-o-traficante-evangelico>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

REDAÇÃO. Ernesto Araújo alerta: “pandemia pode ser usada para instaurar o comunismo global”. 22 abr. *Gazeta do Povo*. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/diogo-schelp/pandemia-pode-encerrar-ciclo-nacionalista-mundo/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

REDAÇÃO. Weintraub faz importante alerta sobre Felipe Neto e sofre ataque covarde do “imitador de focas”. *Jornal da Cidade Online*. 25 jan. 2021. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/26463/weintraub-faz-importante-alerta-sobre-felipe-neto-e-sofre-ataque-covarde-do-equotimitador-de-focasequot>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

REDE BRASIL ATUAL. Bolsonaro homenageia torturador em seu voto pelo impeachment. 18 abr. 2016. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/bolsonaro-homenageia-torturador-em-seu-voto-pelo-impeachment-2649/>. Acesso em 10 de março de 2022.

RIBEIRO, Braulia. Os donos do mundo contra as reformas na Índia. *Brasil Sem Medo*. 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.brasilsemmedo.com/os-donos-do-mundo-e-os-trouxas/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

RIBEIRO, Lucas. Dossiê expõe atuação de agentes cubanos na Colômbia. *Brasil Sem Medo*. 7 jan. 2021. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/dossie-expoe-atuacao-de-agentes-cubanos-na-colombia/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Lucas. O abismo da Argentina e o horizonte para o Brasil. *Brasil Sem Medo*. 1 mai. 2020. Disponível em: <https://www.brasilsemmedo.com/o-abismo-da-argentina-e-o-horizonte-para-o-brasil/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

RODRIGUES, Gilberto M.A; MONTILHA, Isabela. SABIÃO, Mirella. Política externa, coronavírus e a gravíssima ameaça aos direitos humanos no Brasil. Observatório de Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil. Disponível em: <https://opeb.org/2020/06/11/politica-externa-coronavirus-e-a-gravissima-ameaca-aos-direitos-humanos-no-brasil/>. Acesso em 10 de março de 2022.

SAAD, Amauri. “Um presidente da república está limitado pela ciência.” Mas que ciência? *Brasil Sem Medo*. 9 abr. 2020. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/um-presidente-da-republica-esta-limitado-pela-ciencia-mas-que-ciencia/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

SAKWA, R. "Conspiracy narratives as a mode of engagement in international politics: The case of the 2008 Russo-Georgian war". *Russian Review*, v. 71, n. 4, p. 581–609, 2012.

SALOMÓN, M. PINHEIRO, L. Análise de política externa e política externa brasileira: trajetória, desafios e possibilidades de um campo de estudos. *Revista Brasileira de Política Internacional*. 56. (1): pp. 40-59. 2013.

SANAHUJA, J. A., and BURIÁN, C. Las derechas neopatriotas en América Latina: contestación al orden liberal internacional. *Revista CIDOB d’Afers Internacionals*, 2020.

SANCHES, M. Demissão de Ernesto Araújo: fim de uma gestão sem precedentes na diplomacia brasileira. *BBC*. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56570801>. Acesso em 24 de março de 2022.

SANCHEZ, JMC. Porque apoio Jair Bolsonaro. *Jornal da Cidade Online*, 2022. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/43330/porque-apoio-jair-bolsonaro-ouca-o-podcast>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

\_\_\_\_\_, JMC. “A rebelião das formigas”: uma resistência “inesperada”. *Jornal da Cidade Online*. 14 fev. 2021. Disponível em: <https://jornaldacidadeonline.com.br/noticias/26997/equota-rebeliao-das-formigasequot-uma-resistencia-equotinesperadaequot>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

SARAIVA, M. ALBUQUERQUE, F. Como mudar uma política externa? *CEBRI-Revista*. 2021. Disponível em: <https://cebri-revista.emnuvens.com.br/revista/article/view/10/26>

\_\_\_\_\_, Miriam.; SILVA, Álvaro. Between Political Crisis and COVID-19: Bolsonaro's Foreign Policy. *E-International Relations*. 2020.

\_\_\_\_\_, Miriam; SILVA, Álvaro. V. C. Ideologia e pragmatismo na política externa de Jair Bolsonaro. *Relações Internacionais*, n. 64, p. 117–137, 2019.

SAULL, Richard; ANIEVAS, Alexander; DAVIDSON, Neil, FABRY, Adam (eds). *The Longue Durée of the Far-Right: An International Historical Sociology*. 2014.

SCHUTTE, Giorgio Romano. FONSECA, Bruno Castro D.; CARNEIRO, Gabriel Santos. Jogo de Dois Níveis voltado ao eleitorado: uma análise da política externa bolsonarista, *Conjuntura Global*, 8(2), 2019, 97-116.

SENADO. CPMI das Fake News. 2019. Disponível em: [https://legis.senado.leg.br/comissoes/reqsCPI?10&codcol=2292&aprc=false&prej\\_retir=false&usp=false](https://legis.senado.leg.br/comissoes/reqsCPI?10&codcol=2292&aprc=false&prej_retir=false&usp=false), requerimento número 388. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

\_\_\_\_\_, Senadores repudiam visita de Pompeo e esperam explicações de Araújo na quinta. 21 set. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/09/21/senadores-repudiam-fala-de-pompeo-e-esperam-explicacoes-de-araujo-na-quinta>. Acesso em: 3 de abril de 2022. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

SENRA, Ricardo. “Na Índia, Bolsonaro diz que, no Brasil, imigrantes têm ‘mais direito que nós’.” *BBC News Brasil*, 25 de jan. de 2020. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51250357>. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

SESTEM, Gabriel. O que pedem as leis municipais sobre ideologia de gênero que esperam uma aprovação do STF. *Gazeta do Povo*. 1 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-que-pedem-as-leis-municipais-sobre-ideologia-de-genero-que-esperam-uma-aprovacao-do-stf/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

SETZLER, M. Did Brazilians vote for Jair Bolsonaro because they share his most controversial views? *Brazilian Political Science Review*. 2021.

Similar Web. 2022. Disponível em: <https://similarweb.com/>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

SIQUEIRA, A. Lula não consegue parar de mentir: a vergonha das eleições! *Jornal da Cidade Online*, 2022. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/43083/lula-nao-consegue-parar-de-mentir-a-vergonha-das-eleicoes>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

SOARES, Jussara. “Bolsonaro quer criar campos de refugiados para venezuelanos.” *O Globo*. 24 de ago. de 2018. <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-quer-criarcampos-de-refugiados-para-venezuelanos-23009362>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

SPEKTOR, Matias. Diplomacia da ruptura. *In: democracia em risco?* Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_, Matias. ‘Diplomacia da ruptura’. Em: Sérgio Abranches et al., *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STANO, Simona. 'From hypochondria to hyperchondria: health communication in the web era', Lexia, 2016.

STROUD, Natalie. Niche News: the politics of news choice. New York: Oxford University Press, 2011.

TAVARES, C. A crise do modelo tradicional do jornalismo: reconfigurações da prática profissional na redação da Gazeta do Povo. Tese de doutorado publicada em 2019.

THALMANN, Katharina. The stigmatization of Conspiracy theory since the 1950s. 2019.

THE INTERCEPT BRAZIL. Gazeta do povo: a guinada a direita de Bolsonaro. 2018. <https://theintercept.com/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

THIBAULT, Mattia. 'Trolls, hackers, anons: conspiracy theories in the peripheries of the web', Lexia, 2016.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. TSE indefere pedido de registro de candidatura de Lula à Presidência da República. 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Setembro/tse-indefere-pedido-de-registro-de-candidatura-de-lula-a-presidencia-da-republica>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

TROYANO, S. Jair Bolsonaro: entre el repliegue reaccionario y el populismo de extrema derecha. Revista Sociedad. N 40. 2020.

USCINSKI, Joseph, PARENT, Joseph. American Conspiracy Theories, Oxford: Oxford University Press. 2014.

\_\_\_\_\_, Joseph. Conspiracy Theories: a primer. Rowman & Littlefield: Maryland. 2020.

VERBEEK, Bertjan; ZASLOVE, Andrej. The impact of populist radical right parties on foreign policy: The Northern League as a junior coalition partner in the Berlusconi Governments. European Political Science Review, v. 7, n. 4, p. 525–546, 2015.

WEAVER, Corinne. Censura nas redes sociais: da “Gestapo da Big Tech” nem Trump escapou. *Mídia Sem Máscara*. 6 ago. 2020. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/censura-nas-redes-sociais-da-gestapo-da-big-tech-nem-trump-escapou/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

WERNICK, Iddo. Os ursos polares estão vivos e bem. *Gazeta do Povo*. 20 jul. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/os-ursos-polares-estao-vivos-e-bem/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

WODAK, Ruth. The politics of fear. London: Sage, 2015.

WOODS, D. The many faces of populism: diverse but not disparate', in Woods and B. Wejnert (eds.) The many faces of populism: current perspectives, Bingley: Emerald, Research in Political Sociology 22. 2014.

YAKIN, Halina; TOTU, Andreas. The Semiotic Perspectives of Peirce and Saussure: a brief comparative study. *PROCEDIA – Social and Behavioral Science*